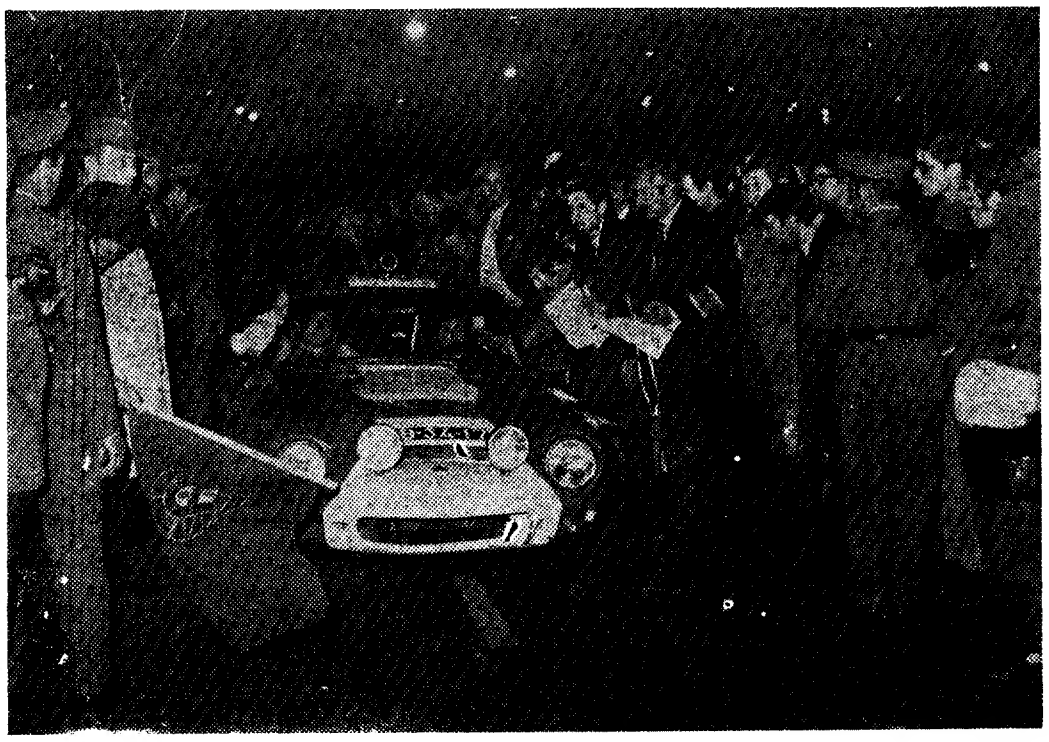
O ENSINO VISTO POR ESTUDANTES ESTRANGEIROS (EM MESA-REDONDA)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SEXTA-FEIRA, 6 DE MARÇO DE 1970 N.º 16 956 ANO 49.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA



XXI VOLTA A PORTUGAL em AUTOMÓVEL

PARTIRAM ontem de Lisboa e lá andam por essas estradas do Continente, na mais dura competição do calendário automobilístico nacional. As grandes marcas e os melhores «pilotos» estão envolvidos numa luta de prestígio em que a sorte é (pode ser) factor dominante no comportamento das 30 equipas que ainda estão em prova. Quem vencerá? (Ler, nas páginas centrais, a reportagem do nosso enviado especial)

POZZUOLI: população em pânico

POZZUOLI (Itália), 6 — (R.) — Transformou-se hoje num êxodo irreprimível o que começou como a evacuação ordeira de alguns milhares de habitantes deste antigo porto de pesca italiano.

Pouco convencidos pelas garantias dos técnicos de que não está iminente qualquer abalo de terra ou erupção vulcânica, cerca de metade dos 65 000 habitantes de Pozzuoli abandonou já a cidade.

O exodo principiou há três dias quando funcionários começaram a evacuar um «bairro de lata», no alto de uma colina, com receio de que um lento deslocamento de terras poderia fazer ruir alguns dos edifícios decrépitos.

A evacuação estendeu-se, depois, a outras partes da cidade até se transformar em panico.

O presidente do Município, Angelo Gentile, comentou: «O problema é agora fazer parar as pessoas, persuadi-las a não matarem a cidade. O objectivo era evacuar o «bairro da lata» e alguns outros bairros — não toda a cidade de Pozzuoli.»

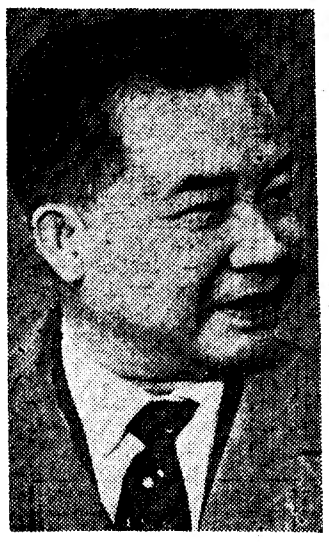
Numa situação caótica, as autoridades estão a fazer o melhor que podem.

Grandes bichas de pessoas ansiosas formaram-se junto do Município para receberem os seus bilhetes gratuitos de caminho-de-ferro e o subsídio de 30 000 liras concedido a qualquer habitante que parta.

Mães e filhos sentavam-se, desconsoladamente, em malas e peças de mobiliário nas ruas, enquanto aguardavam transporte para os levar.

Havia indícios de que a

(Continua na última página)



O PRÍNCIPE SOUVANNA PHOUMA, primeiro-ministro do Laos, revelou, numa conferência de Imprensa em Vientiane, que estaria disposto a permitir a utilização da pista Ho Chi Minh pelos norte-vietnamitas se estes retirassem das regiões mais importantes do país. (Ler notícia na pág. 10)

HOJE 36 PÁGS.
VISADO PELA CENSURA

ENSAIA-SE UM NOVO MÉTODO PARA APRENDER A FALAR FRANCÊS

Experiências pedagógicas em duas escolas de Lisboa

— É a terceira sessão consagrada á lição a que vai assistir...

Estamos numa sala de aula da Escola Preparatória Luís António Verney.

— A lição foi explicada aos alunos: como não há texto escrito os alunos sabem-na de cor. Eis o que primeiro vamos verificar.

Falamos com o prof. Bréant, responsável pelo ensino do francês. Enquanto fala, ordena «slides», introduz bobinas no gravador; assim prepara a lição que dentro de minutos começa.

— A partir da imagem projectada os alunos vão dizer onde se passa a cena, quem são os actores, porque agem de certa maneira — prossgue o prof. Bréant *— em seguida retomaremos o diálogo passando ao jogo das perguntas.*

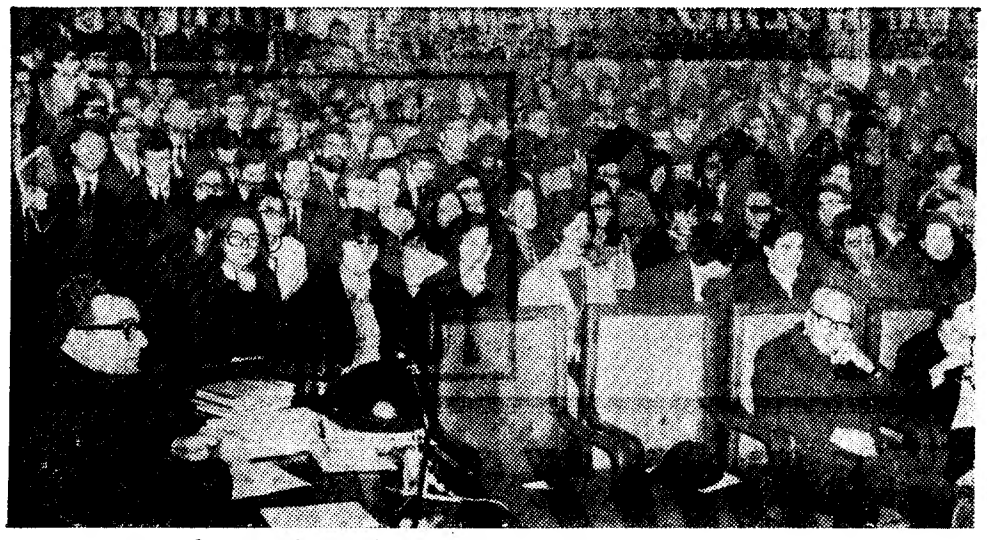
Falar antes de aprender a escrever

Relativamente ao método empregado fizémos várias perguntas ao prof. Bréamt:

— «Bonjour Line» em primeiro lugar não é, como pergunta, um método acelerado de aprender o francês. Isso pressupunha certo regime intensivo (3 a 6 horas diárias) o que aqui não sucede pois dispomos apenas de cerca de 40 minutos diários. Por outro lado — continua — *a premissa da oralidade assenta em que o «francês» é uma lingua viva. Eis porque, se procura, antes de*

(Continua na página central)

Nas faces das crianças é patente o interesse pela aula do prof. Bréant. «Ter um meio de expressão oral antes de aprender a escrita». E não só — diremos nós. Mais participação, maior dinamismo mental



A prestação de provas dos candidatos despertou o maior interesse nos meios universitários

Aprovados os três candidatos a professores de Económicas

No salão nobre da Escola Superior de Medicina Veterinária terminaram, ao princípio da tarde, as provas de concurso para professor extraordinario do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, a que se apresentaram os drs. Mário Soares Madureira, Fernando de Jesus e o prof. José Ribeiro Albuquerque. O concurso tinha sido suspenso no mês passado com fundamento na doença de um elemento do juri, e — segundo informação que nos foi dada pela secretaria do I. S. C. E. F. — o facto (inédito) da ultima prova se realizar em Veterinária deve-se ao grande interesse suscitado entre os estudantes por este concurso. Assim, houve que transferir a sua ultima prova para o que (sempre segundo a mesma fonte) é o maior salão que existe na Universidade Técnica.

E, com efeito, centenas de pessoas — na sua grande maioria alunos do I. S. C. E. F. — acorreram a presenciar as provas de hoje, enchendo aquele salão nobre. O juri, presidido pelo vice-reitor da Universidade Técnica, prof. António Maria Dodinho, era constituído pelos profs. Tiago de Oliveira e Dias Agudo, da Faculdade de Ciências de Lisboa, Jaime Campos Ferreira, do Instituto Superior Técnico e Neto Murta, da Faculdade de Ciências de Lisboa, além de todos os catedráticos em exercício (embora estivessem presentes apenas aguns do I.S.C.E.F.).

Em ambiente de grande interesse e expectativa — de que aliás também se notavam indícios mesmo no exterior da Escola Superior de Veterinária — prestaram provas (que constituíram na apreciação do *curriculum* dos candidatos) primeiro o dr. Mário Soares Madureira (arguentes: profs. Tiago de Oliveira e Bento Murteira), depois o dr. Fernando de Jesus (arguentes: profs. Leite Pinto e Bento Murteira) e, por ultimo, o prof. José Ribeiro Albuquerque (arguentes: profs. Jaime Ferreira e Neto Murta).

A começar as suas palavras, o prof. Leite Pinto, depois de uma ou outra nota pitoresca, afirmou que como não se compreende que haja um engenheiro de pontes que não faça pontes, ou um engenheiro de portos que não faça portos, também «não se compreende que um professor de Económicas não administre». E salientou, dirigindo-se ao candidato: «Isto é só um elogio».

Findas as provas, o juri reuniu, enquanto a assistência aguardava a decisão. Esta veio a ser afixada numa vitrina, e de acordo com ela os três candidatos foram aprovados em mérito absoluto. Em mérito relativo, ficaram graduados pela seguinte ordem: dr. Fernando de Jesus, prof. José Ribeiro Albuquerque e dr. Mário Soares Madureira.

DR. SOARES DA COSTA

NOVO VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA

O vice-presidente da Junta Nacional dos Vinhos, dr. Dinis Soares da Costa, é o novo vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa.

A nomeação do dr. Soares da Costa deve-se ao facto de o sr. Aníbal David, que durante onze anos ocupou a vice-presidência do Municipio, ter pedido a demissão, que foi aceite.

DE ONTEM PARA HOJE

CABO VERDE E GUINÉ

Na posse do governador de Cabo Verde, brigadeiro Lopes dos Santos, até agora segundo comandante militar da provincia da Guine, foram postas em foco as relações entre o arquipélago de Cabo Verde e a Guine. Disse o ministro prof. Silva Cunha: «A provincia tem, pela sua localização geográfica, importancia decisiva na estratégia das comunicações aereas e maritimas entre o Atlantico Norte e a Europa e o Atlantico Sul, a Africa Austral e a America. Está a cerca de 400 milhas do limite sul da area geografica compreendida no sistema de defesa do mundo ocidental coberto pela N. A. T. O. Sabe V. Ex.ª por experiência directa, dadas as funções militares que estava a exercer, que estas circunstancias fazem de Cabo Verde o verdadeiro objectivo dos que nos atacam na Guine.» O novo governador lembrou que servira na Guine e acrescentou: «Penso que alguma coisa ha a fazer no sentido do estreitamento das relações de Cabo Verde com a Guine, nos diversos sectores de actividade, com vantagem para ambas as provincias. Procurarei agir em conformidade, em plena coordenação com o governo da Guiné e com a concordancia de V. Ex.ª Deixei as Forças Armadas da Guine com magoa, mas também com a consoladora certeza de que a Guiné melhor, ali definida como objectivo primário, será um facto através da progressiva concretização da promoção economico-social das populações, desde que a retaguarda da Nação não falte com o indispensavel apoio nos sectores civil e militar, dado o papel preponderante que, na actual situação, têm as Forças Armadas para a consecução daquele objectivo.»

EXPOSIÇÃO NAUTICAMPO

Nas instalações da F. I. L., o sr Presidente da Republica inaugurou ontem o IV Salão Nauticampo. Nele se encontram expostos todos os artigos e produtos destinados aos prazeres do mar, do campo e do ar, como todo o tipo de «roulottes», algumas de grande dimensão e de luxuoso acabamento; barcos de recreio a motor e á vela, instrumentos para os apreciadores da pesca desportiva; caça e artigos de iluminação e de conforto para campismo.

DEPUTADOS POR COIMBRA

Os deputados por Coimbra, drs. José Santos Bessa, Manuel Martins da Cruz, Vitor Aguiar e Silva e Alexandre Linhares Furtado e engs José Coelho Jordão e Augusto Correia, ofereceram, num restaurante da capital um almoço aos membros do Governo naturais daquele distrito ou ligados de modo especial á urbe coimbrã pelas suas actividades profissionais — os srs prof Almeida Costa, dr. Dias Rosas, eng Rui Sanches e prof Veiga Simão, titulares das pastas da Justiça, das Finanças e da Economia, das Obras Publicas e Comunicações e da Educação Nacional, e eng. agrón Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura.

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Na Academia das Ciências falou ontem o comandante Teixeira da Mota sobre «fulas e beafadas no Rio Grande no século XV (achegas para a etno-história da Africa Ocidental)». Depois foi o professor belga Jean Hiernaux que proferiu uma exposição sobre «Diversidades biológicas dos seres humanos».

INSTITUIÇÕES DE INTERESSE SOCIAL

Na presença de diversos membros do Governo oficiais generais e outras personalidades, proferiu o dr. Azeredo Perdigão, presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian no Instituto de Altos Estudos Militares uma conferência subordinada ao tema «Organização e funcionamento de instituições de interesse social e duração perpétua — Seus problemas jurídicos, administrativos e financeiros. A posição da Fundação Calouste Gulbenkian entre as suas congéneres estrangeiras»

ATROPELAMENTO DE MORTE

Junto á Quinta das Torres, perto de Vila Franca de Xira, uma furgoneta conduzida pelo seu proprietário sr António Antunes de Figueiredo, de 41 anos, de Algodres, morador em Alverca do Ribatejo, fez uma ultrapassagem e despistou-se. Deu várias voltas sobre si mesma e foi colher um ciclomotorista que transitava em sentido oposto. Era o cortador sr. Vítor Manuel Costa Nunes, de 26 anos, de São João dos Montes. Ao hospital local chegou já sem vida.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

MONTE GORDO

Vende-se terreno com 65.000 m2. Projecto aprovado para turismo. Construção imediata caso necessário. Aceitam-se ofertas. Resposta a este jornal, ao n.º 466.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(I DIVISÃO)

DIA 8 DE MARÇO DE 1970

BRAGA-BENFICA/BOAVISTA-BELENENSES
LEIXÕES-BARREIRENSE

A C. P. realiza, no próximo dia 8, um comboio especial de Lisboa (Santa Apolónia) a Porto (Campanhã), e a Braga, e volta.

IDA	HORÁRIO	VOLTA
6-48 P.	Lisboa (Santa Apolónia)	C. 0-48
6-55 P.	Braço de Prata	C. 0-40
7-21 P.	Moscavide	C. 0-35
7-21 P.	Vila Franca	C. 0-15
11-48 C. / 12-00 P.	Porto (Campanhã)	P. 19-56 / C. 19-45
13-15 C.	Braga	P. 18.00

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia), Lisboa (Rossio), Barreiro e nas sedes dos clubes interessados.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Ruas 1 a 25 no Bairro Alto da Ajuda. (Das 8 ás 12 horas).

4.º Sector — Av.ª António Augusto de Aguiar 150 a 152. (Das 8 ás 12 horas).

5.º Sector — Rua Nova da Trindade n.os pares entre a Calç. do Duque e L.º da Trindade. (Das 8 ás 12 horas).

6.º Sector — Rua dos Bacalhoeiros n.os pares entre o Campo das Cebolas e o Arco das Portas do Mar. (Das 8 ás 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Cascais: Cascais:** Rua Fialho de Almeida, Rua Dr. João de Barros, Rua Ramalho Ortigão, Rua João Grave. (Das 8 ás 15 horas).

2.ª Zona — **Carcavelos:** Quinta dos Ingleses, Bairro Sinia na Quinta do Lameiro, P.ª da República, B.º da Cartoxeira e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Oeiras: Linda-a-Velha:** Estrada dos Biscouteiros, Rua do Malvar, Estrada da Rocha, Trav.ª do Faria, B.º da Bela Vista, Av.ª Tomás Ribeiro. (Das 8 ás 15 horas).

4.ª Zona — **AMADORA:** Av.ª Gago Coutinho e imediações, Av.ª da República e imediações, Rua Elias Garcia (parte) Av.ª Santos Matos e imediações. (Das 8 ás 15 horas).

5.ª Zona — Alfragide. (Das 8 ás 12 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Penedo Azoia, Casas Novas, Ugueira. (Das 8 ás 15 horas).

7.ª Zona — **MASSAMÁ:** Rua dos Bem Casados, Rua Tomás Carrasqueira, Casal Novo. (Das 8 ás 15 horas).

8.ª Zona — **Concelho de Arruda dos Vinhos:** Arruda dos Vinhos Quinta do Laranjeiro, Quinta da Moita. (Das 8 ás 14 horas).

9.ª Zona — **Concelho do Sobral de Monte Agraço:** Pontes de Monfalim e linha de A. T. entre Alhandra e Sobral (Das 8 ás 14 horas).

10.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Aldeia Gavinha, Merceana, Arneiro, Paiol, Vale de Bem Feito, Freixial do Meio, Freixial de Cima, Penuzinhos, Cortegana, Atalaia, Labrugeira, Olhalvo, Montegil, e linha de A. T. entre Labrugeira e Carregado. (Das 8 ás 14 horas).

11.ª Zona — **Alenquer Carregado.** (Das 8 ás 14 horas).

12.ª Zona — **Concelho de V. F. de Xira:** Vala do Carregado. (Das 8 ás 14 horas).

13.ª Zona — Vialonga, Verdelha do Ruivo, Morgados, St.ª Eulália, Santa Cruz, Mogos, Alpriate, Quintanilha, Granja do Alpriate, Alverca. (Das 8 ás 15 horas).

14.ª Zona — **Concelho de Loures:** Toda a zona industrial e camarária e linhas de A. T. entre Bobadela e S. João da Talha. (Das 8 ás 8 e das 17 ás 18 horas).

15.ª Zona — **Concelho de Santarém:** Amiais de Baixo. (Das 8,30 ás 12 horas).

FIL Nauticampo 4.º

de 5 a 15 de Março
no
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
Últimas novidades de recreio
na terra e no mar
HORÁRIO: Hoje — das 17 às 24 horas
Amanhã: — das 15 às 24 horas
ENTRADA: — 5$00

ESTA ESTRANHA LISBOA

O MAXI-CASACO COR-DE-AMORA

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Pelas travessas, a noite estava crivada de charcos com pestilências vaporosas do óleo dos carros, do vómito de tristeza da gente de casa-emprego-casa, que, àquela hora, já dormia sobressaltadamente, sob o império do despertador das seis Mas, na Avenida de Roma, ainda entrava gente para o grande cinema de lotação quase esgotada.

Chegavam mocinhas longas, de casaco e calça vermelhas ou cor de turmalina, desenvoltas na aparência, condicionada pelas pestanas postiças, pelo *fond-de-teint*, pelo *cache-col* de enforcar.

Morde o fruto da vida com todos os dentes Não hesites. O sumo é sangue e sol, exalta e envenena, mas vale a pena.

Dois capotes alentejanos a rojarem pelo chão Táxis que param, despejam os últimos retardatários Multidão, gritos e flores em anúncios luminosos. Hospital adiado, átrio de encontros mornos e felizes, magma de mitos. «Erotíssimo», com certeza. Vozes que, ao longe ainda são balidos de ovelhas, solidão pulverizada, mas solidão.

Que espero eu? Ah! sim, espero ainda a vida, na curva deste outono desencantado. E há sombras que pendem da fachada de um *snack* cheio de néon, de cristal, de música e — adivinho-as — de palavras cansadas.

Aliás, mesmo aqui, ao iniciar-se o espectáculo, para mim que ficarei de fora, todas as frases são batidas, já ouvi estes mesmos sons, que me arranham a indiferença, em páiaces e em *bistrots*, lábios que beijam e coepem no mesmo ritmo de lavar a alma de todo o lustro de jóia falsa, quero eu dizer, de promessa, de infinito, de comunhão E, ainda assim, espero

Foi então que reparei nela, também parada, espiando o rumor do largo, a aproximação dos carros, perscrutando a face de cada vulto novo a emergir da noite

Olhos de memória. Ou de ansiedade? Ou de sacrifício? De água tão azul, de porto longínquo.

Estava toda tapada, sinuosa, frágil, às vezes sacudida pela impaciência, num máxi-casaco cor-de-amora, até aos pés. Um romance na mão: «Couples», de John Updike.

À espera, como eu. Uma pista de luar — um choque eléctrico —, uma simples tira de tecido cambiante, com desenhos índios ou *hippies*, franjada, entre os seios. A cintura subida O sapato de tacão grosso, ressoando no lajedo.

Dentro em breve fecham as bilheteiras e estaremos sòzinhos aqui, cada qual aguardando o seu destino. O minuto essencial de hoje. Ou de ontem? Ou de amanhã? Não é jogo, não: sobe do nosso olhar uma lamentação que se encontra. Não estaremos acaso à espera um do outro?

O porteiro já se cansou de nos observar. Ficou deserta a entrada do cinema. Deserta a praça. As meninas das bilheteiras parolam, piam entre si, ou fazem contas serzinhos gordos engaioladas, com brandas algemas de guita, num foco de luz que soluça, como um fado Algures — valha-nos isso — o Manuel Freire canta «A Pedra Filosofal» Talvez no rádio de um automóvel, que ficou aberto Talvez no *transistor* que uma silhueta exausta, destas da noite pobre envergonhada, dissimula naquele canto escuro, no reflexo pálido da rua que estremece.

Avanço então para ela. Não. Caminhamos um para o outro, ao mesmo tempo.

Parados, frente a frente, fitamo-nos como estátuas Reflexos um do outro Quero falar. Ela também move os lábios Mas o rosto de nácar martirizado resiste. Uma doce serenidade nas pálpebras com sombra verde. A superfície do pântano. Bolhas de hesitação nos meus beiços ardidos. E nos dela o mistério renovado da existência.

Abre, de repente, o máxi-casaco Parece até que sorri E vejo. Um ninho de aranhas De alto a baixo Estendo os dedos agora fanáticos de horror, para aquela carne movediça, carne ou remoinho de sangue e muco, cheio de patas cruéis, ferida imensa de um corpo sem peito, sem ventre: o véu, a teia das aranhas enredadas, cruéis, terreno vago de ameaça, negando (sob o olhar que na face sedosa se tornou êxtase) a carícia gratuita de tudo o que já foi, do que não será mais.

Só desapertou afinal dois botões. Volto as costas. Fujo. E sinto que estou fugindo da vida — do sofrimento, dos seres que não se usam como objectos, da perpétua renovação desta novocaína-amor

RECTÂNGULOS DA VIDA

A MÃE E ÚRSULA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

A mãe era indiscutivelmente a mulher mais linda do mundo, indiscutivelmente se tal palavra fizesse parte do ainda reduzido vocabulário do rapazinho. Este olhava em volta e via as duas tias (francamente feias), as avós, coitadas, uma magra e uma gorda, um horror. As amigas da mãe não podiam comparar-se com ela, embora nada tivessem de repelente (outra palavra a ser adquirida mais tarde e a usar quando contasse a história). Na verdade não o impressionavam.

Há tempos contava história. Tem hoje quinze anos e é um rapazinho calmo, pausado, bem-falante. O pai é advogado, talvez seja por isso. Ele, porém, como é lógico, quer ser tudo menos advogado. Médico talvez, possìvelmente arquitecto, ainda não sabe.

A mãe era pois a mulher mais linda do mundo quando ele tinha cinco ou sete anos. Agora já não sabe dizer porque era ela tão bonita. Seriam os olhos que o deslumbravam, ou a voz? Mas talvez a encarasse na sua totalidade. A mãe. Ela. Bela porque era sua mãe, porque era a mulher mais importante da sua vida, porque Freud, compreende? Complexo de Édipo, não é?

Uma noite, depois do jantar, teve um enorme desgosto e lavou-se em lágrimas. Ninguém percebia a razão, pensaram mesmo em chamar o médico, falaram nisso antes de ele acabar por adormecer, soluçando. Durante horas fora como se todos os rios do mundo corressem dos seus olhos.

Estavam na sala e o pai lia o jornal e a mãe um livro, ou talvez fizesse «tricot», já não se lembrava. Mas a certa altura o pai, que tinha o costume de ler em voz alta ou de contar as notícias de maior interesse, declarou: «Diz aqui que a Ursula Andress é a mulher mais bela do mundo». A mãe sorriu, disse: «Não acho que seja a mais bonita. Há, por exemplo aquela inglesa, como se chama?» O pai interrompeu-a: «Olha que a Ursula Andress é, realmente... »

Foi então que o rapazinho começou a chorar. Os pais não ligaram choro e conversa, e estavam mesmo perdidos, sem compreender o seu «ieit motiv»: «É a mãe, é a mãe!» Adormeceu horas depois, de cansaço, ainda a soluçar e a murmurar baixinho que era a mãe. E durante dias evitou olhar para o pai, inocente destruidor de mitos.

Hoje acha a mãe absolutamente vulgar. Tal como o pai, de resto. E assegura que nenhum deles o compreende. Nada de original, portanto.

Nota do dia

A REFORMA DA REFORMA

O CONSELHO DE MINISTROS, na reunião desta semana, segundo a nota distribuída aos jornais, começou «o estudo do projecto do diploma apresentado pelo ministro da Educação Nacional sobre a carreira docente universitária». A continuação, ao que se presume, pelos dados habituais, só é de prever para quinze dias depois, já que, ao que igualmente pelos dados habituais é de presumir, a reunião da próxima semana será restrita, apenas para os membros do Governo com lugar no Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos. Se bem que, por toda a parte e entre nós, o primado do económico se evidencie na ponta das decisões necessárias, a pressão das de natureza política está a não deixar àquelas a sua evidência.

É um aspecto importante da vida universitária aquele a que se refere o anunciado projecto de diploma, pois que, embora sem se saber, naturalmente, qual venha a ser a orientação nele contemplada, aquele breve enunciado refere-se, está bem de ver, a uma série de situações que tem sido, desde há alguns anos, objecto das mais justas e severas críticas. É o problema dos professores. Quem se dispõe e quem se atreve? Quantos anos são precisos de cursos e concursos, a ganhar pouco e a marcar passo, até se atingir posição compensadora quanto mais não seja em prestígio? Mas a verdade é que, ainda por cima, o prestígio só «compensa» nalgumas carreiras.

É fácil de exemplificar. Um professor de Medicina põe à porta do consultório uma tabuleta com o título e com isso oferece um atractivo remunerador. Um professor de Direito tem mais ou menos a porta aberta para a grande administração de bancos e companhias. Um geólogo ou um engenheiro, que sejam professores universitários na especialidade, não têm grandes dificuldades em dar conta de que os atraem ao menos para consultores de empresa. Mas o triste (mesmo que seja alegre) professor de Botânica ou de Filologia, ainda que seja uma sumidade de renome internacional, quem é que o quer cá por fora para alguma coisa que dê paga em mais que honras e deferências?

Com tudo isto os atractivos são poucos. Um segundo-assistente, que se presume ou desejaria escolhido entre os estudantes mais classificados, ficará seis anos a ganhar três contos ou pouco mais, à espera de se submeter à grande e laboriosa prova de doutoramento para poder ser primeiro-assistente e cobrar mais um degrau de vencimentos, está claro que, nas condições actuais, interessa cada vez menos. Depois, se quiser seguir realmente a carreira docente, deverá resignar-se a mais um concurso para a agregação, mais outro, finalmente, para a consagração final de subir à cátedra. E tudo isto, como tem sido dito dúzias de vezes, pela escadaria da falsa pompa de um estilo de provas em que já ninguém acredita.

Está claro que estes são alguns problemas de fundo da Universidade dos nossos dias, que deixou por estas e por outras de corresponder às necessidades do ensino. Quer dizer: cresce, multiplica-se o número dos estudantes, aumenta o número de matérias para que se requerem e não há especialistas, tudo rebenta pela expressão de necessidades novas. E a tudo se há-de pensar que é possível dar satisfação com os minguados quadros docentes que são ainda, na maior parte dos casos, os de há cinquenta anos? Pior ainda: nalguns casos nem mesmo esses quadros estão preenchidos, umas vezes porque não há com quem, outras vezes porque a força dos interesses estabelecidos fecha as portas que deviam abrir-se ao menos para arejar as ideias.

É bem de crer que estas situações tenham estado todas precentes no ministro e nos seus colaboradores durante a elaboração do projecto de diploma que o Conselho de Ministros começou a apreciar e teve de deixar em suspenso para a próxima reunião. Não se sabe, claro, quais sejam as soluções previstas, mas reconhecer a presença do problema e não deixar que ele permaneça na penumbra onde só se desenvolvem os bolores é, pelo menos, um acto de fé. Pode ser pouco e pode ser tarde, mas ainda assim é útil e necessário. E quanto mais depressa melhor. Em casos tais, adiar não é ganhar tempo. É perdê-lo.

vamos ao MINHO
antônio mourão
NOVO ESTILO
confirmação de versatilidade
POVO DO RIBATEJO
O TRIGO DO ALENTEJO
VAMOS AO MINHO
TUDO BAILA NO ALGARVE
DISCO DECCA PEP 1296
À venda nos revendedores habituais e em
VALENTIM DE CARVALHO CI SARL

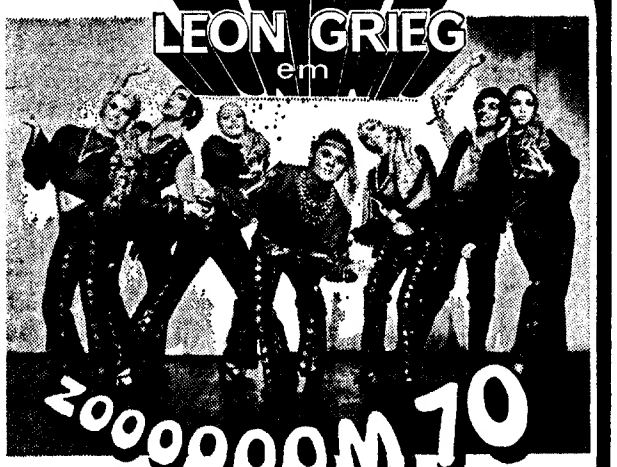
JBL LANSING
O melhor altifalante americano.
Consulte os PROFISSIONAIS DO SOM
VALENTIM DE CARVALHO
COMERCIO E INDÚSTRIA, S A R L.
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97 LISBOA
No norte: VADECA —
- R. de S.to António, 210 — PORTO

EXTERNATO NUN'ÁLVARES
LICEAL — PRIMÁRIO
ENSINO MODERNO
E EFICIENTE
DIURNO E NOCTURNO
PRAÇA JOÃO DO RIO, 2
(Arceiro — Alameda)
Telef 72 24 6?

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

les ballets de LEON GRIEG em



ZOOOOOOM 70

Produção de
ROBERT KAPIKIAN
com EDITH MAG e GAIL BRACKEN

SABBAT
vedeta da canção francesa

magia e ilusão
JOE WALDYS and partner

MARIA VALEJO

CONJUNTO JUAN DE AIZA COM TITIKA
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21anos

CAPRICE LENOIRE
SÓ NO WONDER BAR

NO CINEMA: Às 17 e 21.30
DESEJO PREVERSO
(M. 17 anos)

DISCOS Estab. MELODIA
LISBOA – R. DO CARMO, 92
PORTO – R. DE S.TA CATARINA, 660
R. DE S.TO ANTÓNIO, 56

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO ROMA

Título: «Jogo sujo» («Play Dirty»)

Realização: André de Toth, 1969 (E. U. A.)

Intépretes: Michael Caine, Nigel Davenport, Nigel Green, Harry Andrews, etc.

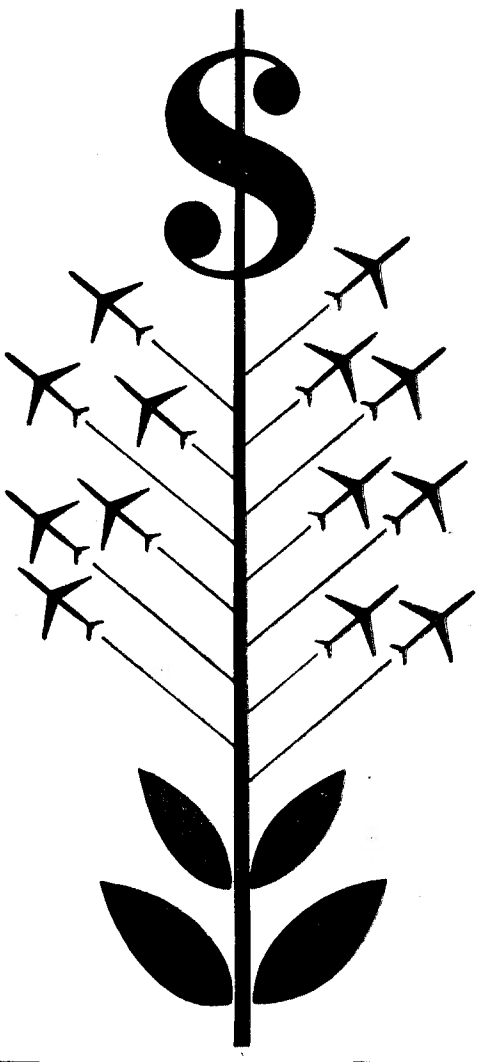
DE TOTH, UM BOM AUTOR ESQUECIDO

O velho André de Toth regressou. Autor esquecido de belos filmes ignorados (entre os quais cumpre destacar «*Caçador de Índios*», «*Sombras da Cidade*» ou «*O Museu de Máscaras de Ceras*»), regressa em boa altura com um magnífico filme de guerra. Se tivermos em conta o nível verdadeiramente inferior em que o género se encontra presentemente (com americanos e italianos disputando sofregamente os mercados mundiais para colocação de obras invulgarmente degradantes, que tiveram a sua origem nos «*Doze Indomáveis Patifes*» de Robert Aldrich), teremos mesmo de dizer que este «*Jogo Sujo*» faz figura de (quase) obra-prima. Em termos relativos, claro. Na verdade, André de Toth dirige em 1969 (quarenta anos depois de ter iniciado a sua carreira) um filme que é um libelo violento contra a guerra, e fá-lo sem sucessões de qualquer espécie, com uma dureza crítica implacável, com um ritmo de narrativa exemplar, com um humor admirável, mas quase sempre rondando o trágico e o patético.

Tudo principia por ser muito simples. Estamos em África e o cenário é a II Guerra Mundial. Há Rommel, os alemães e os italianos de um lado, os ingleses do outro. O cinema está deste ultimo. Vai contar-nos mais um «caso excepcional»: a aventura de um grupo de *comandos*, capitaneado por um oficial britânico da reserva, mas constituído, na sua grande maioria, por soldados arrancados da prisão para servir em acções especiais. Dir-se-ia que estamos na presença de mais alguns «*Indomáveis Patifes*». Excepto no cinema, onde De Toth é incomparàvelmente mais puro do que Aldrich. Mas após os primeiros passos tudo se desvia. Aqui, neste «*Jogo Sujo*», nada se limpa. Tudo se corrompe progressivamente (incluindo o capitão da reserva que lentamente vai aderindo á «lei da sobrevivência»). Assim, os criminosos libertados para a missão especial nunca deixarão de ser criminosos e acabarão todos mortos. Sem glória. O mesmo será dizer que inglòriamente, enquanto nas suas costas as altas patentes, preocupadas com um desvio de política a seguir na táctica das operações, os resolvem aniquilar, entregando-os ao inimigo mercê de um agente duplo. O «*Jogo Sujo*» será sujo até ao fim. Sem complacências. Friamente. Sem equívocos nem ambiguidades. André de Toth, um velho de coragem, ou a consciência da América. E não só.

Mas André de Toth não vale só pela coragem. «*Jogo Sujo*» não se deve perder também pela lição de cinema que é e que começa logo no genérico. E progride. Ao longo de todo o filme. Um punhado de homens arriscando a vida para fazer explodir um reservatório de combustí-

(Continua na página seguinte)



AUMENTO DE CAPITAL

- 300 000 contos de aumento de capital
- Acções em subscrição pública de 2 a 14 de Março de 1970
- Informe-se no seu Banco

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

(Continuação da pág. anterior)

vel alemão, detectado através de uma fotografia. Uma caminhada longa e dolorosa, com a morte por companheira. No deserto, com vento e areia, rochas e escuridão. O desespero que cresce ou a indiferença cultivada dia-a-dia. Finalmente o objectivo á vista. A arrancada final e o desencanto máximo: o reservatório de combustível não passa de um artifício, uma carcaça que o vento esventra, mostrando o malogro. Um pouco como «*O Tesouro da Sierra Madre*», de Huston, quando Bogart, de regresso á cidade, vê todo o ouro dolorosamente pesquisado ser levado pelo vento que lhe rasga os sacos e aniquila a aventura.

Caminhando no deserto, os *jeeps* britânicos dir-se-iam rochas esculpidas na noite. Integram-se na brutalidade da paisagem e dela participam. Existe crueldade, mas nunca gratuita. Conhece-se a traição e faz-se dela regra de sobrevivência. Em nome da sobrevivência, mata-se e deixa-se morrer. Inclusive os próprios companheiros. «Jogo Sujo», portanto.

Senhor da imagem, De Toth é, também, senhor da elipse. E do humor. Veja-se a tentativa de violação de uma enfermeira alemã, que é interrompida por um tiro de um enfermo, que atinge as nádegas de um dos violadores (o que obriga a enfermeira na imagem seguinte a sarar a ferida do assaltante).

Homem de muito saber e real talento, De Toth sabe, ainda, *apagar* o som ou distribuir a música. Como poucos. Neste aspecto, «Jogo Sujo» é exemplar.

No marasmo actual, não deixe de ver «Jogo Sujo». Um exemplo óptimo de um cinema americano (filmado em Espanha e Inglaterra) que conserva toda a riqueza dos «bons velhos tempos». De que André de Toth é um *caso*. Ignorado e esquecido. Que «Jogo Sujo» sirva para reparar o erro que ao longo de tantos anos se vem perpetuando na sua pessoa.

LAURO ANTÓNIO

• NO POLITEAMA

Título: «O expresso de Istambul»

Realização: Richard Irving

Intérpretes: Gene Barry, John Saxon

Produtores ao assalto dos comboios ou as vantagens e excitações de se viajar neles. Vítima? A S. N. C. F. O «expresso» é aprazível. Corre cidades, Paris, Veneza, Belgrado, Istambul — o Mundo, dizia Cesário que nunca viajou. Para amenizar a solidão das longas distancias, arranja-se umas pequenas, bebem-se umas coisas e vai-se mudando de indumentária made in Saville Row, como convém á passeata. Um unico obstáculo de produção: as autoridades jugoslavas não devem ter consentido que a «bel équipe» filmasse a estação de Belgrado. Paciência, faz-se em estudio com cartazes dos hollidays checoslovacos na parede do fundo. Moral da história: quem corre por gosto não cansa. Eu, sim!

J. C. M.

CONCERTO DO TRIO CHECO NO AUDITÓRIO DA GULBENKIAN

O Trio Checo, considerado um dos melhores agrupamentos europeus de música de câmara, apresentou-se ao público de Lisboa num concerto que se realizou esta tarde no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian.

O programa deste concerto foi integralmente preenchido com obras de Beethoven, prestando-se assim homenagem a este grande mestre da música, cujo segundo centenário do nascimento se comemora no ano corrente. Ouviram-se os Trios op. 70 n.os 1 e 2 e op. 97, para violino, violoncelo e piano.

O Trio Checo nasceu em Paris, onde os seus fundadores puderam ainda receber as lições de Albert Roussel e Diran Alexanian. Assim o conjunto pôde aliar a profunda musicalidade eslava ao refinamento latino. Integram o Trio Checo o pianista e compositor Josef Palenicek — seu fundador e inspirador —, o violinista Sacha Vectomov (discípulo de Rostropovitch, 1.º Prémio do Festival de Praga, 1965) e o violinista Ivan Strauss (diplomado pelo Conservatório de Moscovo e vencedor do Festival de Praga, 1966).

O reportório deste Trio baseia-se na obra clássica de Beethoven, Schubert, Brahms e Dvorak, sem prejuízo de abarcar também a mais representativa produção de outros compositores do passado e do presente.

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortavel de lisboa (ADULTOS)

HOJE, ÀS 21 H.s e ÀS 23 HORAS

GEORGINA CORDEIRO
é a mulher do comandante Kikinho na comédia

O VISON VOADOR

com

RAUL SOLNADO

IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

MÁRIA VITÓRIA (ADULTOS)

UM ESPECTACULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

• HOJE, ÀS 20,45 E 23 HORAS

• DOMINGO, ULTIMA «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

• SÓ ATÉ DOMINGO! ÚLTIMOS DIAS DA SENSACIONAL REVISTA:

ESPERTEZA SALOIA

O triunfo de um grande elenco, com:
• SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA
• BARROSO LOPES • DORA LEAL
e as atracções:
• HELENA TAVARES e «THE MELODIES»

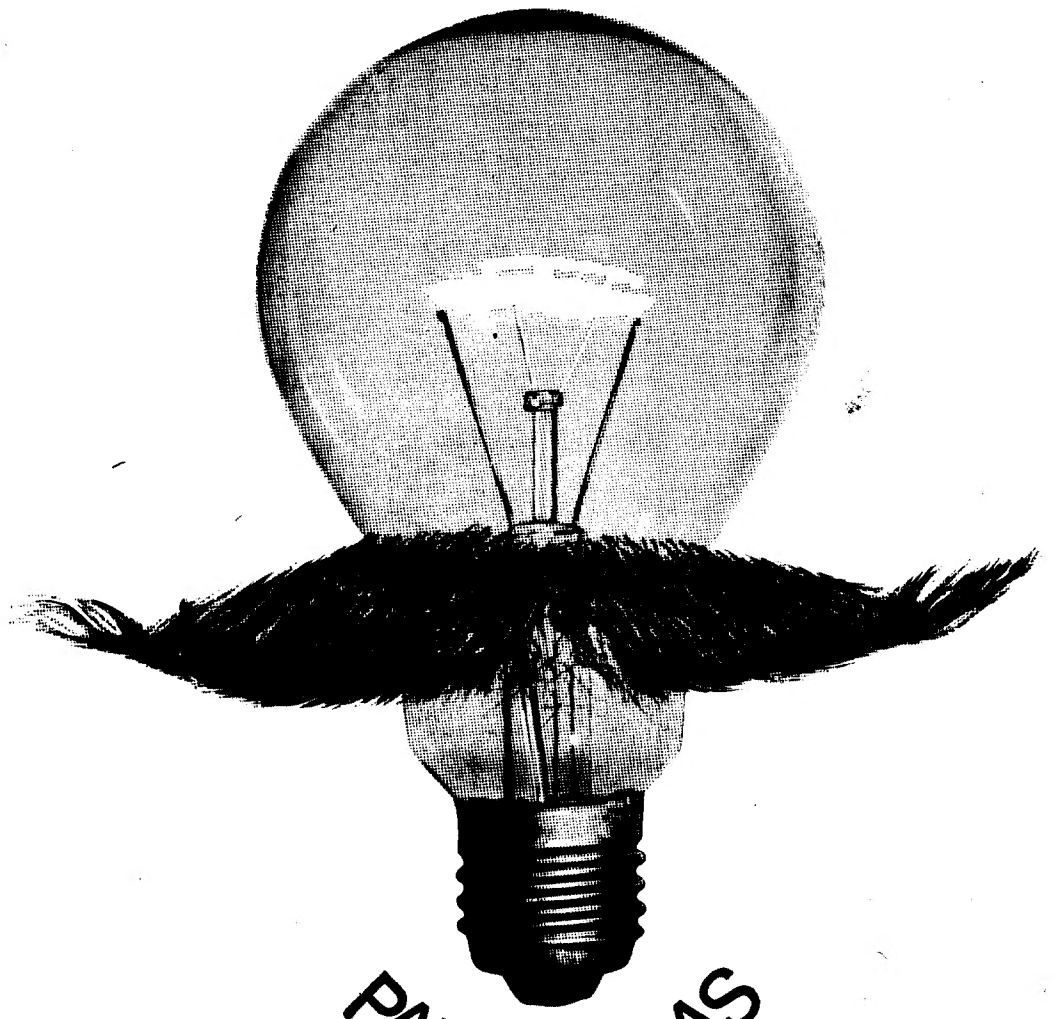
• A SEGUIR, A NOVA REVISTA-«O PRATO DO DIA»! •

MARIEMA na «Fadista Russa»

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

CS
GRÉSIL

BRILHANTE IDEIA



PARA TODAS AS COMPRAS

Retrospectiva Mc Laren no ABC Cineclube

O ABC Cine Club, organiza amanhã, pelas 21 e 45, uma sessão de formato reduzido n.. Sociedade Nacional de Belas-Artes, para apresentar a segunda parte da Retrospectiva Norman Mc Laren. Os filmes serão apresentados por Vasco Granja.

BANDA DA G. N. R.

Amanhã, a banda de música da G. N R., realiza ás 15 horas, o seu habitual concerto no Quártel do Carmo sob a direcção do maestro capitão Silva Dionísio.

«Paint your wagon» («Um saco de oiro») na versão portuguesa, é um novo filme de Joshua Logan para a Paramount, que em breve se estreará em Portugal e tem como intérpretes, entre outros, Jean Seberg, Lee Marvin e Clin Eastwood, que se vêem na gravura. A película, colorida, decorre na América de 1850, em pleno Oeste, e tem uma série de canções

UM INTÉRPRETE PORTUGUÊS «NA OLIMPÍADA DA CANÇÃO»

De 10 a 12 de Julho, em Atenas, realiza-se a terceira «Olimpíada da Canção Internacional», certame que nos anos anteriores teve a presença dos artistas portugueses Madalena Iglésias (1968) e Maria Valejo (1969), além de representação no júri por intermédio do maestro Jorge Costa Pinto.

A organização deste importante concurso musical continua a pertencer a Takis Cambas, produtor grego que controla uma vasta rede de salas de espectáculos da Europa, na Ásia, no Norte de África e nas Américas.

Por intermédio do representante em Portugal da «Olimpíada da Canção» (o empresário Artur Pereira) foi endereçado convite a alguns dos mais populares compositores no sentido de apresentarem no concurso de selecção melodias que possam ser interpretadas por um dos cançonetistas portugueses.

— *Propus à organização do festival que se desloque à Grécia um artista de entre estes nomes: António Calvário, Marco Paulo ou Suzy Paula Agora, tudo fica dependente do ritmo da canção apurada* — disse-nos Artur Pereira.

E acrescentou:

— *Portugal voltará a ter um representante no júri internacional, o que constitui (por parte de Takis Cambas) especial deferência pelo nosso País, já que concorrem ao Festival 44 intérpretes de outras tantas nações e o júri apenas integrará dez peritos em assuntos de música ligeira.*

Os prémios respeitantes às três canções mais bem classificadas no festival de Atenas são valiosos:

1.ª Composição — 60 000 dracmas (60 contos) para o autor da música, 60 contos para o autor dos versos e 30 contos para o intérprete. Haverá, ainda, estátuas de ouro (denominadas «Apollo») e medalhas de ouro para estes três premiados.

2.ª Composição — Medalha de honra e 30 000 dracmas (30 contos) para o compositor e outro tanto para o poeta. Medalha e 15 contos para o intérprete.

3.ª Composição — Medalha de honra e 15 000 dracmas (15 contos) para o compositor e outro tanto para o poeta. O intérprete receberá 10 contos e uma medalha.

Para as outras sete canções finalistas há medalhas e diplomas. Um prémio especial («Disco de Ouro») será atribuído ao melhor cançonetista do festival, independentemente do prémio de interpretação.

O prazo de apresentação das canções concorrentes termina no próximo dia 15 de Abril e as melodias portuguesas devem ser remetidas a Takis Cambas por intermédio do seu representante Artur Pereira.

Takis Cambas, o director-geral da terceira «Olimpíada da Canção»

COLISEU

AMANHÃ, ás 21.30 h.
(Maiores 12 anos)
O grandioso filme
O CONDE DE MONTE CRISTO
PREÇOS POPULARES
Amanhã e Domingo
À tarde e á noite

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

ERA CASADA.... APARENTEMENTE FELIZ... ESPERAVA UM FILHO... MAS FALTAVA-LHE O AMOR... UMA MULHER EM BUSCA DE SI PRÓPRIA... OU TALVEZ PROCURANDO AQUILO QUE NÃO EXISTE.

UM FILME DE FRANCIS FORD COPPOLA
CHOVE NO MEU CORAÇÃO
M/17 ANOS (THE RAIN PEOPLE)
TECHNICOLOR
GRANDE PRÉMIO DO FESTIVAL DE SAN SEBASTIAN
SHIRLEY KNIGHT · JAMES CAAN · ROBERT DUVALL MARVA ZIMMET
EXC. ASTÓRIA FILMES WARNER BROS.
HOJE — ESTREIA
SÃO LUIZ E ALVALADI
ÀS 21,30 ÀS 21,45

JOVENS
DOS 17 AOS 24 ANOS

Embora com prejuízo da receita total assegurada pela invulgar afluência ás representações de «A Relíquia» esgotando diáriamente a lotação do Teatro Maria Matos, mantém-se nos sábados á tarde e nos domingos á tarde e á noite a concessão do desconto de 50% aos jovens dos 17 aos 24 anos, nos lugares disponíveis com excepção das filas «A» a «E» da plateia e «E» a «I» do balcão.

Para cumprir as normas de fiscalização da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses, a venda de bilhetes com desconto apenas pode ser feita na presença do delegado da referida Sociedade uma hora antes de cada espectáculo, respectivamente ás 15 horas e ás 20.45 horas.

Com o fim de evitar a desilusão de depararem com a lotação esgotada, serão retirados da venda antecipada 50 bilhetes destinados aos jovens que se apresentem no horário estabelecido para obterem o desconto de 50%.

Os beneficiários do desconto têm de apresentar á entrada do Teatro Maria Matos o Bilhete de Identidade comprovativo da idade.

No dia em que completarem 17 anos, os jovens têm entrada gratuita como convidados de Igrejas Caeiro para assistirem a

VÁ AO TEATRO!
MONUMENTAL T. 555133 (ADULTOS)
LAURA ALVES
LAURA ALVES T. 864756 (ADULTOS)
EM 4.º MÊS

UMA COMÉDIA FRANCESA — 2 HORAS DE GARGALHADA
Todas as noites às 21.45 h.
Domingo à tarde, às 16 h.
Nos 2 Teatros: descanso das Comp.as às 2.as feiras

FORJA DE ALVES REDOL
CARMEM JACINTO DOLORES • RAMOS
nos protagonistas
Todas as noites às 21.45 h.
Sábado à tarde às 16 h.
Domingos 2 «matinées» às 16 e 18 h. À noite, às 22 h.

* Hoje RÉCITA de AUTORES
DA REVISTA
«PEGA DE CARAS»
UM ELENCO DE «VEDETAS»
• IVONE • RIBEIRINHO • NICOLAU
e FERNANDA BAPTISTA
• UM «BALLET» DE 30 FIGURAS •
2 Sessões-20.45 e 23 h. ✲ Domingo-Matinée
TEATRO ABC

A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
TODAS AS NOITES ÀS 21.45 H.
SÁBADOS E DOMINGOS TAMBÉM ÀS 16 HORAS
NO
Teatro Maria Matos TELEF. 717017
Maiores de 17 anos

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
PILOTOS «AB INITIO»
4.º CONCURSO
Habilitações: frequência de um curso universitário ou equivalente
Idade: menos de 32 anos até 15 de Abril p. f.
Situação militar regularizada
Inscrições e informações:
Os interessados devem dirigir-se com urgência à Divisão do Pessoal Navegante — Edifício n.º 25-2.º andar — Aeroporto de Lisboa.

Necrologia

FALECIMENTOS

José Dinis Monteiro Martins

SEIXAL, 6 — Faleceu no hospital de Santa Maria, em Lisboa, o sr. José Dinis Monteiro Martins, de 65 anos, profissional de escritório (aposentado) pai do nosso correspondente nesta localidade, sr. António Martins

José Dinis Monteiro Martins

O extinto, que há tempos se encontrava doente, foi durante 45 anos empregado da firma Mundet e gozava de grande popularidade na povoação de Amora, onde residia. Deixa viuva a sr.ª D. Maria da Conceição Silva e era pai também do sr José João Silva Martins

O funeral realizou-se hoje, ás 16 e 30, da casa mortuária do Hospital de Santa Maria para o cemitério do Seixal.

À família enlutada, e especialmente ao nosso correspondente nesta localidade, apresentamos sentidas condolências.

Dr. Artur Peres Fialho

S. BRÁS DE ALPORTEL, 6 — Faleceu o dr. Artur Peres Fialho, director clínico do hospital local, de 60 anos, casado com a sr.ª D. Albertina Peres Fialho e natural desta vila.

Manuel Lourenço

VISEU, 6 — Faleceu nesta cidade, o sr. Manuel Lourenço, pintor industrial.

FUNERAIS

Dr. Luís Carlos de Lima de Almeida Braga

Na casa de seu genro, eng.º António Maria de Oliveira Pinheiro Torres, na Avenida Estados Unidos da América, 80, 10.º em Lisboa, faleceu na passada segunda-feira, conforme noticiámos, o sr. dr. Luís Carlos de Lima de Almeida Braga, viuvo da sr.ª D. Concepción Pascual de Almeida Braga O sr. dr. Luís de Almeida Braga era pai do dr. Carlos Luís Pascual de Lima de Almeida Braga, da sr.ª D. Maria do Patrocínio Pascual de Lima de Almeida Braga Villas-Boas de Vasconcellos Faria, casada com o sr. dr. José Manuel Peixoto de Villas-Boas de Vasconcellos Faria, e da sr.ª D. Maria do Carmo Pascual de Lima de Almeida Braga Pinheiro Torres, casada com o sr. eng.º António Maria de Oliveira Pinheiro Torres, e cunhado da sr.ª D. Isabel Maria Lancastre de Freitas de Almeida Braga Será celebrada amanhã, ás 11 e 30, na igreja paroquial de São João de Brito, em Lisboa, missa por sua alma. Os serviços funebres estiveram a cargo da Agência Salgado

Os problemas da organização hospitalar vão começar a ser solucionados

— com prioridade para os serviços de urgência

O Ministério da Saude enviou á Imprensa, por intermédio da Direcção-Geral da Informação, a seguinte nota:

«O Ministério da Saude e Assistência, agora em estreita coordenação com o das Corporações e Previdência Social, tem vindo, diligentemente, a estudar as providências requeridas pelos mais instantes aspectos gerais e particulares da organização hospitalar, em especial os decorrentes do funcionamento do novo regime de internamento médico e da constituição e articulação da carreira médica, bem como os relativos á situação do restante pessoal, tanto de enfermagem como técnico e auxiliar.

Com a audição dos dirigentes hospitalares e dos diversos quadros interessados, tem o Ministério diligenciado estabelecer o rumo das medidas viáveis e de execução imediata, que contemplem tanto questões respeitantes aos doentes — que é o seu primacial objectivo —, como ao pessoal, e ainda ás instalações e apetrechamento.

Por outro lado e sem prejuizo destas medidas, estabeleceram-se já as bases do trabalho de maior fôlego, a realizar em prazo necessáriamente mais dilatado, para a solução global e de fundo dos problemas em apreciação.

Esta orientação honesta e aberta tem sido transmitida aos diversos graus da organização hospitalar, em especial quanto aos Hospitais Centrais e dela se dá conhecimento, embora em termos naturalmente resumidos, ao publico em geral.

O Ministério da Saúde anuncia medidas imediatas para benefício dos doentes, do pessoal e das instalações e apetrechamento hospitalar.

É na sequência da mesma orientação que se deliberou dar tratamento prioritário á melhoria das condições existentes nos Serviços de Urgência dos Hospitais Civis de Lisboa e Hospitais de Santa Maria e São João e nos outros diversos serviços hospitalares centrais em relação ás suas carências mais notórias.

Por sua vez, e no que respeita ao pessoal, serão dentro em breve publicadas disposições que, no condicionalismo existente em meios organicos e financeiros, possam contribuir, embora a título transitório e até se conseguir a solução global já citada, para o mais justo acerto da situação.

Tudo se tem conduzido, por parte do Ministério da Saude e Assistência, no sentido de séria e equilibradamente traçar, no seu domínio, uma política a curto e a médio prazo que corresponda, de forma crescente, ás necessidades e aspirações do publico e dos respectivos profissionais, e que se integre no ambito vasto de uma política coordenada de Saude.»

CRIME GRAVE

COVILHÃ, 6 — D. Maria Cândida Paulo Rato Soares, casada com José Pereira Soares, feirante, residentes em Malpique, da freguesia de Caria, Belmonte, apresentou queixa, no posto da G. N. R. de Caria, contra o marido, acusando-o de crime grave na pessoa de uma filha de 12 anos.

O comandante do posto, 2.º cabo Moura, foi ao encontro da patrulha constituída pelos guardas José António Soares e Domingos Antunes Grancho, e prenderam o acusado, o qual confessou o crime.

Acompanhado do processo, foi remetido ao tribunal da comarca, donde transitou para a cadeia, aguardando julgamento.

REUNIÃO DA GILLETTE PORTUGUESA VEM AÍ UMA NOVA LÂMINA — A «GILLETTE PLATINA»

Realizou-se em Sesimbra uma reunião da Gillette Portuguesa, a que estiveram presentes o director e os vendedores daquela companhia.

No decorrer dos trabalhos, foram comentadas as actividades do ano transacto, tendo-se traçado as directivas gerais para o ano de 1970 e abordado vários temas de interesse geral, de entre os quais se destaca o lançamento de um novo produto: a lâmina de barbear Gillette Platina.

«*As lâminas de duplo gume Gillette Platina, representam o primeiro avanço significativo na técnica do barbear desde a produção, em 1964, da lâmina de aço inoxidável Gillette Super Silver.*»

Foi assim que o presidente da Companhia Gillette Safety Razor descreveu um novo avanço cientifico no campo dos gumes de lâminas de barbear, incondicionalmente garantido para proporcionar ao homem mais de tudo aquilo que ele procura no barbear... barbas mais escanhoadas, maior suavidade, maior conforto. O segredo para as extraordinárias qualidades da Gillette Platina reside numa nova liga que combina as mais úteis características da platina e do crómio.

A nova liga dá à Gillette Platina os gumes mais fortes e rijos até agora conseguidos numa lâmina de barbear... mais fortes até que o melhor aço industrial. E acrescentou o presidente da Companhia: «*Ao mesmo tempo, graças à combinação de platina e crómio nas justas proporções, obtem-se um grau extraordinàriamente elevado de resistência à corrosão, para os gumes da lâmina, excedendo em muito a muito mais baixa durabilidade química do crómio puro*».

Vinte anos de pesquisas

A Gillette Platina representa o resultado de mais de vinte anos de pesquisas realizadas pelos cientistas da Gillette. «*A questão estava em conseguir aproveitar as vantagens de uma combinação de metais e, ao mesmo tempo, eliminar as desvantagens*», disse o presidente. «*A platina é um metal precioso, cinco vezes mais caro que o oiro, e, entre todos, o mais durável quimicamente. O crómio puro, usado por outras companhias nos gumes das suas lâminas, é menos durável e tem um índice mais baixo de dureza e resistência à corrosão que a nova liga da Gillette.*»

O recente desenvolvimento de equipamento especializado permite, ainda, a aplicação desta liga de platina nas lâminas de aço inoxidável numa película microscòpicamente fina, através de uma nova técnica de deposição por descargas iónicas, tornando os gumes mais fortes que quaisquer outros até hoje obtidos.

Esta jornada de labor e convívio terminou com um belo jantar no restaurante do Hotel do Mar, onde a reunião se efectuou.

PREÇOS VÁLIDOS ATÉ 16 DE MARÇO NOS 8 «MODELOS»

ÓLEO FULA ALIMENTAR
2 POR 32$50
EM VEZ DE 35$00

CREAM CRACKER TRIUNFO
SÓ 8$40
EM VEZ DE 10$50

MILO 400 gr.
SÓ 29$50
EM VEZ DE 37$50

CHÁ TETLEY
2 POR 7$90
EM VEZ DE 10$00

PASTA DENTRÍFICA GOLGATE GIGANTE
SÓ 11$80
EM VEZ DE 15$00

TOMATE PELADO MODELO
1,300 SÓ 6$80
EM VEZ DE 9$00

Supermercados MODELO
ONDE O SEU ESCUDO VALE MUITO MAIS
SALDANHA · MISERICÓRDIA · ALMIRANTE REIS · ESTADOS UNIDOS
FERREIRA BORGES · LUMIAR · BENFICA (PALMEIRAS) · AV.DA ROMA

ÊXITO! ÊXITO!!
ÚNICO EM LISBOA
MÚSICA TZIGANE
PELA ORQUESTRA
DE
MAURICE TOUBAS
TUTTI MUNDI DRUGSTORE
VIVA ALGUNS MOMENTOS DE BELEZA COMO NOS LOCAIS MAIS ELEGANTES DE BUDAPESTE, VIENA, PARIS E DA VELHA RÚSSIA
CHÁ DAS 17 ÀS 19 H. (Maiores de 6 anos) E NO JANTAR DAS 21 H EM DIANTE (Maiores de 12 anos)
ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA
GARAGE PRIVATIVA
ACEITAM-SE MARCAÇÕES DE MESA PELO
TELEF 71 40 21 AV. ROMA, 48-B

PRÉDIO
AOS ANJOS
Construção antiga, composta de 5 pisos, hab. 5 div. soalhadas, cozinha, casa de banho, corredor.
Rendimento — 73.400$00
Preço — 1.300.000$00
MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio, 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

XXI VOLTA A PORTUGAL em AUTOMÓVEL

Um carro de série (BMW 2002) conduzido por Jorge Nascimento no comando da competição

REDONDO, 6. — (Pelo telefone, do nosso enviado especial Avelãs Coelho). — **Depois de uma noite verdadeiramente fácil, em estilo «passeio turistico», a XXI Volta a Portugal em automóvel, é comandada por um carro de série, um automóvel não muito diferente dos que se podem adquirir, hoje mesmo, num «stand» qualquer. Trata-se do «BMW 2002» (n.º 32) da equipa Jorge Nascimento-Manuel Coentro.**

Tendo em conta outras máquinas muito mais potentes, postas em liça, o facto não pode deixar de se revestir de um certo sensacionalismo, embora vários factores (estamos no princípio da prova...) lhe confiram valor muito mais relativo que absoluto.

O que se não põe em causa é o virtuosismo do condutor que, de prova em prova, vem firmando uma ascencional carreira.

Muitos concorrentes e muito público à partida de Lisboa

Quando ás 22 horas de ontem o dr Boavida Portugal baixou a bandeira de partida no Parque Eduardo VII para a XXI Volta a Portugal, a mais dura competição do nosso calendário automobilístico e, sem duvida, a mais tradicional, era grande a expectativa.

O primeiro carro a sair foi o «Lancia Fulvia HF», de Miguel Correia-Francisco Teixeira. Seguiram-se os restantes concorrentes com intervalos de 2 minutos.

O «Lancia» (n.º 5) de Vidigueira-Alcaria, partiu já com o motor a falhar pelo que teve de receber assistência mecanica logo após a saída.

Pouco depois, foi a vez de iniciar o «rallye» o sul-africano Van Vergen («Datsun 1600 SSS») que toma parte na «Volta» por ter ganho o «Prémio Somap», atribuído ao vencedor do «Rallye» Internacional da Beira. A suave beleza da sua «pendura» — sua mulher também — provocou uma natural onda de curiosidade...

Dos 34 inscritos, apenas não alinharam Perez Blanco-Nuno Nobre e Sarmento Rebelo-Rodrigues Ferreiro, esta ultima equipa porque o seu «NSU 1200» foi abalroado por outro veículo alguns minutos antes do início da prova, junto ao Estádio do Restelo.

Avarias no «passeio»

De Lisboa a caravana dirigiu-se para Setubal, Alcácer do Sal, Santiago de Cacém e Odemira, onde se verificou a primeira desistência. Vidigueira ficou sem luzes por avaria no alternador, não podendo prosseguir.

Depois da Serra de Monchique, Fernando Baptista sofreu uma avaria no distribuidor do seu «Austin 1800 MK2» tendo penalizado 20 segundos. Chegou-se, finalmente, á primeira zona selectiva desta etapa, a «florestal» da Barragem do Arade: uma estrada sinuosa, entre colinas, com piso de macadame, com muitas pedras soltas.

Todos os concorrentes penalizaram sendo o mais rápido Jorge Nascimento, com 54 segundos. Seguiram-se Van Vergen com 1 m e 7 s, Heitor Morais com 1 m e 15 s, Luís Neto com 1 m e 16 s, Francisco Santos com 1 m e 17 s, César Torres com 1 m e 21 s, Fernando Baptista com 1 m e 23 s, Carpinteiro Albino com 1 m e 24 s, etc.

Apesar do carácter «suave» do percurso um acidente e vários incidentes mecanicos deram já que falar. O «Vauxall Viva GT», de Osvaldo Oliveira - Alberto Carvalho, despistou-se próximo de Cachopo entre Barranco do Velho e Mértola, ficando sériamente danificado, mas nada acontecendo aos concorrentes.

César Torres tem avarias eléctricas no seu carro, Fernando Baptista partiu a suspensão do lado direito e Melville debateu-se com problemas de aquecimento no seu «Datsun 1600 SSS».

Em Elvas, o primeiro concorrente chegou cerca das 10 e 33 horas.

Vidigueira - Alcaria, em «Lancia Fulvia HF»: a primeira equipa a abandonar a prova

JÁ NÃO É «PESADO» APRENDER FRANCÊS

(Continuação da 1.ª página)

mais, ter um meio de expressão oral isto é, fazer falar os alunos, e só depois ensinar-lhes a escrita.

O programa pedagógico deve dinamizar as potencialidades pensantes do sujeito. Justamente, a participação implicita no ensino dialogante, oralizado, estimula o desenvolvimento mental da criança muito mais aliás, que o acto tradicional de baixar a cabeça para o livro e aprender a ler e a escrever quase sózinho.

Pusémos esta questão de «métodos e desenvolvimento mental» ao prof. Bréant.

— *Não posso ainda afirmar que obteremos melhores resultados assim. Isto é ainda um banco de ensaio. Todavia veja você próprio, os alunos e o seu comportamento. Melhor do que eu poderá então concluir.*

Não descobrimos a pólvora...

Estas tinham sido as palavras do director da Escola Luís António Vernay.

— *É apenas uma experiência e o seu valor reside nisso mesmo — tinha acrescentado.*

Na conversa que com ele decorrera, depreendemos que fazia algumas reservas teóricas ao emprego de tal método, parecendo-lhe por exemplo que tendia para uma certa falta de humanização, ou que era muito mecanista, quase criando uma prática de reflexos condicionados ao nivel da resposta comportamental das crianças.

Todavia, não hesitava em reconhecer que os alunos aprendiam, verificação também corroborada pelos pais dos alunos.

Eis porque, aguardámos a entrada, alegre e tumultuosa, dos alunos, cuja idade não ia além dos 10 anos.

Eis ainda porque iriamos observar sucintamente as suas reacções (e nivel de interesse e conhecimentos) proposta, aliás, do prof. Bréant.

O que vimos e ouvimos confirmou a tese. O professor formulava uma pergunta referente a um personagem, a uma coisa, a uma situação, e as respostas surgiam de vários lados, simultâneas, certas ou erradas, a muitas vozes ou a menos, sempre porém com um manifesto e descontraido prazer de jogar ao francês e de aprender dizendo, participando, identificando, estabelecendo relações para corrigir os erros ou acrescentar pormenores.

Tinhamos, finalmente, a impressão agradável de que o prazer do recreio conquistava soturnidade pesada da sala de aula, magistral, repressiva e atemorizante, libertando tanto o ensino como a prendizagem daqueloutra ideia mortificadora de «temos que aguentar isto o melhor que pudermos para o esquecermos o mais rápidamente que quisermos».

Em Lisboa, também na Escola Francisco Arruda os métodos tradicionais do ensino da lingua francesa cederam o passo (experimentalmente) ás tentativas audiovisuais.

Soubemos, todavia, que não se utilizava o mesmo método da Escola Luís António Vernay. Procurámos saber qual era, em que consistia e qual a razão da escolha diversa, aqui registada. Respondeu-nos o prof. Raymond:

— *A escolha de «Frére Jacques» (alusão á cantiga infantil, como sabe) não foi da minha responsabilidade. A ideia é antes das autoridades escolares que assim, nesta fase de experimentação, aproveitam a diversificação dos métodos para verificar as analogias e diferenças no campo, por exemplo, dos resultados obtidos.*

E acrescentou:

Aqui fazemos testes qua-

ESTE HOMEM ESTÁ CONDENADO À MORTE

Edgar Smith, o autor da obra "NA CASA DA MORTE", agora editada em português.

A luta sem tréguas de um homem pobre e inculto, encerrado na Casa da Morte de uma penitenciária norte-americana.

NA CASA DA MORTE

Colecção "Século XX"
440 páginas, 60$.

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
APARTADO 8 — MEM MARTINS
R. das Flores, 45, 2.º — Lisboa
R. de Entreparedes, 6, 2.º — Porto

MINTEX
CINTAS • CALÇOS • DISCOS
PARA TRAVÕES E EMBRAIAGEM
REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AV. DA LIBERDADE, 73-79 LISBOA

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS ANTIGAS E MODERNAS
Compramos pelo mais alto preço.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

COM TAKY NÃO HÁ PROBLEMAS PARA A MULHER MODERNA
TAKY
O DEPILATÓRIO FRANCÊS QUE ELIMINA OS PÊLOS EM POUCOS MINUTOS
SEM DÔR SEM IRRITAÇAO

«PARA UMA VIDA FEI

De 25 de Fevereiro a 8 de Março — Noites de semana, às 21 horas — às 16 horas — Entrada p/ maiores de 12 anos — Vá ao Pavilhão do ouvir a mensagem cristã do

DR. JOHN HAGGAI

NOS INTERVALOS PODERÁ OUVIR COROS E MÚSICA CORAL

CORAL DE BACH

SOLISTAS

EVIO DE OLIVEIRA / FÉLIX SNIPES / SARA CATARINO / ADELINA BASTOS / ELSA OLIVEIRA

Uma iniciativa do movimento dos homens cristãos de negócios

OS CONVITES (GRATUITOS) PODEM SER LEVANTADOS NO PRÓPRIO DIA, A PARTIR DAS 1 BILHETEIRAS DO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

A ENTRADA AOS SÁBADOS, À NOITE, E AOS DOMINGOS, ÀS 17 HORAS. É TAMBÉM EXTENS DE 6 ANOS

«Ter um meio de expressão oral antes de aprender a escrita»

se inteiramente orais embora já haja uma sensibilização á lingua escrita.

Tentámos que o prof. Raymond explicitasse mais a sua afirmação e ele disse-nos:

— *Paralelamente ao esforço oral, mostra-se aos alunos que podem utilizar para a comunicação outros códigos e que a escrita desempenha precisamente essa função.*

E deu um exemplo:

— *Os alunos são capazes de imaginar um diálogo. Pois bem a sensibilização é fazer-lhes ver que há outros códigos em que é possível expressar esse diálogo.*

Falando sobre outras diversidades do «Frère Jacques» relativamente ao «Bonjour Line», o prof. Raymond agregou:

— *Nós não utilizamos projecções A imagem projectada está feita, é um dado. Aqui servimo-nos de «figurinos» (espécie de cartões com figuras incompletas) nos quais o carácter de liberdade imaginativa e espontaneidade de escolha é obviamente maior.*

O que a prática ensinou

Pedimos ao prof. Raymond que formulasse algumas conclusões derivadas da prática do seu ensino.

— *Parece-me que* — disse — *se procurássemos as condições ideais teríamos de reduzir o número de alunos (que é de 24, com idades entre os 10 e os 14 anos).*

Por outro lado — prosseguiu — *este método deve dirigir-se a crianças de idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos.*

Sobre a razão de tal limite esclareceu:

— *Quanto mais as crianças ultrapassam esta idade, mais difícil é a experiência. Isto porque a acção pedagógica em causa incide sobretudo na capacidade de jogo e na existência de uma sensibilidade ainda não codificada.*

E concluindo:

— *Acho que o método deve ser escolhido pelas suas qualidades pedagógicas, mas o factor mais importante é a idade daqueles a quem se destina.*

Esta é a hora de repensar os direitos do profissional da Informação no nosso País

— disse Silva Costa, novo presidente do Sindicato dos Jornalistas

«Nós não queremos enfileirar entre os supercidadãos de uma sociedade subdesevolvida. Temos, porém, o direito e o dever de promover que sejam garantidas aos profissionais da Imprensa as condições de vida adequadas ás necessidades vitais de uma pessoa humana sujeita a obrigações particulares e incumbida de tarefas decisivas para o futuro de toda a comunidade» — afirmou o novo presidente da direcção do Sindicato dos Jornalistas o nosso camarada Silva Costa, chefe da Redacção adjunto do «Diário de Lisboa», no seu discurso durante a cerimónia da tomada de posse dos corpos gerentes do organismo, eleitos para o triénio 1970-72.

O acto que decorreu, esta tarde, na sede do Sindicato registou a presença de grande número de jornalistas. Presidiu o nosso camarada José Estêvão Santos Jorge.

O discurso do presidente da assembleia geral cessante

Assinado o auto de posse, o presidente da assembleia geral cessante, o nosso camarada José Estêvão Santos Jorge, fez um discurso *(«duas palavras apenas, que o tempo é curto e o trabalho é imenso»)* em que, após vários agradecimentos, afirmou ter-se havido *«sempre com a isenção que o lugar exercido lhe exigia»*. A propósito, salientou:

— *Se todos, porém, se queixaram de não terem visto as suas pretensões favorecidas pelo presidente cessante da mesa da assembleia geral, que não pode ser acusado de demagógico nem de autoritário, pois são conhecidos a humildade e o espírito de tolerancia que o caracterizam, é natural que sinta fortalecida a sua consciência para o absolver de qualquer acusação de parcialidade — que seria, em todos os casos, involuntária.*

Afirmou, em seguida:

— *A segunda palavra é de esperança. Esperança nos colegas que se dispuseram a arcar com a responsabilidade das grandes tarefas que á direcção do Sindicato cabe executar. Torna-se desnecessário enumerá-las, tão conhecidas são de todos nós. Lembrar-se-á apenas que, depois de algumas regalias materiais, alcançadas vão decorridos três anos, não se avançou mais. Sem esquecer o êxito que registou o primeiro curso de jornalismo, retrocedeu-se, até, em certos aspectos fundamentais para a dignificação da nossa profissão, por se ter deixado de acompanhar, com a devida atenção e a necessária persistência, iniciativas que tinham começado sob os melhores auspícios e depois se transformaram em problemas muito difíceis de resolver.*

E, a finalizar:

— *Ninguém duvidará que jamais uma direcção deste Sindicato teve sobre os ombros tanto trabalho como esta que hoje entra em exercício. Os colegas que a compõem, a avaliar pelas afirmações produzidas e pelas atitudes tomadas, parecem ter perfeito conhecimento da grandeza e da complexidade da missão que aceitaram, e bem assim, das dificuldades que irão encontrar. Precisam, no entanto, para que se atinjam os objectivos por que todos ansiamos, do apoio de toda a classe, que mostra ter, felizmente, tomado consciência dos seus deveres e dos seus direitos. Que este apoio nunca lhes falte é o voto que se formula ao desejar-lhes felicidade — na acção e nos contactos com todas as individualidades de quem dependa a satisfação das aspirações dos jornalistas.*

Não temos ilusões sobre as dificuldades que nos esperam — afirmou Silva Costa

Seguidamente, o presidente da direcção empossada fez o seguinte discurso:

«Chegamos aqui — e posso dizer que chegamos com alguma surpresa? — por vontade da classe que nos elegeu para «estudo e defesa dos interesses profissionais dos jornalistas». Falei na vontade da classe, pois é nesse sentido unitário que interpreto o resultado das eleições sindicais e o movimento de apoio que depois delas espontâneamente se manifestou. Parece me legítimo e útil conferir especial significado á mensagem de congratulação que me dirigiu o Presidente da Direcção cessante: «Confio em que o Sindicato prosseguirá a dignificação e valorização da classe, sob a tua orientação» — diz o telegrama de Pereira da Costa. Mas todas as afirmações de confiança, inclusive as dos votos eleitorais, distinguem-se por uma característica que importará sublinhar neste momento: são créditos abertos sem contrapartida, uma vez que os novos corpos gerentes nem sequer se comprometeram a tomar posse... Quero dizer que não fizeram um programa nem distribuiram promessas. E com isso adianto um motivo de orgulho e um penhor de reciprocidade: a classe mostrou confiar na nossa consciência profissional e na nossa idoneidade moral; nós viemos porque acreditamos que tais atributos qualificam a imensa maioria dos jornalistas portugueses, em cujo esclarecido espírito de classe queremos e teremos de apoiar toda a futura acção sindical.

«Esta é a hora de repensar totalmente a função, a responsabilidade, as obrigações e os direitos do profissional da Informação em Portugal. A Constituição que nos rege e que nos importa fundamentalmente num Estado de Direito, reconhece á Imprensa uma função de carácter público». Numa como hoje foi tão grande a necessidade de estar informado, nem tão extenso e frequente o reconhecimento dessa necessidade.

Já se não fala apenas no direito á liberdade de Imprensa: reivindica-se o direito de acesso á informação e o direito á liberdade de circulação da informação. Em Portugal parece que teremos em breve uma Lei de Imprensa que decerto regulará a liberdade de informação, mas poderá, mesmo assim, contribuir para um tempo novo nas comunicações de massa no nosso País — se forem tomadas em conta as aspirações históricas dos profissionais do jornalismo, ainda há pouco evocadas num documento aprovado pela assembleia geral do nosso Sindicato. E é talvez de supor que a exigência de participação dos jornalistas na responsabilidade dos órgãos de informação, agora comum a quase toda a Imprensa europeia, se afirmará entre nós com a intensidade e a profundidade que já atingiu na França ou na Itália.

«Esta conjuntura reclama dos jornalistas portugueses um esforço excepcional de actualização e um alto nível de competência. É quase um lugar comum, mas convém repeti-lo: a informação livre passa pela revalorização moral e material da profissão de jornalista. A figura do profissional da Imprensa, e sobretudo a entidade formada pelo conjunto de profissionais de cada Redacção, aparecem cada vez mais, no Mundo capitalista, como garantes da liberdade de informação e da independência editorial, perante a ameaça de ingerência estatal ou monopolística.

«Não se julgue, porém, que

(Continua na 14.ª página)

A POSSÍVEL CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO DOS ESPECTÁCULOS

O presidente da Corporação de Espectáculos enviou ao nosso director a seguinte carta:

«Cumpre-me agradecer a publicação na secção «De vez em quando» da edição de ontem, do jornal que V. tão superiormente dirige, do comentário referente á sugestão que em data recente tive ocasião de apresentar relativamente á construção, em Lisboa, de um edifício onde se instalassem todos os organismos de algum modo ligados ás actividades dos espectáculos.

Veio esse jornal apoiar generosamente aquela ideia, como órgão prestigioso da Imprensa — que na mesma ocasião considerei a melhor advogada e porta-voz das causas justas dos espectáculos.

Impõe-se, no entanto, o esclarecimento de que o problema da construção do chamado «Palácio dos Espectáculos» está a ser apreciado com o maior empenho e interesse pelas entidades competentes, mas carecendo de tempo, considerada a grandeza do empreendimento, que de nenhuma forma se compadece com a urgência implícita nos termos do comentário em referência.

Agradeço a publicação deste esclarecimento e renovo os meus agradecimentos pela atenção que esse jornal sempre dispensou aos problemas dos espectáculos.»

ELIZ»
ras — Domingos,
dos Desportos
L
SARA
EIRA
ócios
DAS 19 HORAS. NAS
EXTENSIVA A MAIORES

EXCURSÃO
LISBOA-OSAKA
(9 DE MAIO — 4 DE JUNHO)
COMUNICADO
Informamos os nossos clientes de que seremos forçados a encerrar dentro de dias, as inscrições para OS POUCOS LUGARES QUE NOS RESTAM, nesta sensacional excursão à Feira Mundial EXPO'70.
INFORME-SE DO NOSSO PLANO DE CRÉDITO
RUA ROSA ARAÚJO, 2 (Esquina da Av. da Liberdade) Telef. 53 69 71 — LISBOA
Melia

JÓIAS
Antigas e modernas. Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
Telef. 32 45 64

ACABA DE SAIR
DICIONÁRIO DE ERROS
E PROBLEMAS DA LINGUAGEM
pelo DOUTOR RODRIGO DE SÁ NOGUEIRA
UMA OBRA DE GRANDE INTERESSE E OPORTUNIDADE
1 VOL.: 70$00
CLÁSSICA EDITORA / Restauradores, 17 / Lisboa

Actualidade internacional

Conflito entre o Governo e dois jornais peruanos

LIMA, 6 — (R.) — A expropriação pelo Governo de dois jornais da oposição causou nesta capital uma grande disputa, com dois outros periódicos atacando a medida como um «ultrage á liberdade de Imprensa» e partidos oposicionistas denunciando-a como «ditadura».

O Governo expropriou os jornais «Expresso» e «Extra» — os seus críticos mais declarados — nos termos de um decreto emitido anteontem, e enviou tropas e Polícia para ocuparem as suas instalações.

Declarando a expropriação como sendo «no interesse social», o Governo anunciou que os jornais, propriedade da editora nacional S. A., seriam, no futuro, administrados por uma cooperativa de jornalistas e sindicatos de tipógrafos.

A expropriação foi a terceira medida do Governo do presidente J. Velasco Alvarado desde que publicou em Dezembro ultimo a sua primeira lei de Imprensa, que proibia a publicação no país de jornais por estrangeiros ou peruanos vivendo no estrangeiro.

A segunda lei de Imprensa, publicada em 6 de Fevereiro, obrigava os jornais a publicarem «artigos de opinião» pelos seus redactores e ameaçava com multas os editores que se recusassem a fazê-lo.

O DR. TIMOTHY LEARY abandona o tribunal de Houston, no Texas, depois de ter sido condenado a dez anos de prisão por contrabando de marijuana.

Ameaça das Forças Armadas Revolucionárias da Guatemala

CIDADE DA GUATEMALA, 6 — (R.) — Um homem, que afirmou ser membro das Forças Armadas Revolucionárias, que, na semana passada, raptaram o ministro dos Negócios Estrangeiros, Alberto Fuentes Mohr, ameaçou, ontem, á noite, levar a efeito uma acção mais drástica nesta capital, a não ser que os guerrilheiros capturados fossem libertados pelo Governo.

O dr. Fuentes Mohr foi raptado na sexta-feira passada, apenas dois dias antes da eleição geral, quando elementos da F. A. R. fizeram parar o seu automóvel perto da sua residência, nos suburbios da capital. Armados com revólveres e metralhadoras, os guerrilheiros ameaçaram matá-lo se a Polícia não libertasse José Vicente Giron Calvillo, de 24 anos.

Após um dia de consultas urgentes, o Governo soltou Giron em troca da libertação do ministro. Giron foi entregue na Embaixada mexicana e partiu, mais tarde, de avião, para o México.

Ontem, em telefonemas para as redacções dos jornais, o desconhecido, que afirmou pertencer á F. A. R., disse que os guerrilheiros «agirão drásticamente, como no caso do ministro Fuentes Mohr», a não ser que o guerrilheiro José Aguirre Monzon, preso anteontem, á noite, por agentes dos Serviços Secretos militares, fosse libertado rápidamente ou julgado.

O homem que telefonou não especificou que forma a acção assumiria.

Cinco portugueses feridos num acidente na Alemanha

COLÓNIA (Alemanha Federal), 6 — (A.N.I.) — Cinco portugueses ficaram feridos num grande acidente de viação na região alemã de Bruhl, próximo desta cidade.

Dirigiam-se de automóvel para o trabalho José Martins, António Martins, Rosa Martins, Manuel Pereira e Deolinda Pereira. Durante uma manobra de ultrapassagem, o carro, conduzido por António Martins, foi chocar com outro, que vinha em sentido contrário e cujos quatro ocupantes morreram.

Nos dois veículos, embateram depois mais oito viaturas, tendo-se registado onze feridos, entre os quais os cinco portugueses, que ficaram hospitalizados em Colónia.

Quatro funcionários da Polícia presos nos EUA

NOVA YORK, 6 — (R.) — O F. B. I. comunicou a noite passada a prisão de 11 homens, incluindo quatro funcionários da Polícia do Estado de Nova York, e um notório chefe da Mafia, por acusações de jogo e corrupção.

O F. B. I. revelou que a alegada rede de jogo estava empenhada em actividades de apostas em desportos ilegais e corridas de cavalos.

John Malone, director da repartição local do F. B. I., revelou que dinheiro, férias pagas em Porto Rico, automóveis e outras coisas eram oferecidos para conseguir protecção para os réus.

O F.B.I. acrescentou que os 11 homens poderão ser condenados a 15 anos de cadeia e a uma multa de dez mil dólares ou a ambas as coisas.

O primeiro-ministro do Laos permitirá (condicionalmente) a Hanói o uso da pista Ho Chi Minh

VIENTIANE, 6 — (R.) — O primeiro-ministro Príncipe Souvanna Phouma afirmou hoje que permitiria aos norte-vietnamitas a utilização da pista Ho Chi Minh, através do Sul do Laos, se retirasse do resto do país.

O príncipe disse numa conferência de Imprensa: «Informei, o ano passado, o embaixador do Vietnam do Norte, de que aceitaremos a utilização da pista pelas tropas norte-vietnamitas com a condição daquelas forças retirarem das regiões importantes do Laos».

O primeiro-ministro tinha anteriormente sugerido esta possibilidade, mas é a primeira vez que faz tal declaração a título oficial como política do seu Governo.

O célebre atalhe Ho Chi Minh é um conjunto de pistas através da selva e de estradas de terra batida utilizadas pelos comunistas para infiltrarem tropas e abastecimentos desde o Vietnam do Norte até ao Vietnam do Sul, com passagem pelo Sul do Laos, contornando, assim, a região fortemente patrulhada da zona desmilitarizada que divide o Vietnam do Norte do Vietnam do Sul.

Uma centena de jornalistas estrangeiros enchia a sala do Ministério da Defesa para assistir á conferência do primeiro-ministro, que é a primeira desde a ofensiva norte-vietnamiana através da planície dos Jarros, no Norte do Laos.

O primeiro-ministro afirmou que não tenciona pedir o auxílio de tropas estrangeiras para combater a invasão, e disse, acrescentando: «Queremos limitar a invasão, e, por isso, não queremos mais tropas estrangeiras além dos norte-vietnamianos que já cá se encontram».

Ao perguntarem-lhe se não considera que os ataques aéreos americanos no Laos constituem uma violação do acordo de Genebra, que estipula a neutralidade do Laos, Souvanna Phouma respondeu. «Não. Temos de distinguir entre a causa e o efeito. A causa é a interferência norte-vietnamiana no Laos».

EM ESTADO DE ALERTA TROPAS TAILANDESAS

VIENTIANE, 6 — (F. P.) — As tropas da Tailandia estão em estado permanente de alerta ao longo da fronteira do seu país com o Laos, a fim de obstar a qualquer movimento eventual dos norte-vietnamianos na sua direcção, indica-se de fonte tailandesa em Vientiane.

FRENTE COMUM – objectivo dos comunistas e socialistas franceses

PARIS 6 — (R.) — Os partidos Socialista e Comunista franceses estabeleceram a noite passada quatro grupos de trabalho para redigirem um programa comum de oposição ao Governo do presidente Georges Pompidou.

O relativamente pequeno Partido Socialista e o grupo comunista muito maior, têm-se movido firmemente para conversações sobre uma frente comum desde que Pompidou foi eleito presidente em Junho passado.

Contudo, ambos os partidos têm-se mostrado cautelosos acerca de reviverem a aliança eleitoral que apoiou sem êxito o esquerdista François Mitterand contra o general de Gaulle na eleição presidencial de 1965.

Um comunicado conjunto, emitido a noite passada, dizia que um grupo de trabalho estudaria uma frente comum, «para se opor á política reaccionária do Governo».

Os outros três estudariam «condições fundamentais para um acordo político e comparariam as suas opiniões sobre democracia socialista, formas de conseguir o socialismo e meios de combater as forças capitalistas».

Acção para anular uma eleição sindical americana

WASHINTON, 6 — (F.P.) — O Governo dos Estados Unidos iniciou ontem uma acção judicial para obter a anulação da eleição de W. A. Boyle para a presidência do sindicato dos mineiros, que teve lugar em 9 de Dezembro. O Governo alega que houve numerosas irregularidades durante esse escrutínio.

O candidato dissidente, Joseph Yablonski, que se apresentou contra Boyle, havia obtido menos de metade dos votos destes ultimo.

No princípio de Janeiro, Yablonski, sua mulher e a filha, foram encontrados assassinados, na sua casa de Clarcksville.

Acusação chinesa à Índia

HONG-KONG, 6 — (R.) — Pequim acusou a India de estar a intensificar os seus preparativos de guerra ao longo das fronteiras com a China e o Paquistão.

A Rádio de Pequim afirmou que o Governo indiano aumentou este ano de forma tremenda as suas despesas militares, sacrificando e explorando o povo.

Segundo a mesma emissora, grande numero de tropas indianas estão concentradas nas regiões fronteiriças ao mesmo tempo que novas linhas férreas foram construidas bem como aeródromos militares através dos quais está a ser enviado para a fronteira material estratégico para a construção de linhas fortificadas.

Por outro lado o Governo indiano tem estado sistemáticamente a fazer uma campanha de propaganda antichinesa e antipaquistanesa ao mesmo tempo que os preparativos bélicos prosseguem activamente — afirmou aquela emissora.

APELO DE U THANT AO DESARMAMENTO GERAL E COMPLETO

NAÇÕES UNIDAS, 6 — (R.) — O secretário-geral da O. N. U., U Thant, afirmou a noite passada que o tratado de não proliferação nuclear, que entrou ontem em vigor, «não pode deixar de desempenhar um papel muito significativo para conter a corrida ás armas nucleares».

Sublinhou, porém, que o tratado «não é um fim, mas um passo em direcção ao desarmamento e que impõe a todas as partes a obrigação solene de prosseguirem com negociações sobre medidas eficazes relacionadas com a cessação da corrida ás armas nucleares, ao desarmamento nuclear e ao desarmamento geral e completo».

Fez um apelo a todos os Estados que não ratificaram ainda o pacto para o fazerem visto «ser minha firme opinião de que é nos melhores interesses da comunidade mundial que o tratado de não proliferação deve conseguir apoio universal».

MUSKIE CRITICA NIXON

A sua política é uma fórmula para continuar a guerra do Vietnam

WASHINGTON, 6 — (R.) — O senador Edmund Muskie, proeminente candidato á nomeação presidencial democrática em 1972, atacou, a noite passada, a política do presidente Nixon, no Vietnam, classificando-a como uma fórmula para continuar a guerra, enquanto abafava as críticas internas.

Numa das suas declarações mais violentas sobre o Vietnam nos últimos meses, o senador do Maine disse, no Clube Nacional da Imprensa, que o presidente Nixon tinha o apoio aparente do público, porque os americanos não compreendem que os Estados Unidos não estão, realmente, a sair do Vietnam.

O senador, candidato derrotado á vice-presidência em 1968, prosseguiu: «Com promessas ambiguas, ameaças muitíssimo veladas á liberdade de Imprensa e comunicações sobre retiradas de tropas, feitas em alturas convenientemente escolhidas, o Governo de Nixon conseguiu virtualmente eliminar as críticas internas e apagar o Vietnam da consciência pública».

Muskie declarou, ainda, que o Governo fora vago acerca dos efectivos de tropas a serem retiradas finalmente do Vietnam. Contudo, afirmou que a média da retirada depende da rapidez com que as forças de Saigão se tornem melhor treinadas e também da intensidade geral da luta.

«Isso significa que se Hanói mantiver ou aumentar a pressão e Saigão não puder aguentar-se, só as nossas forças de combate permanecerão indefinidamente no Vietnam», acrescentou o senador.

Nasser pede que os árabes imitem Israel

CAIRO, 6 — (R.) — O presidente Nasser censurou a noite passada o mundo árabe por não fazer o que classificou como esforços humildes na guerra contra Israel.

Discursando numa conferência de chefes religiosos de 38 estados árabes e muçulmanos, o presidente egípcio afirmou que Israel tinha comissões para angariação de fundos a trabalharem para ele em quase todos os países do Mundo e pediu aos árabes para fazerem o mesmo.

O Egipto amava a paz, mas pretendia os seus direitos e estava pronto a lutar para libertar os territórios ocupados — disse.

Prosseguiu: «As diligências que estão agora a ser feitas dentro do mundo árabe ou em países muçulmanos são ainda muito pequenas comparadas com o esforço tremendo de Israel e daqueles que o apoiam.»

O apelo do presidente Nasser foi feito no fim de uma conferência de cinco dias durante a qual os chefes religiosos pediram novas medidas para coordenar a «Jihad» (guerra santa) contra Israel.

A conferência pediu que todos os países islâmicos dêem apoio financeiro aos palestinianos e aos países cujas terras foram ocupadas pelos israelitas na guerra de 1967.

Propôs também a criação de um «Fundo especial para a guerra santa».

No seu discurso na sessão de encerramento da conferência, Nasser atacou também os Estados Unidos pelo seu auxílio militar a Israel e afirmou que Washington era culpada da intransigência dos Israelitas.

A tumultuosa recepção dada nos Estados Unidos ao presidente Georges Pompidou da França demonstrou onde se encontrava o poderio de Israel.

Acrescentou: «Devemos multiplicar os nossos esforços, pois o inimigo que enfrentamos não é só Israel, mas aqueles que o apoiam».

Antes, a conferência recomendara que todos os países árabes e islâmicos deviam dar aos grupos de guerrilheiros da Palestina todas as facilidades para a luta contra Israel.

ámdfm-

ATAQUE ISRAELITA À JORDÂNIA

TEL-AVIV, 6 — (F. P.) — Uma unidade israelita transpôs ontem a fronteira jordana, a leste do Mar Morto, para atacar um acampamento de terroristas — anunciou um informador militar israelita.

«DEUS É NEGRO» — GRITARAM MANIFESTANTES

PORTO DE ESPANHA (Trindade), 6 — (R.) — Um homem foi alvejado a tiro, seis outros foram presos e um número desconhecido ficou ferido quando milhares de partidários do «Poder Negro» vaguearam, amotinados, ontem pelas ruas desta cidade.

Manifestantes, de punho fechado, partiram as portas e janelas de três bancos e sete escritórios na terceira e maior exibição de força que se registou numa semana.

Um homem foi ferido a tiro durante uma discussão com alguns dos manifestantes, cujos desacatos têm abalado o Governo deste estado multiracial nas Antilhas de cerca de um milhão de pessoas que se gaba de integração pacífica.

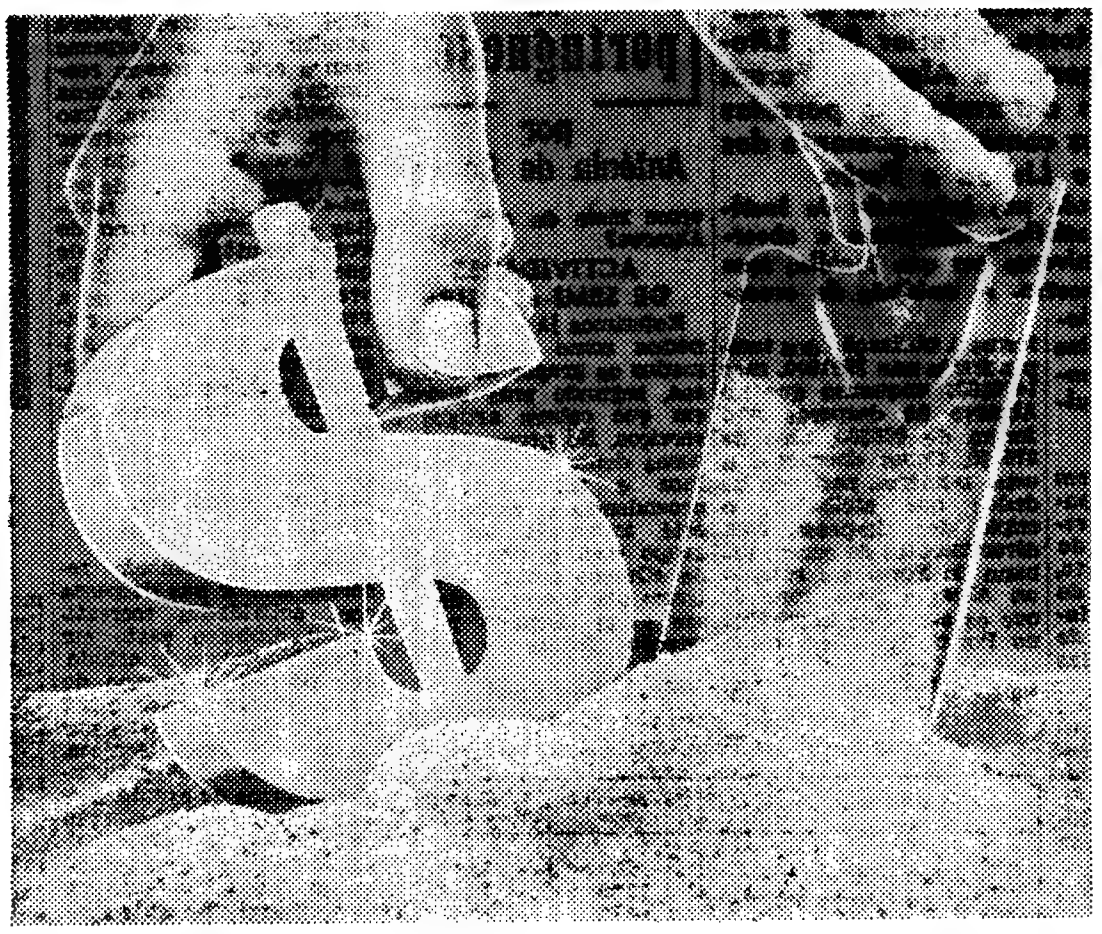
As desordens começaram na quinta-feira da semana passada quando partidários do «Poder Negro» invadiram a catedral católica romana desta capital, gritando: «Deus é Negro».

Uma segunda manifestação, na quarta-feira, e o protesto de ontem tiveram como alvos o Governo da Índia, a Igreja, a Polícia e o racismo branco.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Fontaínhas do Mar



Plante o seu capital nos nossos terrenos confinantes com o mar. Veja-o crescer e multiplicar-se

- Quintas entre praias e lagoas com área mínima de 5.000 m² por Esc. 70.000$00
- Valorização mínima de 10 % ao fim do primeiro ano (com garantia bancária)
- Zona fértil, de clima ideal para construir a sua casa de férias e fins de semana
- Fontaínhas do Mar tem electricidade, água, telefone e acessos
- Quilómetros de praia de areia branca e de águas aquecidas por um braço da quente Corrente do Golfo
- A 75 Km. de Lisboa (ligação por ferry-boats), a 35 Km. de Setúbal
- 15 minutos em táxi aéreo até ao aeroporto da Portela
- Entrada para Fontaínhas ao Km. 25 da estrada nacional 261 da Comporta a Melides

CONTACTE-NOS PELOS TELEFS.: 76 98 82 - 56 13 16
VISITE-NOS NA NOSSA SEDE, AV. DA REPÚBLICA, 56-D-7.º-E.
OU NA SUCURSAL, R. LATINO COELHO, 10-2.º-E.

Partida dos barcos em Setúbal 9,30 — 14,30 h.
Deixe o seu carro em Setúbal
O nosso autocarro aguarda-o na outra margem do Rio.

morrison

4 — QUANTO GASTA EM MÉDIA A FAMÍLIA PORTUGUESA NOS SEUS DIVERTIMENTOS

HÁ CERCA de dois anos, o Instituto Nacional de Estatística promoveu um inquérito sobre receitas e despesas familiares. Colheu informações de 10 400 famílias, de 1 a 15 elementos e mais, distribuídas proporcionalmente por quatro estratos do Continente: Interior Norte, Interior Sul, Litoral, excepto o Algarve, e Algarve. Foram ainda consideradas determinadas parcelas territoriais, tomadas como alargamento dos centros urbanos de Lisboa e Porto.

O inquérito, segundo nos informam do Instituto Nacional de Estatística, não visou a observação exaustiva do universo em que incidiu, mas apenas a de uma amostra. A unidade de amostragem foi a «Família-semana» para famílias residentes no Continente no período de inquirição.

Presentemente, existem apenas os apuramentos para o Algarve e o estrato referente ao alargamento do centro urbano do Porto, que abrange a cidade do Porto, os concelhos de Matosinhos e Vila Nova de Gaia, algumas freguesias do concelho de Gondomar, Maia e Valongo. Os dados são ainda provisórios. Contudo, são os únicos que permitem equacionar de maneira aproximada do real, os gastos médios da família do Porto e do Algarve nos seus divertimentos.

Como se divertem os portugueses

por Antónia de Sousa

AS DESPESAS MÉDIAS COM ACTIVIDADES RECREATIVAS DAS FAMÍLIAS DO PORTO SÃO TRÊS VEZES MAIS ELEVADAS DO QUE AS DO ALGARVE

Numa primeira e rápida leitura dos dados estatísticos toma-se conhecimento de que no centro urbano do Porto as despesas das famílias inquiridas, em 1967, com «Serviços de diversão e cultura», «Hotéis, restaurantes e cafés», «Aparelhos e acessórios» e «Livros, jornais e revistas» foram cerca de três vezes mais elevadas (1910$00) do que as do Algarve no mesmo ano e em todos os grupos de despesas citadas (666$00).

As ilações que destes numeros se pudessem tirar seriam precipitadas e defeituosas. Dir-se-á: no centro urbano do Porto em média as famílias gastam mais em divertimentos do que no Algarve, o que é perfeitamente válido; mas depois da análise esmiuçada ás despesas com artigos e serviços que o critério do Instituto Nacional de Estatística achou por bem adoptar como ligadas á actividade recreativa, teremos de rectificar as cifras já apontadas. No centro urbano do Porto a família gastou em média com actividades ligadas de qualquer forma á utilização dos tempos livres não 1901$00, mas 1476$00; enquanto que no Algarve as despesas não foram de 666$00, mas de 275$00. Como chegamos a estes numeros, partindo de dados que atribuíam o triplo das despesas com divertimentos do centro urbano do Porto em relação ao Algarve para concluir que os extractos inquiridos no Porto dispendem cinco vezes mais do que os do Algarve?

ACTIVIDADES DE SEMI-«LOISIR»

Referimos já a forma genérica como foram arrumados os grupos de despesas, segundo uma divisão em que cabem artigos e serviços. No grupo de despesas denominado «Aparelhos e acessórios compreendendo as reparações» está integrado um subgrupo com o título geral de «Outros artigos recreativos» que insere as despesas com «Comida para criação: folhas de couve, cevada, limpadura, etc.» Esta alínea regista nada menos de 248$00 por ano no centro urbano do Porto e 387$00 no Algarve. Só quem não conheça o centro urbano do Porto e as características rurais da zona do Algarve poderá admitir que as despesas com a criação fossem realizadas em função duma actividade recreativa. Isso ainda poderia acontecer no Porto, mas mesmo assim como actividade de semi-«loisir». Isto é: as famílias do centro urbano do Porto mantêm criação, de que tratam nas horas livres, com o objectivo de a venderem ou de se servirem dela para a sua alimentação. Num meio rural, o tratamento da criação não é uma actividade recreativa, mas uma forma de prover á subsistência tanto para consumo familiar, como fonte de rendimento.

Merece-nos também reservas incluir nas despesas com actividades recreativas o dinheiro gasto em livros técnicos e de estudo, que no centro urbano do Porto atinge 163$00 e no Algarve 4$00 em média por família. Os livros técnicos, embora não sejam propriamente livros de estudo, servem para a valorização profissional do individuo. Inscrever-se-ão quando muito nas actividades de semi-«loisir», se estiverem integrados num aproveitamento cultural dos tempos livres. As mesmas observações servem quanto ás revistas técnicas, que no Porto foram motivo para 14$00 de despesa anual por família. A zona do Algarve não teve despesas com este sector.

SERVIÇOS DE DIVERSÃO E CULTURA

Vamos por partes. Principiaremos por analisar os gastos com «Serviços de diversão e cultura»: 376$00 no centro urbano do Porto e 131$00 no Algarve. A diferença é flagrante. A partir daqui, terá sempre de se ter em conta o nível económico da população das duas zonas. O centro urbano do Porto é uma zona industrializada, o que proporciona maior quantidade de tempos livres, maiores rendimentos familiares, servidos por infra-estruturas mais ou menos concebidas para satisfazer apetências de carácter recreativo: cinema, teatro, campos de futebol, etc. O Algarve, por sua vez, é uma zona essencialmente rural ou piscatória. Considerado como zona de turismo por excelência, serve, em especial, o estrangeiro. Os seus naturais não estão, na generalidade, economicamente aptos a frequentar as infra-estruturas de actividades de tempo livre. A relativamente alta percentagem de espectadores de cinema conta com o volume dos turistas. Poderá dizer-se o mesmo quanto a visitas a museus, tendo em conta a curiosidade do forasteiro, etc.

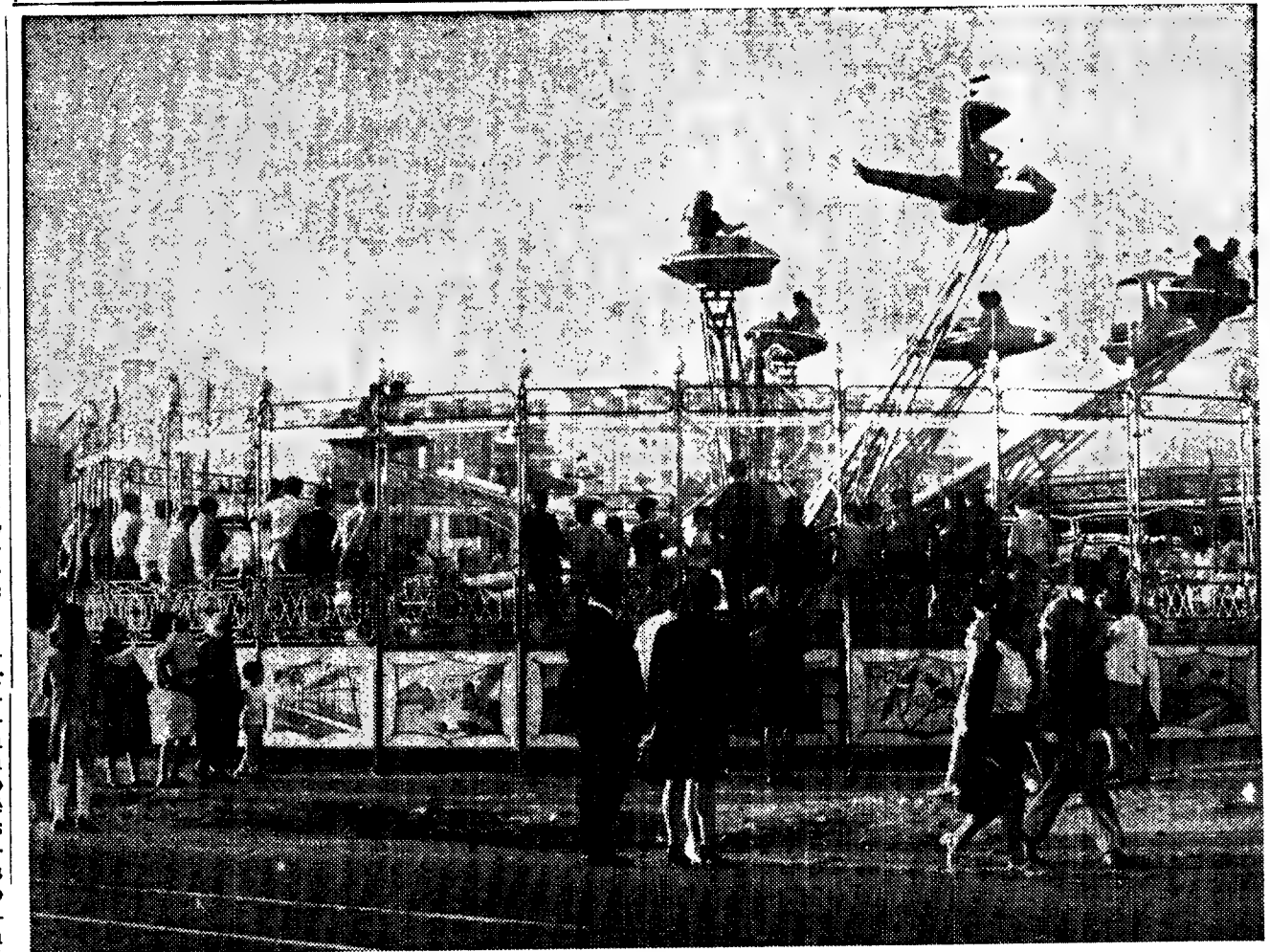
Os «serviços de diversão e cultura», do inquérito a que temos vindo a referir-nos, englobam taxa de telefonia (31$00 no Porto e 41$00 no Algarve); taxa de televisão (21$00 e 42$00, respectivamente Porto e Algarve, ordem que respeitaremos a seguir); revelagem de fotografias (8$00 e ...); licença para cães (... e 1$00); cinema (146$00 e 8$00); espectáculos públicos não discriminados (2$00 e ...); futebol (13$00 e...); teatro declamado 27$00 e ...); teatro ligeiro, opereta, revista, music-hall (4$00 e 17$00; despesas com bailes (21$00 e ...); despesas com a prática de jogos (1$00 e ...); jogos de azar,

(Continua na página seguinte)

Percentagem da população rural e população activa agrícola dos distritos de Faro, Porto e Lisboa

Distritos	% população rural	% população activa agrícola
Faro	85,05	50,1
Porto	62,28	16,4
Lisboa	34,87	13,2

Ver montras é também divertimento. Não custa dinheiro, de imediato, faz passar o tempo, tem incidências práticas, fica a saber-se onde há o que se quer ou pode vir a querer-se e põe a imaginação a trabalhar... É um passatempo com características citadinas e que agrada especialmente ás mulheres



São múltiplas as actividades do tempo livre. Mais elaboradas umas do que outras, servem gostos diversos. Gostos condicionados á capacidade económica e aos interesses culturais. Dirigidos hàbilmente pela publicidade. É muito restrita a margem individual de escolha de ocupação dos tempos livres. Segundo a preferência dos divertimentos pode definir-se a personalidade dum indivíduo, o meio a que pertence, a sua preparação intelectual. São as crianças e os jovens que andam nos carrosséis e nos aviões. O interesse pelo carrossel é mais elevado nos meios rurais do que nas cidades. Esse tipo de divertimento faz parte integrante das romarias e feiras com características populares

COMO SE DIVERTEM OS PORTUGUESES

(Continuação da pág. anterior)

lotarias, Totobola e rifas, (91$00 e 5$00); fotografias, outras (... e 17$00); diversos (11$00 e ...).

Até que ponto serão significativos estes dados? E põe-se em questão o valor da amostragem do inquérito. As famílias inquiridas seriam representativas das diversas camadas sociais? A ser assim, como é possível tirar conclusões gerais, quando as ilações só cabem ao número das famílias ouvidas? Poderá dizer-se que os algarvios têm mais rádios e televisores do que os naturais do Porto? Mas até nem é verdade! O facto de as famílias inquiridas no Algarve pagarem mais taxas de licença de televisão e de rádio do que as do Porto não exclui que a percentagem de rádios e televisores por mil habitantes seja mais elevada no Porto do que no Algarve. Então, como poderá concluir-se a inexistência de gastos das famílias inquiridas, no Algarve, quanto a espectáculos de futebol ou representações de teatro declamado? As famílias ouvidas pertenciam ao meio rural? Não gostavam de futebol nem de teatro? Era fraca a sua capacidade económica? Os desafios de futebol e os espectáculos de tearto declamado são em tão pequeno número no Algarve que não pesam nos hábitos familiares?

O 1$00 gasto em média por família com licença de cães, no Algarve, deve-se: a um capricho de luxo? A necessidade de ter um cão de guarda? Optaríamos pela última hipótese, mas será a real? Tudo leva a crer que sim, dadas as características rurais do Algarve, mas o Porto tem, também, uma percentagem de ruralidade de considerar onde caberiam licenças de cães e, no entanto, as famílias inquiridas não tiveram gastos com licenças de animais!

O Algarve apresenta, nos dados colhidos pelo Inquérito sobre receitas e despesas familiares, em 1967, 17$00 de dispêndio anual por família em teatro ligeiro, opereta, revista e «music-hall», enquanto a coluna referente ao centro urbano do Porto só 4$00. Que poderá concluir-se daqui?

DESPESA EM BRINQUEDOS POR FAMÍLIA NO ALGARVE: 1$00

Com hotéis, restaurantes e cafés as famílias do Algarve gastam, por ano, 3$, enquanto no centro urbano do Porto a despesa é de 247$00.

O grande grupo de «Aparelhos e acessórios compreendendo as reparações» regista 956$00 no centro urbano do Porto e 507 no Algarve, mas já apresentamos as nossas reservas quanto a dever-se ou não considerar as despesas com a comida para criação (248$00 no Porto e 387$00 no Algarve como artigos recreativos).

O grande grupo referido «Aparelhos e acessórios, etc.» abarca as despesas com «Aparelhos de rádio e televisão, pianos e gira-discos» (Porto 506$00; Algarve, 119$00); «Aparelhos de fotografia, bancos e outros artigos importantes duráveis (8$00 no Porto e sem despesas no Algarve); por fim os «Outros artigos recreativos» com a comida para criação incluída (442$ no Porto e 388$00 no Algarve.

Um pormenor que talvez confirme que as famílias algarvias inquiridas não podem ou não querem despender dinheiro em artigos meramente recreativos: no Porto a despesa gasta em brinquedos por família foi de 91$00 e no Algarve de 1$00.

O último grupo diz respeito aos gastos com livros, revistas e jornais (322$00 no Porto e 25$00 no Algarve), numeros susceptíveis de traduzir o nível cultural dos dois centros.

Pormenorizando: despesas com encadernação de livros e revistas (Porto, 6$00; Algarve...); com jornais-numero (Porto, 63$00; Algarve, 300$); em jornais-assinatura (Porto...; Algarve, 1$00); em livros (não-técnicos nem de estudo): (51$00, Porto; 14$00, Algarve); livros (técnicos e de estudo): (Porto, 163$00; Algarve, 4$00); revista-numero (não técnicas): Porto, 24$00 e Algarve, 3$00; revistas por numero (tecnicas): 14$00 no Porto e sem despesas no Algarve; por fim, as publicações não discriminadas, 1$00 no Porto e sem dispêndio no Algarve.

Infra-estruturas de actividades de tempo livre por 1000 habitantes

Infra-estruturas	Distrito Faro	Distrito Porto	Distrito Lisboa
Livreiros	0,051	0,077	0,268
Periódicos	0,048	0,106	0,305
Vol. biblioteca..	203,28	1134,60	3000,09
Museus	0,0254	0,0126	0,0253
Cinema	11.155	10,640	28.772
Outros espectáculos	0,118	0,567	2.267
Rádio	163,39	184.81	288,99
Televisão	18.04	42,86	86,22
Grup. desport. e recreat. n.º sócios/1000 habit.	0,400	0,354	0.463

Informações colhidas no Anuário Estatístico.

Utilização das infra-estruturas de tempo livre em função da população

	Distrito Faro	Distrito Porto	Distrito Lisboa
Leitores bibliotecas/1000 h.			
Visitantes a museus / 1000 hab.	19,057	219,547	1322.526
Espectadores de cinema	73,053	29,329	1240,817
Espectadores outros espectáculos / 1000 hab.	4503,860	3487,608	8622,090
Sócios Grupos desportivos e recreativos ...	63,524	256,417	1004,368
	100,273	130,332	311,445

SENTENÇA INAPELÁVEL:

CAIAR O POSTO DA GUARDA

ALGOZ (Algarve), 6 — Ao entrar, de bicicleta, nesta localidade, quando vinha de Armação de Pêra, o caiador Eugénio Penisga, tentando evitar o embate com um automóvel, desequilibrou-se, indo cair à porta do, também caiador, sr. Manuel Garraia, com quem estava há muito de relações cortadas. A porta abriu-se e o Garraia, ao ver à porta o seu «inimigo», tomou uma decisão: ir queixar-se à G. N. R., acusando o Penisgo de tentar assaltar-lhe a casa.

Dada a profissão dos implicados no caso, tudo se resolveu em bem. O chefe condenou-os a caiar o posto da Guarda, o que fizeram. Sem interpor recurso, claro...

OLHE-A BEM...

Francamente, estarmos a falar-lhe de Vaqueiro... Para quê?!... Sabe muito bem o que ela representa na sua cozinha. Aquelas refeições saborosas, tão elogiadas, a quem o deve, vá!... Pois claro! É à Vaqueiro...
Para quê estar com mais "coisas"?!... Dizemos-lhe apenas que a "sua" Vaqueiro tem uma nova composição — mais leve, delicada e cremosa! Por isso dá melhores resultados ainda. Feitos por si e com a nova Vaqueiro, até os pratos mais simples têm outro gosto e outro aspecto. (Os olhos também comem...)

EXPERIMENTE-A!...

A NOVA VAQUEIRO TORNA TUDO AINDA MAIS APETITOSO

LINTAS 70 VA 202

Propriedades

— VENDAS —

MORADIA

POR 900 CONTOS, EM CAXIAS, bonita moradia isolada, com a área de 400 m2, lindo jardim, composta de r/chão e 1.º andar, com um total de 7 boas assoalhadas, cozinha, copa, roupeiro, etc.

Trata UNIÃO EBORENSE — Av. Almirante Reis, 95, 1.º-D. — Tels. 45722-536346.

PREDIOS
ANDARES
MORADIAS
TERRENOS
não compre sem consultar a
PREDIAL
ROBREL
Rua Rodrigues Sampaio, 69

Contacto

H. NUNES

Telef. 847260
PUBLICIDADE

ANDARES

3 boas ass., local de grande valorização. R. F, n.º 4, Quinta dos Machados, á R. Verissimo Sarmento.

PRÉDIO
1.070 CONTOS
BOA-HORA

Composto de caves, r/c., 1.º e 2.º andares, com lados dt.º e esq.º e quintais. 8 inq. de habitação c/ rendas de 300 a 800 escudos. Rendimento anual de 59 500$00.

ORCOSI
Rua 1. de Dezembro, 45, 3.º. Esq.º
Tels. 323172 - 367444

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

CASAS para alugar

Procure V.ª Ex.ª nos nossos escritórios onde temos sempre variadíssimos andares e lojas para alugar, em Lisboa e arredores. Não cobramos qualquer importância a título de comissão aos inquilinos.

Trata: SOC. CONSTI. INVICTA, Rua do Ouro, 292, 1.º — Telefs.: 30259-34755

PAPELARIAS

Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

Capitais

DINHEIRO
SOBRE
AUTOMÓVEIS E
PROPRIEDADES
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 - 536569

TEM PREDIO?
TEM CARRO?
ENTAO TEM DINHEIRO
CONSULTE JA A
ORCOSI
Telefs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

PROPRIEDADES

Temos neste momento predios de rendimento para venda a partir de 200 c. — Andares com 4 soalhadas desde 185 c. Aplicamos importâncias em 1.ª hipoteca a partir de 50.000$00 ao juro de 8%.

A nossa firma fundada em 1951 sem grandes alardes de publicidade, continua na senda da honestidade, firmando o seu bom nome através da Ex.ma Clientela que nos procura.

LARANJO, ALEGRE & GARCIA LDA.
PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º SALA E
LISBOA
Telefs. 32 67 18 - 32 78 03 - 32 85 67

ANDAR

QUINTA DAS MOURAS

5 boas div. soalhadas, cozinha, 2 casas de banho, despensa, marquise e hall, aquecimento, roupeiros.
Preço — 450.000$00

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rossio 3-2.º — Telefones 369384/5/6 - 328232/3 - 361756

Lotes de terreno

FEIJÓ — ALMADA

MORADIAS

Terrenos urbanizáveis. Permitem aos futuros compradores gozarem de situação privilegiada de se situarem, simultâneamente, próximo dos seus locais de trabalho e de uma reconhecida zona de férias, com arruamentos, água, luz, telefone e transportes no local. Visite-nos ou peça informações e terá a certeza de valorizar o seu capital adquirindo lotes de terreno neste loteamento, com fac. de pagamento. Telefones 273653-2761869. Est. Nac. 10, n.º 4, 1.º, esq.º — Cova da Piedade.

CIPRIANO & PEREIRA, LDA.

FESTAS DA PÁSCOA

Horário dos comboios

Comunica-nos a C. P. que por motivo das Festas da Páscoa efectuar-se-ão os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento realizar-se-á, também, nos dias 25, 26 27 e 28 do corrente um comboio especial, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) ás 23-55; paragem em Entroncamento e Coimbra-B, com ligação na Pampilhosa ás 4-45 para a linha da Beira Alta.

O pormenor destes horários consta do aviso afixado nas estações.

SINDICATO DOS JORNALISTAS

(Continuação da pág. central)

está nos nossos propósitos reclamar para os jornalistas qualquer situação de privilégio. Nós não queremos enfileirar entre os supercidadãos de uma sociedade subdesenvolvida. Temos porém o direito e o dever de promover que sejam garantidas aos profissionais da Imprensa as condições de vida adequadas ás necessidades vitais de uma pessoa humana sujeita a obrigações particulares e incumbida de tarefas decisivas para o futuro de toda a comunidade. Por isso fazemos nossa a doutrina da UNESCO quando afirma que «os países em vias de desenvolvimento não deveriam hesitar em investir fundos em programas bem concebidos de desenvolvimento e de utilização dos meios de informação», porque todos sabemos que os meios de informação podem ampliar o horizonte intelectual dos cidadãos, alargar o diálogo político, assegurar a aplicação das normas sociais, ajudar a corrigir as atitudes colectivas — em síntese, estabelecer as condições mais favoráveis ao desenvolvimento económico e social de um país.

«Como também recomenda a UNESCO, qualquer programa de desenvolvimento dos órgãos de informação terá de conter «a formação apropriada do pessoal» respectivo. Passou á história a ideia de que os bons jornalistas nascem feitos: a vocação é condição primordial, nada pode substituir a tarimba na preparação dos profissionais, mas está provado que o autodidactismo nem sempre leva mais longe do que o ensino escolar e normalmente exige mais do sujeito, durante muito mais tempo. Como, além disso, as Universidades e os meios de informação são as duas fontes fundamentais da cultura contemporânea, uma das nossas preocupações será demonstrar a vantagem de que se interpenetrem, especialmente tendo em vista a formação de jornalistas.

«O Sindicato Nacional dos Jornalistas não abdicará de nenhuma das funções e prerrogativas que a lei lhe confere. Não temos ilusões sobre as dificuldades que nos esperam, mas nem enjeitamos nem transferimos para ninguém as responsabilidades que impendem sobre este organismo, quanto á defesa dos interesses dos jornalistas e á sua valorização profissional e cultural. Procuraremos fundamentalmente que, a partir das próprias estruturas da informação, sejam garantidos aos que participam nesta missão de interesse geral os meios de fornecer ao público uma informação honesta e completa. Para esse fim teremos de guiar-nos pela constituição sindical, pelos Estatutos do nosso Sindicato. Vejam ao que eles nos obrigam, ao afirmar que compete ao Sindicato: «Defender e promover a actualização dos vencimentos fixados no contrato colectivo de trabalho, de forma a constituírem retribuição justa e humanamente suficiente» (n.º 12 do art. 43).

«Promover a satisfação das necessidades habitacionais dos sócios, através de instituições de previdência, que abranjam os jornalistas, e do Estado, ou sòmente por intermédio do Estado e de outros organismos oficiais ou particulares adequados» (art.º 12).

«Propor ao Governo e ao Grémio Nacional da Imprensa Diária normas de observância geral sobre quaisquer assuntos de interesse para os jornalistas e, em especial, sobre a disciplina e respeito das actividades profissionais» (art.º 6.º).

«Defender os direitos profissionais em todas as circunstâncias e as imunidades jornalísticas dos associados» (art.º 13.º).

«Pugnar pela criação de uma escola de jornalistas» (art.º 15.º).

«Defender a independência e a liberdade de Imprensa (...) assim como o prestígio e a dignidade da profissão e a observancia das suas regras deontológicas» (art.º 7.º).

«A respeito deste ultimo ponto valerá a pena adiantar que sabemos o perigo que nos espreita, tanto mais que a Espanha é perto, mas ansiamos o fim do pesadelo da Censura prévia, a cuja sombra tutelar muitos de nós desaprendemos a arte de redigir com espontaneidade.

«O complexo de questões enunciadas integrará um programa de trabalho cujos parâmetros fixaremos com a ajuda da classe e cuja realização queremos venha também a ser o resultado de um esforço colectivo. É mais do que um desejo: é uma condição de êxito, um pressuposto necessário á dignificação e valorização da classe. O método que adoptaremos compreenderá por isso mesmo a constituição de diversas comissões de trabalho, e poderá incluir a realização do primeiro Encontro ou Congresso Nacional de Jornalistas. Se o compromisso de participação assumido pelos consócios que nos propuseram ao sufrágio, e livremente aceite por muitos outros, tiver, como esperamos, plena concretização, os jornalistas portugueses afirmar-se-ão como uma classe consciente dos problemas comuns e disposta a assumir posição de vanguarda na luta por um futuro mais justo».

A constituição dos novos corpos gerentes

Os corpos gerentes hoje empossados são assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL — *efectivos:* presidente, Judo Sereno; 1.º secretário, Luís de Barros; 2.º secretário, Virato Mourão; *substitutos:* presidente, Adriano de Carvalho; 1.º secretário, Maria Margarida da Silva Dias; 2.º secretário, Abílio Marques Pinto.

DIRECÇÃO — *efectivos:* Silva Costa, Rodolfo Iriarte, Torquato da Luz, Luís Rosa Duarte e António Pacheco; *substitutos:* Manuel de Azevedo, António dos Santos, Maria Manuela Alves, João Salvado e César Príncipe.

CONSELHO TÉCNICO E DE DISCIPLINA — *presidente,* Mário Rocha; *secretário,* José Carlos de Vasconcelos; *vogais,* Mário Castrim, Alfredo Figueiredo Filipe e José Luís de Abreu.

COMISSÃO DE COLOCAÇÕES — *presidente,* Luís Beites; *secretário,* António Colaço; *vogal,* M. J. Ferreira Dias.

★

No final, foram dirigidos aos srs. ministro das Corporações, secretário de Estado do Trabalho, subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência e presidentes da Corporação da Imprensa e do Grémio Nacional da Imprensa Diária, telegramas de saudação «com a esperança de que o Sindicato seja efectivamente *«ouvido e respeitado»* de acordo com a garantia dada no seu último discurso pelo Presidente do Conselho».

Automóveis

VENDAS:

Volkswagen 1500 de Luxe, 1968; N.S.U. Prinz 1000 S, 1968; Simca 1000 G.L.S., 1968; Fiat 850, 1966; Taunus 12 M, 1500, de 2 portas, 1965; M.G Midget, 1964; Austin Cooper S 1300, 1964; Morris 850 Super, 1964; Saab mod.º 96, de Luxe, 1965.

Fac. troca e pag.

VENDE: MARCELO
Av. João Crisóstomo, 47-C

AUTOMÓVEIS s/ condutor. Mod. recentes, impecáveis. Consulte-nos: L. St.ª Bárbara, 5-B. Telef. 53 46 57.

Automóveis e Furgonetas de diversas marcas e modelos. Não compre sem consultar. Florindo M. Coelho — R. António Pedro 40, cave. Tel. 44846

ALUGUER:

SERVIÇOS DE NÚMEROS TELEFÓNICOS PARA AUTOMÓVEIS S/ CONDUTOR:

- 534657 — L. St.ª Bárbara, 5-B
- 49612 — Jomil Auto — Rua Ponta Delgada, 40-A-B.
- 769848 — EUROCAR — Av. Barbosa du Bocage 1.
- 42890 — Taxis Universo, Lda. — Av. República, 26
- 727654 — Auto Monumental do Areeiro, Lda., — Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-E
- 539169/539345—BRUNAUTO, Rua Joaquim Bonifácio, 10-A
- 553033 — STALL — Rua Soc. Farmacêutica, 30-A.
- 714391 — OLIVAUTO — Av. de Madrid, 16-B

AUTO LEAL, LDA.
Av. Marconi, 16-A e B
(à Praça de Londres)

VENDE

Austin A-135 Princess, carroceria Rolls Royce, 7 lug., c/ divisória, mod. Presidencial.

Ford Escort Luxo	1969
Fiat 1500	1969
Morris 1300	1969
Volkswagen 1300	1968
Simca 1501	1967
Renault 4-L	1967
Vauxhall Viva SL-90	1967
Alfa Romeo 1600 TI Sup.	1967
Cortina de luxo	1966
Cortina G. T	1966
Lancia Fulvia	1966
Austin Cooper S	1966
Renault Gordini	1966
Vauxhall 101-S	1966
Volkswagen 1200	1965
Fiat 600-D	1964
Peugeot 404	1963

FAC PAG.º E TROCA

AUTO-MONUMENTAL DO AREEIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREEIRO) TELEFS. 727654-727665-713057

Carros e furgonetas amplas facilidades de pagamento, peças legítimas estação de serviço e oficinas

Pequenos anúncios • Pequenos anúncios • Pequenos anúncios

ASSALTOS A AVIÕES COMERCIAIS

Medidas de segurança aprovadas numa reunião em que Portugal esteve presente

Medidas especiais de segurança foram recomendadas na Conferência da Organização Europeia de Aviação Civil agora realizada em Paris para estudar o problema dos ataques a aviões comerciais. Assistiram todos os directores-gerais de aviação civil dos 20 países membros da CEAC. A delegação portuguesa foi chefiada pelo director-geral da Aeronáutica Civil, eng.º Vítor Veres, que ontem regressou a Lisboa.

A reunião foi convocada após os acidentes com um avião suíço e outro austríaco, a pedido da Alemanha Federal e dos países da Benelux.

Além das recomendações sobre as medidas de segurança a adoptar, a reunião aprovou uma resolução a pedir á Organização de Aviação Civil Internacional uma conferência mundial para fixar as medidas de segurança a aplicar por todos os países membros e criar as disposições legais necessárias á incriminação de pessoas ou organizações ligadas a actos de pirataria e de sabotagem contra aviões comerciais.

Entretanto, as medidas agora aprovadas entram imediatamente em vigor.

O VATICANO APELA PARA OS PADRES FELIZES

Na sua emissão em língua francesa, a Rádio Vaticano faz um apelo aos padres felizes. «Nesta hora de sofrimento para o Papa, por causa da contestação violenta ao santo celibato clerical, apelamos aos padres felizes do Mundo inteiro, para que nos enviem o seu testemunho. Aqueles que se sentem realizados no sacerdócio celibatário deverão ajudar-nos a provar ao Mundo que ainda há padres felizes na Igreja»

Também os bispos são convidados a associar-se a esta manifestação radiofónica de Messa.

Outro banco que passa a pagar mais do que os salários mínimos

O Banco Pinto & Sotto Mayor decidiu aumentar certas categorias do seu pessoal, as quais ficam a ganhar mais do que as tabelas de ordenados pedidos pelos Sindicatos dos Bancários. Esse aumento tem efeito a partir de 1 de Janeiro.

Assim, aquele estabelecimento bancário aumentou os adjuntos da direcção de 10 para 12 mil escudos; os subdirectores de 12 para 15 mil escudos; e os directores, de 18 para 20 mil escudos.

Entretanto, as restantes categorias de funcionários não foram beneficiadas, pelo que continuam a receber os mesmos ordenados estabelecidos no contrato colectivo.

A assembleia geral do Sindicato dos Bancários prossegue esta noite

Hoje, à noite, prossegue, na «Voz do Operário», a assembleia geral para discussão e aprovação do Relatório e Contas. A assembleia, que começou a 28 de Fevereiro último, teve de ser suspensa, em consequência do grande número de oradores inscritos para debaterem os problemas da classe.

Aumento de 10 por cento de estrangeiros entrados em Portugal continental no primeiro mês do ano

Visitaram Portugal continental, em Janeiro de 1970, 120,4 mil turistas contra 109,4 mil no mesmo mês do ano passado, o que corresponde a um aumento de 10 por cento — segundo números divulgados pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo através da Direcção-Geral do Turismo.

A distribuição percentual por mercados estrangeiros indica os seguintes acréscimos: Alemanha, 23 %; Benelux, 22 %; Espanha, 18 %; Estados Unidos, 24 %; França, 6 %; Nórdicos, 18 %. Houve, em contrapartida, um decréscimo no total geral de entradas de turistas do Reino-Unido (15 %) sendo todavia de considerar que essa diminuição se verificou apenas na fronteira marítima, registando-se, paralelamente, um sensível aumento de turistas britânicos nas fronteiras terrestres e aéreas (mais 53 % e 51 % do que em igual período do ano anterior).

De assinalar, a propósito, no cômputo de entradas de estrangeiros em Portugal metropolitano, os valores crescentes de todos os mercados, sem excepção no que respeita á via aérea, com especial relevância além do Reino-Unido para a Alemanha (mais 60%) a França (51%) e os Nórdicos (65 %). Quanto á fronteira marítima, é significativo o desdobramento dos passageiros nas categorias de «em trânsito» e «desembarcados», pois enquanto os primeiros diminuiram 28 % em relação a Janeiro de 1969, os segundos aumentaram 16 %.

Atribuído o «Prémio José de Figueiredo»

A Academia Nacional de Belas-Artes, em sessão ordinária presidida pelo arq.º Raul Lino e secretariada pelo dr. Fernando de Pamplona, aprovou o relatório sobre a concessão do «Prémio José de Figueiredo» subscrito pelo arq.º Jorge Segurado, pelo escultor António Duarte e pelo pintor Aires de Carvalho. Foram atribuídos três prémios «José de Figueiredo», com igual valor, ás seguintes obras: «Sequeira na Arte do seu Tempo», do prof. Armando de Lucena; «Oito Séculos da Arte Portuguesa», do prof. dr. Reinaldo dos Santos e «Calouste Gulbenkian, coleccionador», do dr. José de Azeredo Perdigão. De facto este prémio não fora atribuído nos dois anos anteriores.

O arq.º Cristino da Silva propôs se retomem as diligências para conseguir para a Academia novas e mais condignas instalações, o que mereceu aprovação unânime. Foram ainda debatidos vários problemas que respeitam ás actividades da Academia e aos interesses superiores da Arte.

Preso o assaltante de uma residência

Foi descoberto, e preso pela Polícia Judiciária, o autor do roubo praticado na residência da Avenida Óscar Monteiro Torres, 19, 5.º-D.º, em meados de Fevereiro.

Trata-se de Carlos Alberto Martins de Jesus, electricista. Verificou-se ser evadido da Prisão-Escola de Leiria, de onde se escapara em Agosto do ano passado.

Os artigos roubados, muitos dos quais de grande valor, foram deitados fora e são avaliados em mais de 120 contos.

O detido confessou ter anteriormente assaltado, por meio de escalamento, outra residência na zona do Campo Pequeno de onde furtou vários artigos.

CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA

ANÚNCIO

1.ª PUBLICAÇÃO

ANTÓNIO RAMOS DO AMARAL, VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LUANDA

FAÇO PÚBLICO QUE, está aberto concurso da primeira fase — ideias em esboço — para a elaboração do projecto de um majestoso Monumento, símbolo da integridade da Nação Portuguesa, a erigir na Praça de Portugal (à Avenida Paulo Dias de Novais), em Luanda.

O «Programa do Concurso» está patente nas Direcções de Serviço de Urbanização e Obras das Câmaras Municipais de Luanda, Lisboa, Porto e Lourenço Marques, bem como na Secretaria do Sindicato Nacional dos Arquitectos (Lisboa e Porto), sendo enviados exemplares do referido programa e todos os esclarecimentos ou elementos complementares a quem os solicitar, por escrito, à Câmara Municipal de Luanda (Comissão do Monumento). Os mesmos esclarecimentos ou elementos complementares serão simultaneamente enviados para todas as Direcções de Serviço ou Secretarias onde se encontre patente o «Programa do Concurso».

Todos os trabalhos deverão dar entrada na Câmara Municipal de Luanda, até às 12 horas do dia 30 de Maio de 1970.

E, para constar, se deu a este e a outros de igual teor a devida publicidade.

Luanda e Paços do Concelho, em 28 de Fevereiro de 1970.

O VICE-PRESIDENTE

António Ramos do Amaral

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etes	Compro	Vendo
Consolidado 4 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	—	—	523$
Consolidado 3 1/2%	—	620$	—
Centenários 4%	—	1.480$	1.485$
Obrigs Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª série	—	625$	—
Externo 1.ª série C	—	—	780$
Externo 3.ª série	—	750$	—
Externo 3.ª Série C	820$	820$	—
Caminhos 3.ª Série	158$	155$	160$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P I 5% 56	—	910$	920$
A P I 5% 58	—	910$	—
C P 4 1/2% 65	910$	—	910$
C P 5 1/2% 67	—	1.010$	—
C U F 6%	997$	996$	998$
C U F 6% 68	995$	—	999$
Gás Elect 4% 48	—	810$	820$
Gás Elect 4 1/2% 51	—	850$	860$
Gás Elect 5% 52	—	790$	—
Gás Elect 5% 58	880$	790$	885$
Gás Elect 5% 59	880$	790$	—
Gás Elect 5% 62	—	920$	—
Gás Elect 5% 63	925$	925$	—
Gás Elect 5% 65	—	895$	—
Gás Elect 5% 67	1.007$	—	1.007$
H E A Alentejo 5%	—	810$	—
H E Cávado 5%	1.000$	1.000$	—
H E Cávado 6%	810$	—	815$
H E Douro 5%	1.000$	—	1.001$
H E Douro 6%	—	—	—
H E Norte Port 5%	—	1.000$	1.002$
H E S Estrela 6%	—	830$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	830$
H E Zezere 5% 57	—	1.010$	—
Lisnave 6%	—	—	880$
Metropolitano 4%	—	—	1.010$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	850$
Moçambique 5%	—	825$	830$
Nac Electr 5%	825$	820$	—
Nitratos 5%	800$	795$	—
Nitratos 5% 60	—	810$	—
Petroquímica 5%	870$	860$	870$
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	—	—	—
Sacor 5% 60	—	900$	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	810$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	—
Sonete 5%	815$	—	—
U A P 4%	—	940$	—
Termoelect Port 5%	815$	810$	815$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	82$	83$
U E P 5% 60	—	—	820$
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	2.440$	2.435$	2.445$
Alentejo	1.320$	1.320$	1.325$
Angolo	4.040$	4.040$	4.050$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	—	5.500$	5.600$
E Santo	—	22.800$	23.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S n	—	21.500$	—
Fomento Nacional	2.750$	2.750$	2.800$
L & Açores p	—	7.400$	7.500$
L & Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.050$	6.050$	6.080$
Portugal n	—	3.200$	3.400$
Portugal p	4.500$	4.450$	4.500$
Totta Aliança	6.600$	—	6.620$
Ultramarino n	3.740$	3.730$	3.780$
Ultramarino p	4.050$	4.040$	4.055$
Seguros			
Alentejo	154$	152$	154$
Douro	—	—	—
Mundial	890$	885$	895$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	840$	860$
Ag Cassequel	—	795$	805$
Ag Incomati	2.000$	2.000$	—
Ag Neves	—	—	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Beira	—	—	—
Boli	86$5	86$	87$5
Cafundo	294$	294$	295$

Ultramarinos	Etes	Compro	Vendo
Diamantes Angola	2 930$	2.920$	2.940$
E Revué	—	—	670$
Ilha do Príncipe	—	850$	—
Moçambique	811$	—	214$
Sonete n	—	472$	495$
Sonete p	490$	—	500$
Zambeze	88$	87$5	89$
Angolano	—	—	—
Diversos			
Cidla	7.550$	7.500$	7.600$
Cim Leiria	—	—	5.300$
Cim Tejo	—	—	7 100$
Col Navegação	—	1.525$	1.570$
C U F	—	—	1.850$
Alumínio	—	—	—
Nac Navegação	4.800$	4 800$	4 900$
Petroquímica	2.080$	2.070$	2 100$
Port e Colónias	1.520$	1 500$	1 550$
Port Celulose	4 500$	4.480$	4 550$
Port Pesca	—	1.050$	1.100$
Port Tabacos	782$	782$	784$
Sacor	—	—	—
Siderurgia Nac	—	—	2 250$
Sacor	3.450$	3.400$	3 450$
Tabacos de Portugal	1.900$	1.850$	2.000$
Tabaqueira	—	—	7.900$
U F Azoto	—	—	895$
Agua Elect e Gás			
Aguas Lisboa D	440$	420$	435$
Aguas Lisboa 34	450$	445$	450$
Aguas Lisboa 36	—	390$	400$
Comp Port de Electric	1.318$	1.312$	1.314$
Elect Beira	1.750$	1.750$	1.760$
Gás Electr	455$	454$5	455$
H E Alto Alentejo	180$	179$5	180$
H E Norte Portugal	—	315$	—
H E S Estrela	—	1.720$	—
U E P	—	200$	202$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	214$2	220$6
F I D E	—	—	—

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez 65 100)

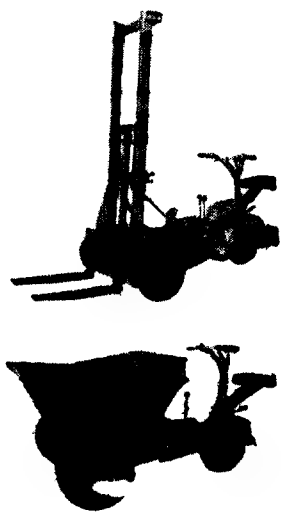
	27/2/70	5/3/70	6/3/70
GERAL	167,7	165,2	165,1
METROPOL.	157,3	154,7	154,6
ULTRAM.	243,9	242,6	242,5

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rande	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 2	28$05	28$60
— Dollars de 5 a 000	28$50	28$90
Canadá		
— Dollar de 1 a 2	26$00	26$50
— Dollar de 5 a 00	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$60	7$90
Argentina — Peso	$06	$09
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,8	$41,2
Holanda — Florim	7$70	8$00
Inglaterra — Libra	68$30	70$30
Itália — Lira	$04,3	$04,6
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$85	5$25
Suiça — Franco	6$53	6$83
Marrocos — Dirham	4$90	5$40
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	290$00	310$00
Ouro fino — Barra	34$00	36$00

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 73

Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273



EMPILHADORES – TRANSPORTADORES

italpony

1/3 DOS PREÇOS DO MERCADO

A MECANIZAÇÃO AGORA AO ALCANCE MESMO DAS MÉDIAS E PEQUENAS EMPRESAS

A resolução do seu problema de mão-de-obra

ENTREGA IMEDIATA ● VISITE O NOSSO STAND

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:

JOSÉ ROMÃO COUTINHO

Calçada do Monte, 92-A — LISBOA — Tel. 872740

ACEITAM-SE AGENTES NO NORTE E CENTRO

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

APARECEU MORTA UMA CRIANÇA (14 MESES) E AS AUTORIDADES SUSPEITAM QUE HAJA CRIME

SERPA, 6 — Prosseguem as investigações, que o Ministério Público determinou, para se apurarem as circunstâncias em que morreu Eleutério da Conceição Soares Gaspar, de 14 meses, filho de Vicente Soares Gaspar e de Catarina da Conceição Guerreiro Soares residentes nos Montes do Pinto, freguesia de Aldeia Nova.

A criança tinha ido brincar com seu tio António José Guerreiro Soares, de 17 anos, jornaleiro, da mesma localidade, que nums terrenos próximos apascentava vacas.

De acordo com as declarações do jovem, a criança teria desaparecido do local onde a deixara enquanto procurava uma vaca que se tresmalhara. O pequenino Eleutério foi, no entanto, encontrado morto a três quilómetros daquele local, no sítio conhecido por Vale de Éguas, que não conseguira atingir pelos seus próprios meios, por ser de acesso acidentado. As autoridades suspeitam de infanticídio e o pequeno corpo foi autopsiado no passado dia 3 em Lisboa, não se conhecendo ainda o resultado desta operação.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente limpo, o vento era fraco de Nordeste, por influência de uma zona de altas pressões que se estendia da Groenlândia até ao arquipélago da Madeira.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, Coimbra e Lisboa 9°; Penhas Douradas, 5°; Portalegre, 11°; Faro, 2°; e Funchal, 14°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 13°; na água do mar: 13°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado predominando de Nordeste. Formação de geada nas terras altas do interior, durante a noite.

Amanhã
Nascer ás 08 e 02
Ocaso ás 19 e 32

Dia 7 Dia 14 Dia 23 Dia 30

MARÉS

PREIA-MAR: **Hoje** — 3 e 16 (4,1 m); 15 e 42 (4,0 m). **Dia 7** — 3 e 55 (4,4 m); 16 e 23 (4,2 m). **Dia 8** — 4 e 37 (4,5 m); 17 e 04 (4,3 m). BAIXA MAR: **Hoje** — 9 e 12 (0,7 m); 21 e 28 (0,8 m). **Dia 7** — 9 e 55 (0,6 m); 22 e 10 (0,6 m). **Dia 8** — 10 e 33 (0,5 m); 22 e 47 (0,6 m).

NOMEAÇÕES NA TAP

Diversas nomeações vieram remodelar os quadros superiores da TAP, a companhia aérea nacional. Assim, foram nomeados para os lugares de secretário-geral, director comercial e adjunto de tráfego dos Transportes Aéreos Portugueses, respectivamente os drs. António da Cruz Barreto, António Preto dos Santos e José Veloso Lucas.

O dr. Cruz Barreto entrou para a TAP como consultor jurídico, em Abril de 1960, tendo desempenhado posteriormente as funções de chefe do contencioso, assistente do director-geral, director comercial e adjunto á administração.

O dr. Preto dos Santos, que entrou para a companhia há 10 anos, foi chefe da divisão de estudos económicos, director comercial adjunto-tráfego e director comercial interino.

O dr. Veloso Lucas ingressou nos quadros da TAP em Julho de 1963, como adjunto da divisão (secção de estudos económicos). Depois exerceu as funções de chefe da divisão de estudos e programas, e director-adjunto interino dos serviços comerciais-tráfego.

Todos os novos nomeados têm participado em colóquios e congressos internacionais como representantes da concessionária nacional do transporte aéreo.

«ÁLBUM DE LISBOA»

Realiza-se no dia 14 o sorteio dos prémios do nosso concurso

CORRESPONDENDO ao interesse manifestado por muitos dos nossos leitores revelamos que o sorteio dos prémios do nosso concurso «Álbum de Lisboa», que se inscreve como uma das iniciativas mais populares realizadas pelo nosso Jornal, vai realizar-se no próximo dia 14, às 10 horas, no salão de festas do Jornal «O Século», na Rua de «O Século», 47. Este será, portanto, o último acto da iniciativa que interessou várias dezenas de milhares de leitores do «Diário de Lisboa» espalhados por todos os pontos do País.

Poucos dias faltam, pois, para conhecermos os números a que serão atribuídos óptimos prémios: um confortável apartamento mobilado, num dos blocos de prédios já construídos pela Realimo em Miratejo, a cidade panorama; um magnífico automóvel «Toyota», modelo «Corolla 1100»; cinco televisores «Siemens», uma máquina de lavar, dois frigoríficos, três rádiorreceptores e numerosos aparelhos electrodomésticos da linha Siemens e 23 álbuns de discos «long-play» de peças clássicas de grandes autores, em interpretações de famosas orquestras para a etiqueta Philips.

Este é o momento em que falava Jorge Vila Fradera, director do jornal espanhol de turismo «Editur», um dos jornalistas estrangeiros que se deslocaram a Portugal para assistirem ás comemorações do segundo aniversário do quinzenário português da especialidade «Publituris»

JORNADAS MÉDICAS DE SANTARÉM

SANTARÉM, 6 — No prosseguimento da actividade cultural de Reuniões Médicas de Santarém realiza-se hoje uma sessão sobre *Antibioticoterapea* em que colaboram o dr. José Ferreira de Almeida, dr.ª D. Maria Odete Ramalho e o dr. Cristiano Nina, que serve de moderador.

JORNALISTAS DE TURISMO

Os directores dos jornais de Turismo «Editur», de Madrid, «Travel Trade Gazette», de Londres, «Repertoire des Voyages» e «Gazette Officiel du Tourisme», de Paris, «Welt am Sonntag», de Hamburgo e «Reise Variden», de Estocolmo que se encontram entre nós para participarem nas cerimónias comemorativas do segundo aniversário do jornal português para profissionais de Turismo «Publituris», estiveram hoje, em visita de cumprimentos, no Palácio Foz, onde foram recebidos pelo secretário de Estado da Informação e Turismo, e na sede dos T. A. P., onde foram recebidos pelo sr. eng.º Vaz Pinto, presidente do conselho de administração. Eram acompanhados pelo jornalista Nuno Rocha, director de «Publituris».

Ao fim da tarde, os jornalistas de Turismo seguiram, por via aérea, para o Algarve, onde, na Praia da Rocha, participam num colóquio promovido pelo jornal português sobre «Imprensa de Turismo na Europa».

Os visitantes regressam aos seus países no domingo.

Êxodo de Pozzuoli

(Continuação da 1.ª página)

generosidade municipal estava a ser explorada por certos cidadãos menos escrupulosos de Pozzuoli.

Cerca de 50 bilhetes de comboio foram encontrados rasgados fora do Município, uma indicação de que determinadas pessoas, que receberam o subsídio, nunca tencionaram partir.

Contudo, a maioria dos habitantes deste antigo porto romano, que está situado sobre um mar subterrâneo de lava vulcânica, encheu-se de pânico e só pensa em ir para longe.

Chuva gelada, fustigada por ventos soprando a uma velocidade de rajada de 120 quilómetros por hora, aumentou a impressão geral de estar prestes a registar-se uma desgraça, enquanto fermentavam na cidade boatos de que está iminente um cataclismo.

A DISTRIBUIÇÃO DO «DIÁRIO DAS SESSÕES»

No Palácio de S. Bento, o ministro do Interior conferenciou, ontem, com o eng. Amaral Neto, presidente da Assembleia Nacional, com quem trocou impressões sobre os motivos que levaram a suspender a distribuição do «Diário das Sessões» aos assinantes da I Série do «Diário do Governo», desde que a Imprensa Nacional passou a empresa pública.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232

Informamos os nossos Ex.mos Clientes que amanhã, Sábado, dia 7, as nossas «SALAS» e «TERRAÇO» se encontram reservadas para um lanche de casamento, servindo-se no entanto, na Sala de «BANQUETES» os nossos habituais ALMOÇOS, CHÁS e JANTARES.

A DIRECÇÃO

Agradecemos que as reservas de mesas para os Jantares sejam feitas até ás 19 horas.

morrisons

As mulheres adoram despentear cabelos fortes, saudáveis...

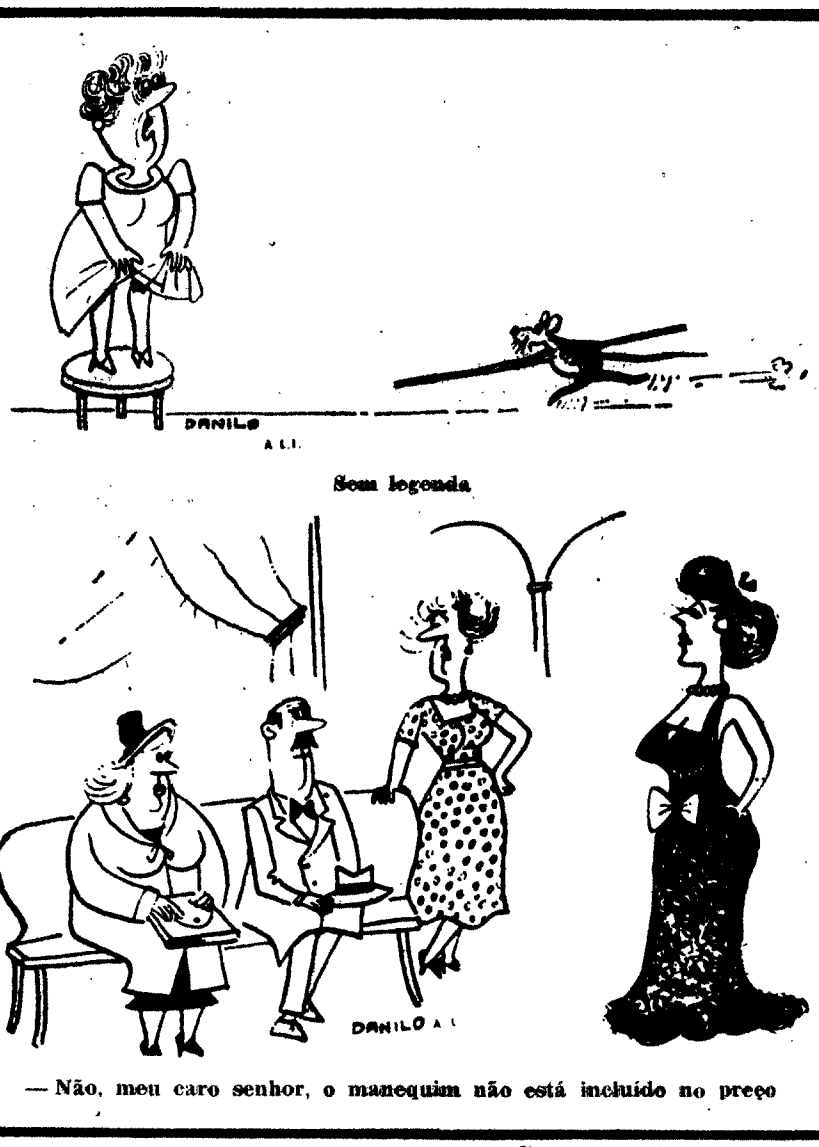
...os homens usam

PANTENE

a arma universal contra a caspa e a queda do cabelo

O tónico capilar vitaminado mais vendido no mundo.

- Embalagem vermelha para cabelos normais
- Embalagem azul para cabelos brancos ou grisalhos
- Embalagem amarela para cabelos rebeldes



Sem legenda

— Não, meu caro senhor, o manequim não está incluído no preço

I SALÃO DOS ARTISTAS DE DOMINGO

Vai a Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, promover o «I Salão dos Artistas de Domingo», desejando corresponder assim «aos anseios dos artistas que, em virtude das características da sua obra, não podem ver-se enquadrados em exposições colectivas ou individuais.»

São considerados artistas de domingo aqueles que não tendo frequentado qualquer escola de arte, pratiquem, todavia, as Belas-Artes nas horas vagas, e podem concorrer portugueses e estrangeiros, maiores de 17 anos, domiciliados em território português.

O salão abrangerá as modalidades de desenho, todas de pintura, escultura e artes aplicadas.

O certame vai funcionar na Galeria de Arte Moderna, junto do Mercado da Primavera, em Belém, e esta circunstância faz pressupor que o salão seja visitado por milhares de pessoas

MARIA ISAURA

Um premio de quatro mil escudos

Será atribuido um prémio de aquisição, na importancia de quatro mil escudos, destinando-se a obra a uma secção da Galeria Nacional de Arte Moderna da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, e no desejo de incentivar talentos novos, podem ser eventualmente concedidos materiais de trabalho e promovidas exposições individuais dos artistas que mais se distingam.

Os trabalhos devem ser entregues sem moldura, ficando a cargo dos organizadores a molduragem e montagem.

A remessa das obras e toda a correspondência alusiva ao salão devem ser endereçadas ao: «I Salão dos Artistas de Domingo» — Repartição de Artes Plásticas, Direcção-Geral de Cultura Popular e Espectáculos, Palácio Foz, Lisboa

Para a composição do catálogo se processar em tempo útil, os interessados deverão enviar, entre 9 e 17 de Março, os trabalhos com os quais concorrem, além dos seguintes elementos:

Texto breve, dactilografado, em língua portuguesa, com a indicação do nome completo, data, lugar de nascimento e morada, bem como eventuais dados biográficos, sucintos.

2.º caderno

Reunião do Rotary Club de Almada

Efectuou-se a reunião semanal do Rotary Club de Almada, presidida pelo sr. Alexandre Campos Nogueira. Secretariou o sr. Rogério Craveiro que procedeu à leitura do expediente, e a direcção do Protocolo esteve a cargo do sr. eng. Vasco Lupi que fez a apresentação dos convidados e visitantes.

O Pavilhão Nacional, para a saudação da praxe, foi hasteado pelo representante do Rotary Club lo Porto, sr. Augusto Carmo.

Registaram-se intervenções do rotário almadense sr. Eurico da Fonseca, que distribuiu interessantes fotografias lunares obtidas pelos cosmonautas americanos que há dias estiveram entre nós, e cartões com os autógrafos daqueles.

O sr. Ventura Varanda, como presidente da Comissão Pró-Casa da Criança de Almada, falou da recente festa levada a efeito para a obtenção de fundos para esta iniciativa, apresentando o saldo positivo da mesma e mencionando as colaborações com obteve

No final dos trabalhos, o presidente da Direcção informou que, na reunião da próxima quarta-feira, dia 11, a palestra regulamentar será proferida pelo membro do Club, sr. comandante Álvaro Monteiro Bastos e que consistirá duma compilação de elementos, traduzidos da Revista Rotária — edição em língua francesa — cujo tema «A Automação e os seus reflexos na vida social» se considera pleno de actualidade.

«RECORD» DE INSCRIÇÕES NO NOSSO CONCURSO

«MAJA DE PORTUGAL-1970»
DOTES FÍSICOS E INTELECTUAIS SÃO COLOCADOS LADO A LADO

Êxito extraordinario — eis a melhor (e mais certa) definição do concurso que estamos a realizar para atribuir o título de «Maja de Portugal - 1970» a uma jovem de fotogenia e nível cultural marcantes. O volume de correspondência recebida foi de tal monta que o juri prévio tem reunido todas as tardes para ir seleccionando, de mais de 300 inscrições, o lote de finalistas deste certame, que tem o apoio da Ibéria (Lineas Aéreas de España) e o patrocínio da Associação Goya Internacional, radicada em Saragoça.

Mais três jovens transitaram para a eliminatória seguinte. Trata-se de Maria Isaura, Graciete da Silva Caldeira e Isabel Nunes Moura.

Maria Isaura é «caixa» de um estabelecimento na Baixa lisboeta (na R. de S. Nicolau). Tem 18 anos de idade e reside em Almada (na R. D. João IV). Por seu lado, Graciete da Silva Caldeira (18 anos) é estudante na Figueira da Foz, e ali residente, na Rua Raimundo Estevães.

Funcionária de um estabelecimento bancário (o Banco Borges & Irmão), Isabel Nunes Moura tem 23 anos, reside em Lisboa (na Rua D. João de Castro) e possui o setimo ano liceal.

ISABEL NUNES MOURA

— *Estava bastante indecisa e, embora seja leitora assídua do «Diário de Lisboa» (e, portanto, tenha acompanhado o concurso desde o primeiro dia) só agora resolvi enviar a minha inscrição* — diz-nos.

E acrescenta:

— *Sei que o concurso para «Maja de Portugal» é uma realização honesta e digna, que não vai estar exclusivamente em causa o perfil físico das candidatas (embora este possa auxiliar bastante as pretendentes ao título) e que interessam também os dotes intelectuais e sociais das aspirantes.*

Concluí a jovem Isabel Nunes Moura:

— *Confio, plenamente, que vai ganhar a concorrente que mais se aproximar do ideal clássicamente imortalizado por Francisco Goya em suas «Majas».*

Este é o objectivo fundamental do concurso para «Maja de Portugal», título que credenciará uma portuguesa para o desfile internacional de Saragoça, no mês de Maio, quando representantes de 30 países competirem para o prémio mais desejado por jovens de quatro continentes.

GRACIETE DA SILVA CALDEIRA

Entretanto, até ao próximo domingo, recebem-se no «Diário de Lisboa» (Rua Luz Soriano, 44-48, em Lisboa) as inscrições de jovens de nacionalidade portuguesa, solteiras, com 18 anos de idade já feitos, que reunam encanto, simpatia, fotogenia e certo nível cultural. Até ao passado domingo publicámos, em todas as edições diárias do nosso jornal, os respectivos cupões de inscrição que, anexados das fotos ali requeridas e devidamente preenchidos, serão submetidos ao juízo de um juri prévio.

ora diga-nos

— Gosta de vinho do Porto?

Há certas bebidas alcoólicas de sabor doce e preço aristocrático... Isto é: o desejo (de beber) embate contra o cifrão (de comprar) e o que não se satisfaz directamente de alguma maneira se mostrará.

● *O sr. Francisco Fialho Sequeira, montador ouviu a palavra «vinho» e foi accionado por uma mola de prazer que se lhe espalhou por toda a expressão:*

— Muito, muito — ria.

— Vinho do Porto? Ó toda a qualidade de bebidas...

● *O sr. António Lourenço Castanha, electricista, foi direito ao ponto:*

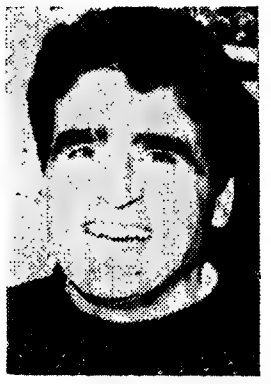
— Ponha aí uma garrafa que eu mostro-lhe.

O repórter declarou-lhe então em abono do diálogo que não gostava de bebida tão adocicada. E todavia para o entrevistado: — Para nós isso não é questão. Questão é o custo.

● *O sr. Manuel José Sequeira, montador fez quase uma declaração de princípio.*

— Bebidas tudo, menos água.

— Para vinho do Porto não tinha dinheiro. Bebo café em vez dele.



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O FUTEBOL JUNIOR DERROTADO EM CÁDIZ

ESPANHA, 4-PORTUGAL, 2

OS ESPANHÓIS COMEÇARAM A CORRER ...E NUNCA MAIS PARARAM

CÁDIS, 6 — (Pelo telefone) — Ante uma asistência de cerca de treze mil pessoas, a equipa portuguesa de juniores foi, ontem, batida, por 4-2, pela sua congénere espanhola.

As turmas alinharam:

PORTUGAL — Matos; Fernando, Laranjeira, Vítor Pereira e Oliveira; Fraguito e Duarte; João Cardoso, Castro, Nando e Coentro Faria.

Na segunda parte, Ratinho substituiu João Cardoso e, aos 70 minutos, Correia Dias entrou para o lugar de Machado.

ESPANHA — Campa; Carrasco, Tanco, Espinal e Zuluaga; Ortega e Plana; Juanito, Alvaro, Porteros e Avila.

Arbitro: Fabio Monti (italiano), auxiliado pelos espanhóis Quintas e Navarrete.

Os golos foram marcados por Porteros (aos 24 e 35 m.) e Alvaro (aos 28 e 49 m.), pelo lado dos espanhóis. Pelos portugueses marcaram Cardoso (32 m.) e Fernando (44 m., de grande penalidade).

Foi principalmente uma questão de velocidade e de poder. Assim que o jogo principiou, os espanhois começaram a correr... e nunca mais pararam. Utilizando um processo simplista, traduzido num sistema de bola para a frente, mas para a frente de extremos velozes e «pontas de lança» codiciosos, a selecção espanhola imprimiu grande rapidez aos seus ataques e deu á defesa portuguesa um trabalho constante. Todavia, coube aos visitantes a primeira ocasião de golo (iam decorridos 17 minutos), quando Castro cabeceou o esférico sobre o guarda-redes Campo e um defesa adversário aliviou em cima do risco fatal.

Essa oportunidade, porém, como que estimulou os espanhóis, que voltaram a carregar ainda com maior ímpeto sobre o reduto atrasado dos lusitanos. E, aos 24 minutos, um lançamento em profundidade foi recolhido por Porteros, que se infiltrou e atirou rasteiro, apanhando Matos a meio do caminho. Insistindo, a equipa de Espanha voltou a marcar pouco depois, num remate de Alvaro, que captou o esférico vindo de um choque entre Matos e Porteros e chutou com boa conta.

A turma de Portugal teve então uma reacção enérgica, que lhe valeu um excelente tento, obtido por Cardoso com um remate em arco Porém, logo a seguir, a Espanha repôs a diferença de dois tentos, com um pontapé de Porteros e após uma jogada extremamente confusa durante a qual o árbitro apitou, para no entanto, validar posteriormente o tento.

O conjunto português iniciou a segunda parte em melhor nível e o «penalty» transformado por Fernando (assinalado por Castro ter sido rasteirado quando se preparava para cabecear a bola), abriu novas perspectivas á representação lusa. A Espanha, no entanto, não tardou em retomar o avanço anterior. O quarto tento foi, todavia, obtido por Alvaro em posição de fora de jogo, que o fiscal de linha deixou passar. Os espahais voltaram ainda a criar perigo e Fernando teve de safar no ultimo instante uma bola que Juanito enviara para a baliza.

No tempo restante, o jogo equilibrou-se, mas o resultado manteve-se com vitória justa dos visitados, embora ensombrada pelos lances a que fizemos referência.

No «onze» português, que foi brioso e lutador, destacou-se Laranjeira, seguido de Matos, Oliveira e Fraguito. Nos espanhóis, a linha dianteira revelou-se invulgarmente eficaz, com realce para Porteros, na verdade um jogador de vastos recursos. A defesa, pouco apertada, esteve melhor no jogo por alto.

Arbitragem aceitável, com as falhas já apontadas.

Foi dirigido (e bem) por Saldanha Ribeiro o Standard-Leeds

Regressou ontem de Liège o árbitro internacional Saldanha Ribeiro que, auxiliado por Ismael Baltasar e Marcos Lobato, dirigiu, naquela cidade, o encontro entre o Standard (campeão belga) e o Leeds (representante britânico) a contar para a Taça dos Clubes Campeões Europeus.

A importância do encontro e a excelente cotação dos clubes intervenientes deu mais uma possibilidade da muita ambientação que Saldanha Ribeiro necessita, tendo em vista a sua participação no «Mundial».

O conhecido árbitro leiriense pensa começar a intensificar em breve a sua preparação adequada á dignificação da arbitragem portuguesa no maior certame do «association» mundial.

TIRO AOS PRATOS

Torneio organizado pelo Clube de Caçadores

Organizado pelo Clube de Caçadores Portugueses, realiza-se no próximo fim-de-semana no Stand de Tiro dos Soeiros (Benfica) o «Grande Torneio de Tiro aos Pratos».

A avaliar pelos prémios em disputa é de crer que esteja presente elevado numero de atiradores.

SÁBADO DESPORTIVO

ANDEBOL — Campeonato de Lisboa, de juvenis: C. D. U. L.-Passos Manuel C, Parede-Campo de Ourique e Benfica-Boa Hora, no pavilhão da Ajuda, a partir das 17 e 30.

AUTOMOBILISMO — Volta a Portugal.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da I Divisão, fase metropolitana: B. P. M.-C. U. F. e Académico-Benfica, no pavilhão do Académico, a partir das 21 horas; Sporting-Marinhense, no pavilhão da Ajuda, ás 22 e 30; Barreirense-Belenenses no Barreiro, ás 21 e 30; Ginásio Figueirense-F. C. Porto, no liceu, ás 21 e 30; Académica-Vasco da Gama, no pavilhão universitário de Coimbra, ás 21 e 30.

— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Farense-Luso, Olhanense-Atlético, Olivais-Galitos, Sangalhos-Fluvial e C. D.ª U. L.-Ilhabum, nos campos dos primeiros, ás 21 e 30.

ESGRIMA — Taça «Ten.-Cor. Veiga Ventura», no ginásio da Academia Militar, ás 15 horas.

FUTEBOL — Torneio dos Orgãos de Informação: R. T. P.-Capital, no Pote de Agua; Jornal do Comércio-Século, em Marvila, Rádio Clube-Mundo Desportivo, em «Pina Manique», Diário Popular-Diário de Notícias, em Benfica, Rádio Universidade-Novidades, em Palma, todos ás 16 horas.

NATAÇÃO — Distribuição de emblemas no Clube Nacional de Natação.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, de seniores: Faculdade de Ciências-Benfica, no recinto do primeiro, ás 19 e 30.

Riera e o Espanhol não se entendem para a rescisão do contrato

O treinador chileno Fernando Riera publicou nos jornais uma carta aberta ao Espanhol na qual comunica que *«se é certo que tratei de encontrar uma solução amigável para o problema levantado pelo Espanhol, relativo ao meu contrato, o que tornaria desnecessária a intervenção oficial do meu advogado, dado que estas diligências amigáveis não deram qualquer resultado imediato, e vendo-me obrigado a comparecer no expediente já iniciado para me defender dentro da minha honorabilidade e dos meus direitos, considerei conveniente a intervenção oficial de um advogado»*.

A estas queixas de Fernando Riera, respondeu o secretário do clube, Casilde Osés: «Estou deveras surpreendido que o sr. Riera diga que procurou encontrar soluções amigáveis para o seu problema, posto que não voltamos a ter notícias suas desde a ultima entrevista que tivemos aqui no clube, na qual lhe comunicamos a decisão do Espanhol de lhe instaurar um inquérito e de o suspender do emprego e vencimentos até que a Federação decida se os agravos que provocou á Imprensa de El Ferrol, podem dar lugar ao seu despedimento.»

HOJE À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da II Divisão: C. Quebradense-Nacional, ás 21, na Ajuda; e Odivel-Técnico, ás 21 e 30, no Pavilhão Universitário.

HÓQUEI EM PATINS — Taça Rádio e Televisão: Paço de Arcos-Sintra, ás 21; Estremoz-Oeiras, ás 22; e Salesiana-Belenenses, ás 23, no Pavilhão da Juventude Salesiana. F. Benfica-Sporting, ás 21 e 15; C. Ourique-Cascais, ás 22 e 15; e CUF-Benfica, ás 20 e 15, no Pavilhão da Luz.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa de Juvenis: Benfica-Lisboa Ginásio, ás 19 e 30, na Escola Josefa de Obidos.

Campeonato de Lisboa de Juniores: Lisboa Ginásio-Benfica, ás 21 e 30, na Josefa de Obidos.

MEXICO 70 O PERU CANCELOU A SUA VIAGEM À EUROPA

■ Numa reunião do Comité Nacional de Desportos do Peru, a que assistiram membros do Comité, elementos da Federação de Futebol e o treinador da selecção, Didi, foi cancelada a anunciada excursão à Europa da selecção peruana.

■ *Raul Cárdenas, treinador da selecção de futebol do México, declarou: «Seria muito importante que a selecção espanhola viesse ao México para jogar contra a equipa nacional antes da Taça Mundial.»*

Javier de La Torre, membro do Conselho Técnico da selecção, por sua vez, afirmou que um desafio com a Espanha neste momento seria deveras interessante e sugeriu que esse fosse o ultimo encontro de preparação da selecção mexicana, pois através dele poderia demonstrar as reais possibilidades, desde que a Espanha jogasse como o fez contra a Alemanha e a Itália.

■ *Causou profundo desgosto entre os adeptos do futebol brasileiro a notícia de que a selecção espanhola de futebol não podia aceitar o convite do Brasil para a realização de um ou dois encontros preparatórios no Estádio de Maracanã.*

■ A selecção brasileira, que chegará à cidade mexicana de León no mês de Abril, disputará ali seis jogos de preparação.

■ A Associação Uruguaia de Futebol oferece três mil dólares (cerca de 80 contos) a cada um dos seus jogadores se conquistarem o Mundial.

■ *Ove Bergmark, seleccionador da Suécia, dá como favorita para o Mundial a equipa do Brasil «que não sofrerá tanto como outros conjuntos com a mudança de clima e tem qualidade indiscutível.»*

■ *A selecção da Checoslováquia, que em 15 de Maio defrontará a Noruega, em Oslo, seguirá dali para o México.*

■ A Federação Espanhola de Futebol rejeitou um convite da sua congénere romena para a realização de dois encontros entre as equipas nacionais dos dois países.

Os espanhóis viram-se compelidos a não aceitar esse convite em virtude de as datas propostas coincidirem com a realização das suas competições nacionais.

A equipa juvenil da Associação Atlética de Avanca que ganhou (sem derrotas) o campeonato da A. F. de Aveiro. Na partida-desempate, esta turma bateu o Sporting de Espinho por 2-1

As jovens basquetebolistas da Associação Desportiva de Oeiras escutam as indicações do seu treinador

Queluz: A nova direcção da Casa de «Os Belenenses»

Em assembleia geral, realizada na Casa de «Os Belenenses» de Queluz, sob a presidência do sr. Alberto Correia, foram (por unânimidade) aprovados o Relatório e Contas da Direcção e o Parecer do Conselho Fiscal, que definem com clareza a forma como em 1969 se processou a vida da colectividade.

Registamos, também, que no Relatório figura um voto de agradecimento ao nosso jornal e ao nosso colaborador naquela vila.

Foram aprovados (por aclamação) um voto de louvor e de agradecimento, para a Direcção cessante e a todos os associados da Casa, e, também, guardado um minuto de silêncio em memória do sr. João Crisóstomo de Sá, seu sócio fundador, presidente honorário, sócio de mérito e grande benemérito da Casa, que desempenhou as funções de editor do nosso jornal. Os novos corpos gerentes passam a ser:

Assembleia Geral — Alberto Correia, Manuel Luís, João José Roxo Cruz e Joaquim Soares Assunção.

Direcção — José António Dias, Augusto dos Santos, Rui da Silva Jacinto, Fernando Lopes Mateus, Manuel Vicente Cortês Primo, Pedro Pinto Marques, Libânio Santos Camacho, Martiano Almas Figueiredo e Lídio Murta Cruz.

Conselho Fiscal — Francisco de Jesus Fortunato, Artur de Almeida Carvalho, António Pinto Brás, Orlando Ganganta Figueiredo e António Severino Sequeira.

Delegados á Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio — Domingos Eugénio dos Santos e Ernesto António Ferreira.

Discutiu-se o problema do ginásio, cujas obras principiaram há muito, mas que, por falta de fundos necessários para a sua conclusão, se encontram paradas. Os novos dirigentes prometeram á massa associativa que, em 1971, o ginásio será uma realidade, pedindo para isso a ajuda de todos os associados.

Entre os associados presentes recolheu-se a quantia de 2550 escudos, para auxiliar essa despesa.

ACTIVIDADE DE NADADORES DE COIMBRA

Deslocam-se no corrente mês a Salamanca e Madrid para encontros com o Club Las Torres e Club Natacion Canoe, nadadores da Académica de Coimbra, dando cumprimento a um programa de valorização desportiva estabelecido pela Direcção-Geral dos Desportos.

Por seu lado, estão marcados para Coimbra os seguintes encontros internacionais: Em Abril — Académica contra Real Club Náutico (de Vigo); em Maio — Club Las Torres (de Salamanca) e em Julho — Club Natacion Canoe (de Madrid)

Este ultimo encontro está integrado no programa das «Festas da Rainha Santa Isabel».

FEDERAÇÃO EQUESTRE

Foram eleitos os corpos gerentes da Federação Equestre Portuguesa, para o próximo triénio, que passam a ser os seguintes:

Congresso — dr. António da Motta Veiga, eng.º Adelino Nogueira da Costa, dr. António Canavarro e dr. António Carvalho Rosa.

Direcção — general Kaulza de Arriaga, brigadeiro Joaquim da Luz Cunha, Elmano de Sousa Costa, cap. Xavier de Brito e cor. António Damião.

Conselho Fiscal — general Humberto Buceta Martins, D. Luís Margaride e dr. António Mendes de Almeida.

Conselho Técnico — cor. Henrique Calado, ten.-cor. Jorge Matias e Numo Carneiro.

Conselho Jurisdicional — dr. José Sollari Allegro, dr. António J. Oliveira Monteiro e dr. Raul Pais.

BOAVISTA--BELENENSES

A Comissão Administrativa da delegação do C. F. «Os Belenenses», organiza excursões ao Porto, por ocasião do jogo Boavista - Belenenses, amanhã e domingo.

Amanhã, ás 14 horas, da Casa de Almada; 14 e 30 de Belém e ás 15 horas da Praça Marquês de Pombal.

Domingo, ás 4 horas, da Casa de Almada; 4 e 20 de Belém e 5 horas da Praça Marquês de Pombal.

As inscrições, que são limitadas, podem ser feitas na Delegação: Avenida da Liberdade, 105, 2.º, das 13 ás 0 horas ou através do telefone 368196, com o mesmo horário.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

GRANDE CONCURSO

CÁLEM um PORTO velho do nosso tempo.

ALTURA DO NOSSO RENOME

O vinho do Porto Cálem tem uma qualidade internacionalmente reconhecida. Merece, pois, ter marcas comerciais (denominações) de acordo com a sua origem, que deverão ser essencialmente portuguesas.

Ocupamos o melhor da nossa imaginação em aperfeiçoar sistemàticamente a qualidade e a apresentação do nosso produto: por isso, ela falta-nos às vezes para o «nomearmos» como melhor convém: com designações sonoras, breves, significativas e, repetimos, bem portuguesas.

Precisamos de **nomes novos** para completar a gama dos Vinhos do Porto que comercializamos.

Por isso abrimos um

CONCURSO:

Oferecemos os seguintes prémios:

1.º Prémio — Esc. 10.000$00
2.º " — " 5.000$00
3.º " — " 3.000$00

Tudo faremos para que as novas marcas venham a ser, muito brevemente, tão conhecidas como são actualmente as nossas marcas VELHOTES, TOP DRY e MAGNIFICENT.

Agora, temos falta duma denominação para:

1 Porto de Preço médio

É fácil concorrer para o que basta enviar um postal ou carta com as suas sugestões e eventuais comentários indicando, no entanto, taxativamente o seguinte:

"Propomos a marca....."

e endereçando as sugestões para:

A. A. Cálem & Fº Lda. Rua da Reboleira, 7 - PORTO

Tomamos a liberdade de dar aos nossos estimados concorrentes os seguintes conselhos:

1.º — Tenha presente que o sobrenome que apresentar, deve ligar, tanto quanto possível, com o nome **PORTO CÁLEM.**

2.º — Procure palavras, simples ou compostas, mas de preferência curtas, fonèticamente harmoniosas e fáceis de fixar.

3.º — Preocupe-se com que também dentro do possível, os sobrenomes que der às marcas CÁLEM signifiquem alguma coisa para lá das palavras; isto é, que esteja directamente ligado à imagem do produto português de maior renome internacional (o vinho do Porto).

4.º — Lembre-se de que precisamos de sobrenomes bem portugueses — tão portugueses como a qualidade dos **nossos vinhos amadurecidos há mais de um século ao sol de Portugal.**

5.º — Repare que não pretendemos uma frase publicitária, mas sim **nomes à altura do nosso renome.**

1) A Administração da Firma A. A. Cálem & F.ª, Lda. reserva-se o direito de não atribuir os prémios, não utilizando, consequentemente, as denominações, caso não as achar compatíveis com os objectivos deste Concurso.

2) A Casa CÁLEM será a exclusiva possuidora das sugestoes recebidas não lhe podendo ser exigida em altura nenhuma seja a título for, outros pagamentos por força da sua utilização para além das importâncias dos prémios oportunamente anunciados.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O técnico japonês leccionando para um grupo de alunos

«Regulamentado está — acontece é que não se pratica»

O QUASE NADA DA NATAÇÃO PORTUGUESA

• *Shintaro Yokochi, o professor do Sport Algés e Dafundo, fala dos problemas da modalidade*

Natação: muitos especialistas em cultura física consideram-na o desporto completo por excelência; outros, mais rígidos, afirmando que não existem desportos completos, têm-na, ainda assim, como um dos menos incompletos.

A natação foi tema para entrevista, com um técnico reputado, conhecedor, entusiasta: Shintaro Yokochi, professor de nacionalidade japonesa há doze anos radicado em Portugal, ao serviço de uma colectividade à qual a natação portuguesa muito deve: o Sport Algés e Dafundo

O professor Yokochi num treino do Sport Algés e Dafundo

— *Desde que me fixei em Portugal e até 1961, pode dizer-se que a natação beneficiou de um desenvolvimento rápido. Depois, nos três anos seguintes, decaiu, para voltar de novo á toada de progresso, embora mais lentamente que no início.*

Progresso, em natação, sinonimiza quantidade; a qualidade surgirá depois, naturalmente, como resultante dos muitos a nadar, dos muitos a tentar. Interessava, sobremaneira, que a juventude dissesse presente... Ou fosse levada a fazê-lo.

— *A natação como disciplina obrigatória nas escolas?... Mas já o é!*

— *?!...*

— *... E há muitos anos!* — *Um sorriso breve e o professor Yokochi acrescenta:* — *Regulamentado está; acontece é que não se pratica...*

Existem cinquenta e cinco infantis no Algés e Dafundo. Mas os responsáveis pensam em cem, em duzentos, em trezentos. Muitos. Só com muitos logrará alcançar-se a almejada meta. Muitos no Algés. Muitos em toda a parte, aproveitando o elemento *água* onde quer que ele se apresente propício á salutar prática.

Mas nem só de pão vive o homem; nem só de água vive a natação.

Segurança social para os técnicos de natação

As pessoas dedicam-se, vivem de e para uma causa. Votam-se a ela. Mas a vida é só uma e ninguém sabe o amanhã

— *As condições sociais dos treinadores de natação não são boas. Não é bem aquilo que ganham ou deixam de ganhar; o problema está, sobretudo, na ausência de uma estrutura nacional que lhes garanta o futuro e a sobrevivência em caso de doença.*

Shintaro Yokochi: 12 anos em Portugal

Evidentemente, a insegurança jamais constituiu chamariz. Não há técnicos em quantidade suficiente. Nem possibilidades de os aliciar, na base actual, não expressa mas implícita, do «venha, trabalhe... e espere que tudo corra bem por muitos anos».

— *São necessários mais técnicos. Mil vezes mais técnicos. Nunca serão demasiados, tal a extensão da tarefa. Mas assim é difícil. O treinador de natação tem que dedicar-se mesmo. A missão absorve, monopoliza...*

— E o amanhã, tornado vago pela ausência de uma organica social adequada, constitui pensamento preocupante, dissipador da concentração exigida pela tarefa, até mesmo — e compreensivelmente — desanimador.

Um plano «ambicioso»

Que se impõe realizar, de molde que a natação portuguesa atinja maior dimensão? Responde um técnico jovem. Ao entanto, os 34 anos do professor Shintaro Yokochi são «mais velhos» pela vasta experiência que possui no plano internacional.

Afirmando que se verifica um maior incremento da natação nos países de melhor nível de vida e de cultura, o reputado treinador japonês acrescenta:

— *A obrigatoriedade da natação nas escolas — num plano efectivo, claro — seria um grande passo em frente. Depois, era necessário aumentar a propaganda, desenvolvendo uma verdadeira campanha por todo o país na qual a Federação tivesse o apoio das esferas governamentais...*

A pausa é breve — e rogo:

— *Mais técnicos. Muitos técnicos! Finalmente, criar-se uma sequência definida entre ensino da natação, treino competitivo e prática recreativa. Todos estes sectores são importantíssimos, todos merecem atenção especial... mas é necessário que não se misturem.*

Yokochi diz que gostaria de se expressar melhor, que não sabe falar bem o português... Não é verdade. As afirmações do técnico nipónico são perfeitamente claras, até mesmo fluentes dada a convicção com que as exprime.

— *É como uma escalada por fases, sabe? Na base, o ensino, a instrução. Começa por ser preciso saber nadar para mais tarde competir. Depois da instrução, o treino. Se houver muitos a treinar, melhores são as possibilidades de haver um ou outro que sobressaia... e quando assim acontece, esse um constitui chamariz para outros. Desses outros surge um novo elemento nitidamente acima da craveira corrente; «chamariz» renovado... e o ciclo multiplica-se, aumentando continuamente.*

Este, o esboço. A ideia feita desejo; desejo tornado intento para um amanhã melhor.

No Sport Algés e Dafundo trabalhia-se. Partindo da base. Cumprindo a escalada...

— *Mas são precisos muitos, muitos mesmo...*

CARLOS SOARES

TOTOBOLA: CONCURSO N.º 29

Com nova interrupção dos campeonatos nacionais, foram escolhidos para o concurso n.º 29, do Totobola, sete jogos da segunda «mão» da 5.ª eliminatória da «Taça de Portugal», sendo os seis restantes da 1.ª Divisão de Itá. Eis os encontros: Montijo-Braga, Lamego-Sintrense, Benfica-Setúbal, Nazarenos-Académica, C. U. F.-U. Tomar, Varzim-Boavista, Leixões-Barreirense, Bréscia-Nápoles, Fiorentina-Juventus, Lanerossi-Bolonha, Lázio-Inter, Palermo-Bari e Torino-Roma.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso N.º 27 — 9.º Época

O **Alcoa** — X21 X11 111 1111; **Açores** (Desportivo) — 1X1 21X X2X 1111; **Cavalgada do Ritmo** — 111 211 12X 1211; **Comércio de Portimão** — 121 211 11X 1112; **O Comércio do Porto** — 111 X11 XX1 1211; **Correio dos Açores** — XX1 211 12X 1111; **Correio do Vouga** — 121 211 111 1111; **Defesa de Espinho** — 1X1 X1X 11X 111X; **Diário da Manhã** — X21 X11 1X1 1211; **O Distrito de Setúbal** — 1X1 X11 12X X111; **Eco do Funchal** — 12X 211 121 1211; **Ecos de Cacia** — 121 21X 2X2 1111; **Ecos do Desporto** — 1X1 211 121 11X1; **Estrela da Manhã** — 111 211 121 X112; **Eu Sei Tudo** — 2X1 X11 22X 1111; **Folha do Domingo** — 1X1 21X 121 1211; **Gazeta do Sul** — 121 X11 221 XX11; **A Ilha (Desportiva)** — XX1 211 2XX XX11; **Imagens Piedenses** — 111 X11 1X1 1111; **O Jornal de Felgueiras** — 211 X11 X1X 1X11; **Jornal do Fundão** — 11X 112 211 X111; **O Jornal da Lixa** — 121 21X 121 1X11; **Jornal de Santo** — 2X1 X1X 121 111X; **Linhas de Elvas** — X21 111 1XX 1211; **Mundo Desportivo** — X21 21X 111 1211; **Notícias da Amadora** — 1X1 212 12X 1111; **Notícias de Chaves** — 2X1 21X XX1 1211; **Notícias de Guimarães** — XX1 211 111 XX11; **Povo Algarvio** — X21 21X 121 1211; **Sporting** — 111 211 12X 1111; **Diário de Lisboa** — 211 X11 12X XX11; **Póvoa de Lanhoso (CA)** — 111 X11 X1X 1112; **Póvoa de Lanhoso (Desp)** — X21 211 1X1 1111; **Rádio Altitude** — XX1 X11 1X2 1111; **Rádio Sports** — 121 211 111 1111; **Reconquista** — XX1 211 111 1111; **Renovação** — XX1 211 X21 1111; **República** — 221 21X 12X 1X11; **Terra Alta** — 1X1 211 211 2X11; **A Voz de Palmela** — 121 X12 1X1 112X; **A Voz** — 1X1 211 12X X11X; **Peça Que Não Maça** — XX1 211 1X1 1X1X; **Correio do Douro** — 121 21X 121 1111; **O Porto** — 121 X11 1X1 1111; **Norte Desportivo** — 111 111 X21 1X1X; **Vamos à Bruxa (Adesivo)** — X1X 111 121 12X1; **Vamos à Bruxa (D. Conchita)** — 2X1 X11 1X1 121; **Colina Sagrada** — 2X1 21X 12X 22X2; **Mosaico** — 121 X11 X21 1211; **Penalti** — 121 211 X11 1211; **A Lição do Menino Quim** — X21 211 111 1X1X; **Diário de Moçambique** — X11 X11 2X1 X111; **Jornal Desportivo** — XX1 X11 12X X111; **Brado Africano** — 1X1 X11 122 1211; **Onda da Manhã** — 221 21X 12X 2112; **Domingo Alegre** — XX1 21X 2XX 121X; **Roteiro Sonoro** — 121 X12 2X1 1X21; **Terceiro Programa** — 1X1 21X X12 1111; **Passatempo** — 121 21X 111 11X2; **Bondiazinho** — X21 2XX X21 X111; **O Templário** — 211 212 211 1111; **A Voz Desportiva** — X21 X12 221 1X11; **A Voz de Domingo** — 1X1 X11 111 1111; **Voz de Lamego** — 121 211 122 111X; **A Voz dos Ridículos** — 221 211 1X1 1111; **Almanaque** — XX1 121 1X1 1X11; **Comércio** — 211 12X X111; **Auto Rádio** — 121 111 22X 1211; **Boletim Desportivo RP** — 1X1 211 XX1 1111; **Boletim Desportivo TA** — 221 211 X2X 1111; **Cantinho Ricardo Lemos** — XX1 X11 111 1211; **O Comércio de Leixões (DTUP)** — 1X1 211 12X 111X; **O Comércio de Leixões (Desp)** — 111 21X 1X1 X11X; **O Concelho de Estarreja** — 2X1 211 111 1111; **Correio de Coimbra** — 121 211 2X1 1X11; **A Defesa** — 1X1 211 1X1 1111; **De Tudo Um Pouco** — 121 211 11X 1111; **Às 10 Espere Por Nós** — 121 111 121 1111; **Diário de Coimbra** — 121 211 X11 1111; **Electro Mecânico** — 212 211 12X 1111; **Emissora Oficial da Guiné Portuguesa** — 221 21X 1X2 XX1X; **Dos Fracos Não Reza a História** — 21X 212 X1X X11X; **Ideal Rádio** — 211 211 1X1 1211; **Jornal do Barreiro** — X21 X11 1X1 11X1; **Jornal da Beira** — X11 X11 1X2 X211; **Jornal de Notícias** — 1X1 21X XX1 2X11; **Jornal de Notícias** — 121 21X 222 1111; **Jornal do Sul (AD)** — 111 2XX 122 2111; **Jornal do Sul (TL)** — 1X1 212 122 21X1; **Jornal de Viseu** — 121 212 XX1 1211; **Litoral** — 121 211 21X 111X; **Maria da Fonte (Desp)** — 111 111 111 1111; **Maria da Fonte (VP)** — 2X1 21X 22X 12X1; **Momento do Totobola** — 121 211 XX1 11X; **Música e Desporto** — XX1 21X 111 121X; **Notícias de Felgueiras (SD)** — XX1 X11 1X1 2111; **Notícias de Felgueiras (Tot)** — 111 211 12X 2111; **A Ordem** — X21 X11 X2X 1112; **Passatempo** — 111 211 1X1 1121; **Prog. da Manhã** — 121 111 X2X X1X1; **Prog. Sem Nome** — 121 X12 X11 21XX; **Notícias d'Évora (VD)** — 211 X11 X21 111X; **Notícias d'Évora (VJT)** — 1X1 21X 121 X111; **Novidades** — X21 X1X 22X 2X11; **Prog. Só Rádio** — 121 211 1X1 1X21; **A Rabeca** — X21 21X 11X 1X11; **Rádio Clube do Norte** — X12 211 222 2111; **Rádio Oceano** — X21 21X X2X 11X2; **Rádio Placard (ENR)** — 1X1 211 2X1 1X12; **Rádio Placard (RCP)** — 1X1 211 121 1112; **Rádio Placard (RSP de LX)** — 121 211 XX1 121X; **Rádio Ribatejo** — 211 211 X21 1X11; **Repórter do Dia** — X21 21X 11X 1111; **Repórter do Dia (Angola)** — 211 X11 1X2 12X1; **Resenha Desportiva** — 1X1 X11 XX1 11X1; **O Setubalense** — 211 211 XXX 1111; **Sorriso da Hora do Almoço** — XXX X1X 2X2 1X11; **Voz do Casa Pia** — 1X1 211 121 1111; **Notícias de Gouveia** — 1X1 111 111 1111; **Diário** — XX1 211 121 1111; **Apostolado** — X2X 1X1 1111; **Almanaque** — XX1 121 1X1 1X11; **Comércio** — XX1 X11 111 1X11; **A Nossa Chave** — 1X1 21X 111 X211.

RESUMO

CONCURSO N. 27

N.º	JOGOS	1	X	2	BOLAS 1	X	2 (a)
1.	Leixões-Barreirense	65	36	21	6	4	2
2.	U. Tomar-Porto	26	46	50	3	4	5
3.	Setubal-Varzim	115	6	1	10	1	1
4.	Braga-Benfica	10	35	77	1	4	7
5.	Sporting-Guimarães	119	2	1	10	1	1
6.	Boavista-Belenenses	81	31	10	8	3	1
7.	Cuf-Académica	75	27	20	7	3	2
8.	Gouveia-Tirsense	32	38	52	3	4	5
9.	Vizela-Sanjoanense	72	37	13	7	4	1
10.	Marinhense-Famalicão	92	19	11	9	2	1
11.	Lusitano-Santarém	72	24	26	7	2	3
12.	Atlético-Portimonense	106	12	4	10	1	1
13.	Luso-Peniche	93	19	10	9	2	1

E o prognóstico lógico será: 121 211 121 1111

(a) — **Nos termos do Art.º 10.º** do Regulamento **Geral dos Concursos se houver necessidade** de sortear o **resultado dos jogos não realizados na data** do concurso, as **bolas entrarão na esfera do sorteio** nas quantidades indicadas no presente mapa.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE BEETHOVEN

Integrado nas comemorações do bicentenário do nascimento de Beethoven a R. T. P. transmite, pelas 23 horas, um recital pela pianista Maria Helena Moreira de Sá e Costa que interpreta a Sonata op. 22 com os seguintes andamentos: allegro, adagio, minueto e rondó.

MINI-NOTAS SOBRE BEETHOVEN

Segundo Riedmann, Ludwig von Beethoven foi baptizado em Bonn, em 1770, supondo-se que tenha nascido em 16 de Dezembro desse ano. Faleceu em Viena de Áustria em 26 de Março de 1827. A sua família, muito dedicada à música desde remotas gerações, deu-lhe uma instrução musical muito cuidada, escolhendo, entre os principais instrumentistas, cantores e maestros daquela época, os seus professores. Beethoven, devido ao seu notabilíssimo génio criador e á sua inspiração musical, que não conheceu limites, perdura e perdurará como uma das mais brilhantes, das mais inesgotáveis e das mais fecundas, pode ser considerado o maior entre os maiores.

Ludwig von Beethoven

II PROGRAMA

«MÁSCARA VERMELHA»

Em «Noite de Cinema» que preencherá toda a emissão do 2.º Programa, é apresentada a película «Máscara Vermelha» com Tony Curtis, Robert Cornthwaite, John Hoyt, Dan O'Hernihy, Paul Cavanaugh, Colleen Miller, Angela Lansbury, George Dolens e o conhecido Gene Barry da série «O Jogo da Vida». A acção do filme desenrola-se em 1803, em Paris, na luta fraticida da revolução francesa. Um fidalgo raptava os nobres à guilhotina, levando-os para Inglaterra...

Robert Young aproveita todos os momentos livres das filmagens da série «Dr. Marcus Welby» para se dedicar ao seu desporto favorito: a pesca

DR. MARCUS WELBY

Cerca das 22 e 5 é exibido mais um episódio da série «Dr. Marcus Welby» com Robert Young, James Brolin e Elene Verdugo.

«O dr. Marcus Welby procura minorar o sofrimento de um dos seus pacientes e levá-lo a compreender a gravidade da sua doença e da necessidade da compreensão mútua entre doente e médico».

canal da crítica

HOWARD, PRIMEIRO EMBAIXADOR AMERICANO EM PEQUIM?

O episódio de ontem incluído na série «O Jogo da Vida» vem demonstrar aquilo que há muito se desconfiava já: as más relações entre os Estados Unidos e a República Popular da China resultam de equívocos cujo responsável maior não é o Governo da forte, gloriosa e democrática potência estadunidense. O problema da Formosa, do Vietnam, da representação chinesa nas Nações (state) unidos, o embargo de mercadorias, a presença da esquadra americana no Pacífico, etc., etc., tudo isso existe, tudo isso é triste, em virtude da acção de duas influências: a russa e a dos «Falcões», os partidários da linha dura na América.

Esse facto ficou ontem, mais uma vez, amplamente provado com a história da reunião internacional contra a poluição, para a qual fora convidado um representante chinês. Este foi e sucedeu uma bronca com o problema da disposição dos lugares. Os chineses foram aos arames, disseram que havia má-fé e puseram-se na alheta. O embaixador americano garante a Howard que não senhor, que ideia!, não havia nenhuma má-fé, pelo contrário, olha que coisa, ó Howard, olhe ca gente até tem o maior interesse em que os chineses assistam, é o primeiro passo para o desanuviamento, é o primeiro gesto de convivência por parte da China...

Diálogo comovedor. Mais um bocadinho e víamos o embaixador, em supremo gesto de compreensão, a agitar o livrinho vermelho...

Entra na história um revolucionário, o Jarnoux, amigo do Mao, que serviu de intermediário e convenceu o representante chinês da boa-fé deles. Jarnoux é raptado pelo «falcão» tanque Lang mas os russos comandados pelo execrável Nicolai (ai, ai...) antecipam-se e pretendem embarcar o francês jarnoux para a... Rússia...

Bom. Talvez a série «O Jogo da Vida» pretendesse demonstrar ao povo americano a necessidade de falar com os chineses, a impossibilidade de resolver seja o que for relativo á paz e ao futuro do mundo sem a participação da China. Mas, que diabo, havia outras maneiras de explicar a coisa. Outras maneiras que fossem, pelo menos, inteligentes.

NOVA SÉRIE JUVENIL

Principiou ontem uma série juvenil: «A Lenda do Meias de Couro», produção da Televisão francesa.

Vive-se num clima que participa da realidade e da imaginação. Existem Moicanos, Mingos, Sioux e mais não sei quê. Trabalha-se com toda a panóplia gasta pelo uso: os bisontes, os Grandes Espíritos, os escalpes, o cachimbo

(Continua na página seguinte)

HÓQUEI EM PATINS:

CUF-BENFICA

Directamente do Pavilhão do Estádio da Luz, é transmitido às 20 e 15, o desafio de hóquei em patins C. U. F.-Benfica a contar para a Taça Rádio e Televisão, instituída para adaptação às novas regras desta modalidade desportiva. Comentários de Amadeu José de Freitas e direcção de TV de Pedro Martins.

Rádio

RADIO — **SEXTA-FEIRA**

EMISSORA — 1.º PROGRAMA — 491 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: **O grupo coral de Santo Aleixo da Restauração;** 16 e 30: **Roteiro musical português;** 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; 18 e 05: No mundo da canção; 18 e 20: **Portugal nos trópicos,** por **Mário Princine;** 18 e 40: No mundo da canção; 19 e 45: **Rádio Rural — Música,** só música; 20: **Diário sonoro;** 20 e 20: Melodias por orquestras; 20 e 40: 2.º episódio do folhetim «Ressurreição» de Machado Assis, numa adaptação de Ema Paul; 21: Canconetas portuguesas; 21 e 30: Novidades em discos, **texto e selecção de Paulo Medeiros;** 22: **O homem e a sociedade,** por António João Bispo; 22 e 30: **Fados,** por Fernanda Pinto e Renato Mota; 22 e 50: Música ligeira; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º PROGRAMA — 397 m — 755 kc/s — 16: Folclore do Mundo — Música do Vietnam e da Turquia; 16 e 15: Nocturno (Borodine) Orquestra de Arco, dirigida por Leopold Stokowsky; 16 e 25: Curiosidades musicais; 17 e 10: Música de Camara; 18: Música portuguesa (Obras de Ruy Coelho); 18 e 50: O pianista Wilhelm Kempff; 19: Horizonte literário, por Amandio César e Mário António; 19 e 15: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O pianista György Cziffra — Ismaley — fantasia oriental — (Balakirew); 20 e 30: **Musica de Camara;** 21: Musica sinfónica; 22: Teatro do século XIX, pelo dr. Eurico Lisboa: «O Grande Arquitecto Solniss» de Henrik Ibsen; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — **28: A ópera em quatro actos** «Manon Lescaut» (Puccini); 1: Fecho.

Emissão estereofónica — Às 21: Tempo de ritmo; canconetas por Richard Anthony; o trompetista Georges Jouvin; Vamos ouvir os Rolling Stones; musica de «Fidelio», de Beethoven, pela Orquestra do Estado da Baviera, dirigida por Ferenc Fricsay; «A história do soldadoo», de Igor Stravinsky; 23: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Europa musical; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Em foco; 21 e 03: O Olavo fala consigo; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 08: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Programa CDC; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gê-Gê; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 08: Banda sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do Chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelania; 19 e 20: Rabbiolac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Transmissão ida extracção da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; 19 e 15: Musica seleccionada; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora. 2: Fecha

Estação do Porto — 256,6 m — 1.169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionado; 19 e 30: Página Um; 20 e 55: Meditando; 21: Os novos emissores em marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — **Rádio Peninsular:** Das 7 ás 8, das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Rádio Voz de Lisboa:** Das 17 ás 19 e 30 e das 22 ás 2; **Clube Radiofónico de Portugal:** Das 12 ás 14 e 30; **Rádio Graça:** Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17.

OS HOMENS, OS LIVROS E AS COISAS

Pelas 19 e 45, é transmitido o programa juvenil «Os Homens, os Livros e as Coisas», de Joaquim Manuel Magalhães, que falará da colaboração literária dos espectadores subordinada ao tema «Cais».

Ana Maria Teodósio lerá trechos dos vencedores dessa semana que foram jovens de Viana do Castelo, Amadora e do Barreiro.

AMANHÃ — I PROGRAMA — Às 12 e 32: Missa comemorativa do XIII Aniversário do início das emissões regulares da R. T. P.; 13 e 15: Auditório musical — Concerto n.º 1 de Tschaikowsky, com a Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Herbert Von Karajan; 14: Desenhos animados — Flintstones; 14 e 25: Nós as mulheres; 15: Telejornal; 15 e 10: TV Educativa — Educação musical (Ionianças); 15 e 35: TV Infantil — Coordenação de Maria do Sameiro Souto; 16 e 10: Tarde de Cinema — «Olá Senhor Deus» — Filme de grande metragem com Carlitos Julia, Glaria Roig, Santiago Rivero, Maria Victoria Dura, Antónia Machin e Maria Mahor. Realização de Manuel Esteba Gallego; 17 e 40: Teledesporto; 18 e 15: Estudo sem matação; 18 e 40: T.m-Tim — «O Segredo do Unicorne»; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «...E a vida continua...»; 20: Angola-70 — Documentário por José Elyseu; 20 e 30: Estudio C, com Carlos do Carmo. Realização de Oliveira Costa; 21: «Os Cavaleiros do Céu» («Les Chevaliers du Ciel»); 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Show de Wilson — Simonal e a sua Orquestra. Realização de Luís Andrade; 28 e 45: Marcha do Mundo e Fecho.

II PROGRAMA — Às 21 e 30: Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico e a revista TV 7 (Simultaneamente com o I Programa); 22 e 30: Bailado — «O Lago dos Cines», de Tchaikowski, com Rudolf Nureyev e Margot Fonteyn e o Ballet da Ópera de Viena. Coreografia de Rudolf Nureyev. Orquestra Sinfónica de Viena dirigida por John Lanchbery. Realização de Truck Branss (No I Programa em 215-12-69); 24 e 20. Fecho.

GARANTIA

é o nosso cartão de visita!

Rendimento de 6 a 10% garantido de 6 a 18 anos
à escolha do cliente, por escritura pública

APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Lisboa-Pr. Marquês de Pombal;
Reboleira-R. D. Diniz; Paço d'Arcos (Espargal);
Cascais (rectaguarda do Hotel Baía).

J. PIMENTA, S.A.R.L.

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15 - 1.º - Telfs. 45843 - 47843 - QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 - Telfs. 952021-22
REBOLEIRA: Amadora — serviço permanente — Telf. 933670

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

da paz, os machados enterrados, os irmãos de sangue pela incisão no braço, as setas envenenadas com curare, oh, todo o velho Texas Jack de fancaria que regressa como aqueles objectos antigos que trazemos das surtidas ao sótão, objectos mais antigos de todos, visto não possuirem nenhuma utilidade...

Mas, repito, nada acontece ao certo: é um jogo, *um vamos ser aos índios*, um divertimento passado muito longe dos meios naturais, «peles-vermelhas porque assim lhes chamávamos»...

Não se processa esse jogo no clima poético á Mark Twain, onde tudo era verdade. Nesta fita, brinca-se á verdade, sabendo-se, embora, que é mentira: as espingardas são espingardas mesmo, as setas espetam mesmo e matam mesmo, os rapazes e raparigas namoram mesmo e um rapaz diz para uma rapariga, falando de um amigo: «Tem cuidado, que ele já tem três mulheres...»

(Estes franceses são uns brincalhões, não são?)

Veremos onde nos leva a história do jovem que vai em cata da moicana Wah-Ta-Wah, raptada pelos mingos. Não me parece que nos leve muito longe. Suponho que não é o género de folhetins que os nossos telespectadores mais novos apreciam. Além de que, cinematogràficamente, são reduzidos os motivos de interesse. E, depois, os índios já nós sabemos que são «uns cães danados que é preciso matar». Índios ou outros quaisquer.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DIAGNÓSTICO GRATUITO

Durante o inverno, conduza o seu carro com segurança e economia... com o

Euroserviço Diagnóstico-Inverno

Telefone agora para sua segurança e economia.

MARQUE O DIA E A HORA
OS DIAGNÓSTICOS SERÃO FEITOS DE

9 A 21 DE MARÇO

EXCEPTO SÁBADOS E DOMINGOS, DAS 10 H. ÀS 12.30 E DAS 13.30 ÀS 16 HORAS

Estamos aqui para o manter satisfeito com o seu carro. GM EUROSERVIÇO

AUTO-INDUSTRIAL GM

AUTO-PALACE — R. Alexandre Herculano, 66 — Telef. 682041

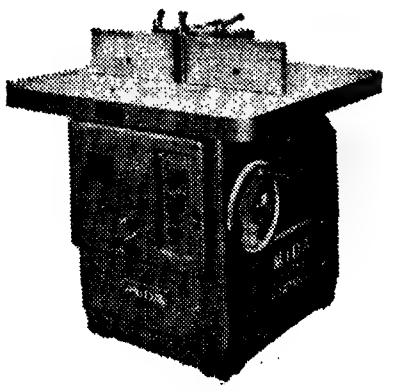
BARREIRO

JOÃO DOS SANTOS PRATES

Sua família participa a todos os seus amigos que será celebrada missa do 30.º dia, pelo seu Eterno descanso, amanhã, dia 7, sábado, ás 18 horas na Igreja de Stª Cruz.

Agradecemos reconhecidos a quem comparecer a este piedoso acto.

«MIDA»



TUPIA VERTICAL
Mod. TV-6

UMA FABRICA ALTAMENTE ESPECIALIZADA NO FABRICO DE MAQUINAS PARA AS INDUSTRIAS DE:

- SERRAÇÃO
- CARPINTARIA
- MARCENARIA

Fábrica: — TROFA Tel 94923/4/5

Filial em Lisboa:
Av. Defensores de Chaves, 3/A (Telef. 44147)

DR. LUÍS CARLOS DE LIMA DE ALMEIDA BRAGA

MISSA DO 7.º DIA

Seus filhos, genros e cunhada, Carlos Luís Pascual de Lima de Almeida Braga, Maria do Patrocínio Pascual de Lima de Almeida Braga Villas-Boas de Vasconcellos Faria, Maria do Carmo Pascual de Lima de Almeida Braga Pinheiro Torres, José Manuel Peixoto de Villas-Boas de Vasconcellos Faria, António Maria de Oliveira Pinheiro Torres, Isabel Maria Lancastre de Freitas de Almeida Braga, participam que será rezada missa por sua alma, amanhã, dia 7, às 11,30 horas, na Igreja Paroquial de São João de Brito.

AGÊNCIA SALGADO

Celeste Rosina da Silva Garcia

PARTICIPAÇÃO E MISSA DO 7.º DIA

Domingos da Gama Garcia, Mário José da Silva Garcia, sua mulher Maria de Lurdes Esteves da Silva Garcia, suas filhas e genro; Maria Amélia Garcia Heitor Ribeiro, seu marido Dr. Luís Maria Garcia Ribeiro, seus filhos, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua querida mulher, mãe, sogra, avó, tia e parente, e que, por seu eterno descanso será celebrada missa na Igreja de Fátima, pelas 12.20 horas, de amanhã, dia 7.

TRATOU
A BEM SERVIDORA NOGUEIRA (TELEF. 849485)

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 21.30 h.
E S T R E I A
Technicolor
CHOVE NO MEU CORAÇÃO
Veja anuncio especial
Às 18.15: Ultimas exibições
OS RATONEIROS
(Adultos)

ALVALADE
(Adu[illegible] Tel. [illegible]
Às 21.45
ESTREIA HOJE
CHOVE NO MEU CORAÇÃO
Veja anuncio especial
Technicolor

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
Em continuação de estreia
Technicolor 70 mm
O OURO DE MCKENNA

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
Não perca esta oportunidade de ver
ANNIE GIRARDOT
e FRANCIS BLANCHE
8.ª SEMANA
CONFIDENCIALÍSSIMO

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 15.15, 18.30 e 21.45
5.ª semana de êxito!
Rod Steiger, Judy Geeson e **Claire Bloom** num filme de apaixonante interesse!
A RAPARIGA DO AUTO-STOP
TECHNICOLOR
Apresentado no XIX Festival internacional de Berlim

LIDO
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Emocionante! Violento! Espectacular! Inesquecível!
A QUADRILHA SELVAGEM
no [illegible]gante — 70 mm.

ESTREIAS DE HOJE
Chove no meu coração — SÃO LUIZ e ALVALADE

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Um filme intransigente e denunciante!
JOGO SUJO
com **Michel Caine**
Technicolor — Panavision

MUNDIAL
(M. 12 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Geraldine Page e Ruth Gordon
Um filme que nos diz até onde pode ir o sadismo de uma mulher
A GOVERNANTA
Produção de **Robert Aldrich**
TECHNICOLOR

MONUMENTAL
(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Até onde é capaz de ir uma mulher?
AQUELE DIA FRIO NO PARQUE
com **Sandy Dennis**

QUINZENA WESTERN
Hoje — adultos — 18.30 h.
UM HOMEM
de **Martin Ritt**
com **Paul Newman, Frederich March, Richard Boone** e **Diane Cilento**
Dia 9 — (M. 12 anos)
BANDOLERO

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 328233
Às 15.15, 18.15 (p. red.) e 21.30
4.ª SEMANA SENSACIONAL DO FILME PORTUGUÊS
O DESTINO MARCA A HORA
com **Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva** e **Nicolau Breyner**

ATENÇÃO — BILHETES À VENDA PARA OS DIAS SEGUINTES

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telefs. 54153/4
15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
A SEREIA DO MISSISSIPI
Um filme de **François Truffaut**
com **Jean-Paul Belmondo** e **Catherine Deneuve**
DOMINGO, às 11 h. da manhã
CINEMA COM CRITÉRIO
A PALAVRA
(Adultos
Patrocínio do Cine Clube Católico
Entrada facilitada aos sócios do Cine Clube Católico
Bilhetes à venda
Preço único: 15$00

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30 18.30 e 21.45
16.ª SEMANA
DIVÓRCIO À ITALIANA
A espantosa comédia de Pietro Germi
com **Marcello Mastroiani**

AVIS
(M. 17 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
90 minutos de angustiante «suspense»
ASSALTO À CIDADE
com **Michel Constantin** e **Daniel Vernet**
COR DE LUXE

CONDES
(M. 17 anos) T. 522523-326710
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
9.ª SEMANA
O filme-choque da temporada
A LIÇÃO PARTICULAR
com **Nathalie Delon** e **Renaud Verley**
COLORIDO

POLITEAMA
(M. 12 anos) Tel. 326305
Às 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
Um filme de espionagem! Suspense! Perigo! Arrojo
O EXPRESSO DE ISTAMBUL
com **Gene Barry** e **Senta Berger**
TECHNICOLOR

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
2.ª SEMANA
Às 15.15 e 21.30
Eu... tu... ela... nós... vós... elas...
Brigitte Bardot e **Maurice Ronet**
AS MULHERES
Eastmancolor

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª Semana — Uma obra-prima
A obra máxima de Carl Th. Dreyer
DIA DE CÓLERA

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Techniscope — Eastmancolor
Um quinteto explosivo: dois homens, duas mulheres... e o diabo
2.ª SEMANA
OS 5 AVISOS DE SATANÁS
MADALENA IGLESIAS
AMÉRICO COIMBRA
CRISTINA GALBO
ANTERO FERNANDES

LIZ
(M 17 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
A PRIMEIRA NOITE
RAPARIGAS MODERNAS

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
GANGSTERS 70
HOMENS... É COMIGO

CASINO ESTORIL
(M [illegible] anos) Às 17 e 21.30
DESEJO PERVERSO
Lisa Gastoni e **Lou Castel**

TIVOLI
(M 17 anos Tel 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
DEBORAH KERR e DAVID NIVEN
numa comédia sensacional que reflete todo o momento actual
SARILHOS CONJUGAIS

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
A LOUCA DE CHAILLOT
com **Katharine Hepburn** e Charles Boyer

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
A B C — Às 20 e 45 e ás 28: «Pega de caras» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «A relíquia» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A forja» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Espenteza saloia» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Pobre milionário» (17 anos).

CINEMAS
OLIMPIA — Às 21: «Os dias da ira» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «O ultimo comboio de Katanga» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Quando beijas um desconhecido» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Missão na União Soviética» (12 anos).
LUMIAR — Às 21: «Davey, o folgazão» (17 anos).
JARDIM — As [illegible]: «Escorregar é cair» (17 anos).
COLISEU — As 2[illegible] e 30: «O Conde de Monte Cristo» (12 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Se tu não existisses» (12 anos)
CINEARTE — As 21: «Quadrilha selvagem» (17 anos)
PROMOTORA — As 21: «A Festa» (17 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «Os Comediantes» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Desejo perverso» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Fechem nas a sete chaves» (17 anos
● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «A morte vem a cavalo» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A furia dos apaches» (12 anos)
SINTRA — CARLOS ALBERTO — Às 21 e 15: «O dia mais longo» (12 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B
AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (683288) ✲ **Boa Hora**, Rua dos Quartéis, 25-27 (37777).
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020).
ALVALADE — Alvalade, Av da Igreja, 18-A (712070) ✲ **Ideal**, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✲ **Paris**, R Reinaldo Ferreira, 5-AB, ao Pote d'Água (710131).
AREEIRO — Vera Cruz, Pr Afrânio Peixoto, 2-B (á Av S. João de Deus) (704941) ✲ **Onilde**, Av João XXI, 18-A (726848) ✲ **Gesperinho**, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465).
ARROIOS — Oriental de Lisboa, Rua Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Av. Sacad. Cabral) (770776). ✲ **Cosmes**, Av João Crisóstomo, 44-C (405920) ✲ **Segres**, Aven. Luís Bivar, 69-71 (472113) ✲ **Correia de Almeida**, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (473185).
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 53 (junto á Fonte Monumental, lado Sul) (842111[illegible]).
BAIRRO ALTO — Labor, R Diário de Notícias, 81 (328428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (841122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zire, P das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B, 7, ó R Marquês de Olhão (383800)
BAIXA — Estácio, Pr. D Pedro IV 60-63 (327067 - 324224) ✲ **Morão**, Rua da Assunção 7 - 9 (321289)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678 - E (702532) ✲ **Sousa**, Est de Benfica, 429-43 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — Portirio R Franc Metrass 59 (663449)
CAMPO GRANDE — Neoterápia, Campo Grande, 188 (774682)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R General Taborda, 17 (680304) ✲ **Ivone, Ld.ª**, Rua Silva Carvalho, 232-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (543442).
ESTEFÂNIA — Universal, R Actor Taborda, 5-7 (44158).
ESTRELA — Paiva & Parente, R. de Santo António á Estrela, 96-98 (665196) ✲ **Martins** — Calç. da Estrela, 167 (660828)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 251234).
GRAÇA — Arnaldi, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✲ **Morão**, L. da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — Intendente, L Int. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av dos Linhas de Torres, 201-B (790942) ✲ **S. Tomé**, Est do Desvio, Lote 2-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 12 (662075).
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (381612) ✲ **São Paulo**, R 2, Lote 823, à Estrada de Moscavide — **Olivais-Sul** (310711) ✲ **Higiene**, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B, n.º 4, Lote 43, Zona Poente (310026).
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D Jerónimo Osório, 1. P M., 3 (610256)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395)
RATO — Soares, Av Álvares Cabral, (684282)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 91 (773728).
RESTELO — Fanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (611814) (á Encosta do Restelo próximo dos Moinhos)
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (843439 ✲ **Martins, Ldª.**, Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Combatentes — Av Comb G Guerra, 166 (Telefone 213953)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 71-A (Tel. 2412839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (Tel 2432039)
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 18 (T. 2430058)
PAREDE — Grincho — Av. da República 87-A (Tel. 2471204)
ESTORIL — S. João — S. João do Estoril (Tel 261186).
MONTE ESTORIL — Lopes — Rua Hangar, 3 (Tel. 260008).
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (Tel 280078) — **A. Costa** R Freitas Reis, 24-C (Telefone 2802[illegible]4)

● Linha de Sintra
AMADORA — Melo — Av. D. João I, lote 146 (Tel. 9312756); **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel 932210); **Igreja** — P da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim** — Av. Conde de Oeiras, loja X-1, Reboleira (Tel 938424).
DAMAIA — Damaia — P Alexandre, 9-A (Telefone 705230).
QUELUZ — André — Av Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz** — Av Miguel Bombarda, 123-A (T. 951841).
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940084)
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (T. 291100112)
S PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Simões — R Heliodoro Salgado 26 (Tel 980832)
VENDA NOVA — Nova — R. Elias Garcia, 0 (Tel 933920)
COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gomeiro — L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234 00)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel 2242501)
ALMADA — Magalhães — Rua Capitão Leitão, 8-A (T 2702402)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional 221-B (Tel 224 4[illegible]
BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva, 48 (T 22734481).
COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinto do Pombal (Tel. 274365)
MOITA — União Motense — Av. Dr Teófilo Braga (Tel 2390251).
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis 45 (Tel 2300081).
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel 229[illegible])
SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocage (Tel 22484); **Nova** — R. General Gomes Freire (Tel. 22052)
SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 221[illegible]8560)

SERVIÇOS URGENTES
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — **Companhia das Águas**, 861353 ✲ **Companhias Reunidas** 537011 ✲ **Gazcidla**, 538821 ✲ **Gazcidla. Idem e feriados**, 382069.
SAÚDE — **Cruz Vermelha**, 865342 ✲ **Enfermagem permanente**, 766161 ✲ **Enfermagem de urgência**, 43738 ✲ **Hospital de Santa Maria**, 775171 ✲ **Hospital de S. José**, 860131 ✲ **Sangue, oxigénio e soros**, 771168 e 771169 ✲ **Transfusões, soros e oxigénio**, 538524 ✲ **Centro de Intoxicações (informativo)**, 767777, 761176 e 763450.
POLÍCIA e G. N. R. — **Serviços de emergência**, 115 ✲ **Segurança Pública**, 866141 ✲ **Judiciária** 535380 ✲ **Marítima**, 326456 ✲ **Internacional**, 362721 ✲ **Viação e Trânsito**, 42205 ✲ **G.N.R. (área rural)**, 36865.
TRANSPORTES — **Aeroporto**, 720111 ✲ **Caminhos de ferro, (C. P.)**, 869029 ✲ **Caminhos-de-ferro (Estoril)** 861121 ✲ **Estação fluvial (T. Paço)**, 325345 ✲ **Estação Marítima de Alcântara**, 663195 ✲ **Estação Marítima de Rocha**, 672445 ✲ **Estação fluvial (Belém)**, 638511.
BOMBEIROS — **Sapadores**, 322222 **Voluntários**, 538524.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos
PREMIADO PELO SNI

LA PAIX
RESTAURANTE-BAR
O SEU RESTAURANTE
SALA PARA BANQUETES
AR CONDICIONADO
Av. São João de Deus, 41-H
(esquina da Av. Roma à Ponte)

RESTAURANTE
TATU
Campo Grande, 80
Telef. 76 51 88
AMANHÃ
FEIJOADA À BRASILEIRA
DOMINGO
ARROZ À VALENCIANA

RESTAURANTE
António
DOBRADA À ANTÓNIO
DOMINGO
CABRITO NO FORNO
ARROZ DE CABIDELA
Rua Tomás Ribeiro, 63

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
FEIJOADA À PORTUGUESA
DOMINGO
CABRITO CONSTIPADO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

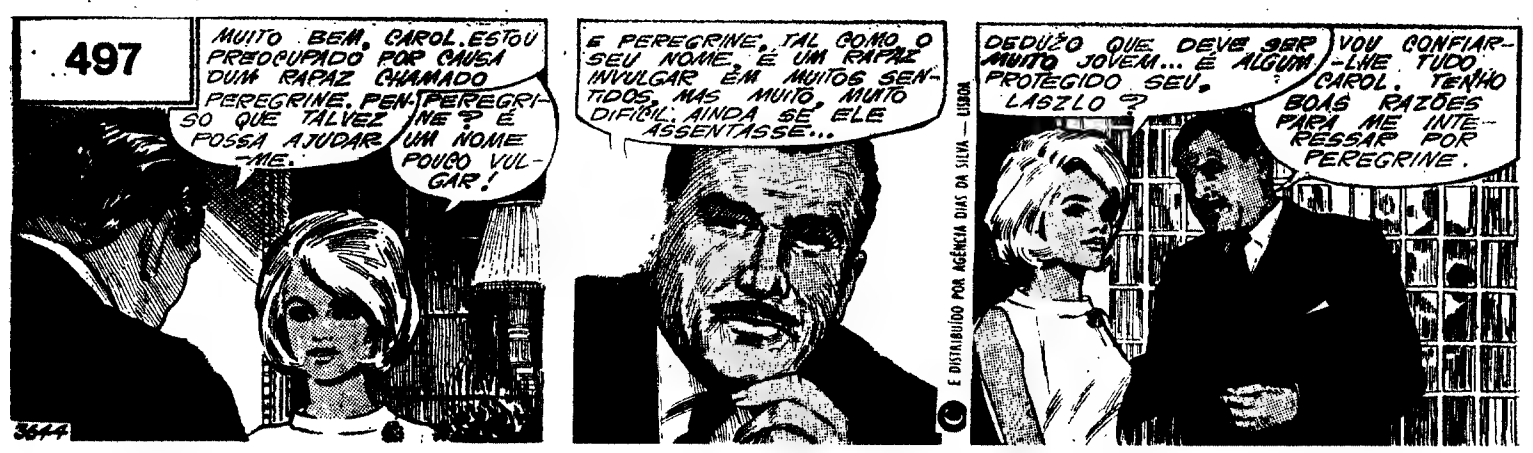
TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

ITÁLIA
A C. P «oferece condições vantajosas para o transporte de mercadorias de e para Itália ao abrigo de uma tarifa especial recentemente posta em vigor entre aquele país e Portugal.
Os nossos clientes poderão obter informações sobre esta tarifa dirigindo-se ao Serviço de Promoção do Tráfego da C. P. — Estação de Santa Apolónia.

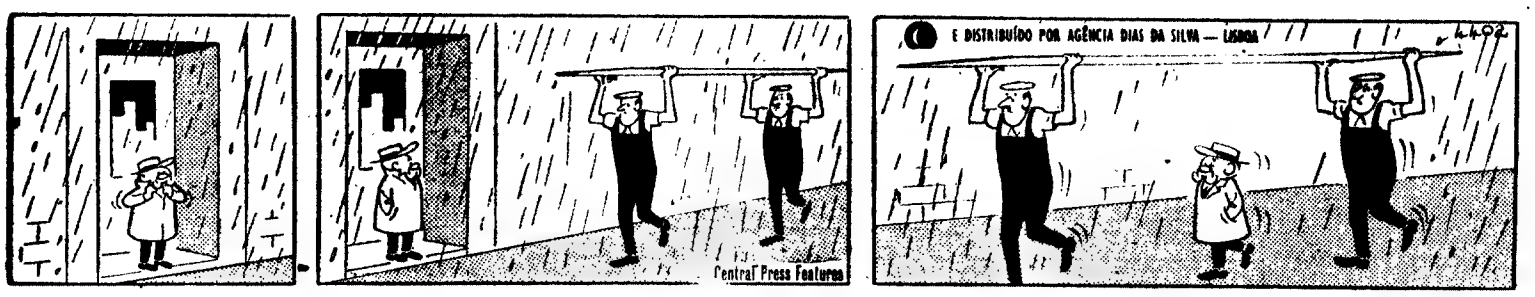
APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Os Peanuts

Carol Day



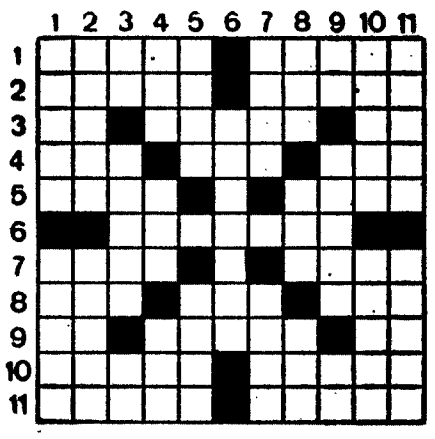
Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5466



HORIZONTAIS: 1 — Crisol (pl.) Aldeia de Ittáfio. 2 — Suave Reuma. 3 — Batráquio. Untar com óleo. Sufixo que designa estado. 4 — Nome de mulher. Patrão. Partido. 5 — Nome dum mês. Jarro (planta). 6 — Acudi. 7 — Carne de porco metida em tripa de intestino grosso. Grande fome (pop). 8 — Lavra. Nome de letra. Figura que simboliza o povo americano. 9 — Nota musical. Prostrei. Estrápito de desmoronamento. 10 — Por a data em. Toma nota de. 11 — Rezara. Rio de Portugal afluente do Douro.

VERTICAIS: 1 — Estacionam. Nubiado. 2 — Magnetiza. Limpar com areia. 3 — Nota musical. Moça solteira (Bras.). Basta. 4 — Espaço de doze meses. Vazio Rio da Suíça. 5 — Calvo curtido. Descerre. 6 — Usa. 7 — Cidade da Argélia. Prendês. 8 — Ente. Prefixo que designa ar. filha do estado da Bafa. 9 — Pronome pessoal. Educas. Rio da Rússia. 10 — Sacrifica. Cheia. 11 — Irmão de Moisés. Causar amuo a.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5465

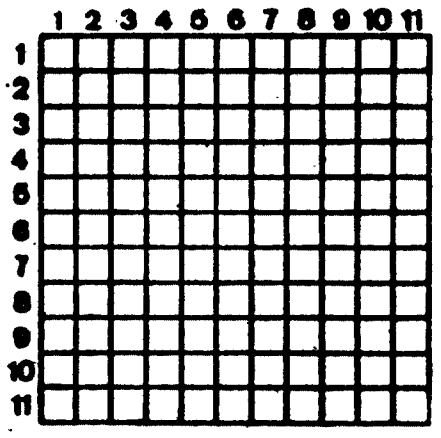
HORIZONTAIS: 1 — Sabiá. Grama. 2 — Acordaremos. 3 — Ali. Lás. 4 — Ossadas. 5 — DA. Ora. MA. 6 — Irmãs. Malas. 7 — Ao. Ido. Uf. 8 — Tracoma. 9 — Uai. ANI. 10 — Unificaríam. 11 — Mesão MASSA

VERTICAIS: 1 — Sa. Adiar. UM. 2 — Aca. Aro. Une. 3 — BOLO. Tais 4 — Inis. Rifa. 5 — Ad. Sósia. Io. 6 — Amar. DICCC. 7 — Gr. Damão. Am. 8 — Rela. Mará. 9 — Amas. Anis. 10 — Mós. Mau. Ias. 11 — As. BASTA. Má.

Provérbio: DA MÁ MASSA UM BOLO BASTA

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9309



HORIZONTAIS: 1 — Deus dos pastores. Região montanhosa do Sara. Artigo definido. 2 — Perigo. Aquilo que sobra. 3 — Limpar metais. Estimara. 4 — Sexta peça do pé dos crustáceos. Sugar o leite materno. 5 — Preposição e artigo definido. Restos mortais. Apelido. 7 — Vi. Causas amuo a Grande ribeira da Ásia Russa. 8 — Disposto em camadas. Parte no lucro. 9 — Flutuar. Combinar. 10 — Remara para trás. Oferecerla. 11 — Artigo definido. Burros. Isolado.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Bolívia. Atiro. 2 — Espécie de andorinha. Engueis. 3 — Ente. Nome de mulher. 4 — Casualmente. Gostará muito de. 5 — Gorgulhos tropicais. Habitos. 6 — Pronome possessivo. 7 — Guarneço de arames. Sulcado. 8 — Moves os remos. Divisões de uma casa. 9 — Figura que simboliza o povo americano. Senhor em inglês. 10 — Na parte posterior. Esvaziais. 11 — Ecoara. Serra de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9308

HORIZONTAIS: 1—AC. Calor. At. 2—Marro Carro. 3 — Afiar. Atoas. 4 — Reato. Soera. 5 — Nó. Sr. 6 — Da. Pau. As. 7 — Ar. Calma. As. 8 — Pecai. Afofa. 9 — Anos. Arai. 10 — Gas. Rol. Ada. 11 — Ararа. Visam.

VERTICAIS: 1 — Amara. Apago. 2 — Café. Drenar. 3 — Riana. Cosa. 4 — Crato. Cás. 5 — Aoro. Pai. Rã. 6 — Tal. Tó. 7 — Ocas. Uma. LV. 8 — Ratos. Afa. 9 — Roera. Oras. 10 — Arar. Salada. 11 — Tosar. Salam.

QUIMBA

O LEÃO BRANCO DOS ELECTRODOMÉSTICOS

JOSÉ NOBRE

E

LOURDES GUEDES

Estes artistas estarão presentes neste **Estabelecimento** no **próximo sábado, dia 7,** das 17 às 19 horas, para oferecerem **Fotografias Autografadas**

RUA BARÃO DE SABROSA, 250-A — TEL. 713971

FIAT Serviço Autorizado

... mesmo no período de garantia assistido pronta e eficientemente por técnicos especializados pela FIAT PORTUGUESA, S. A. R. L., visite a

FENIX

OFICINAS E SECÇÃO DE PEÇAS

RUA PALMIRA, 62-A — Telefs. 84 41 69 - 84 81 59

FÉNIX — 20 ANOS NO SERVIÇO AUTOMÓVEL

NSU CARROS USADOS LUSOLANDA NSU

Aproveite a excepcional oportunidade

PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS - FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

Av. da República, 84-C — Telef.: 778073 — Av. Ant. Aug. Aguiar, 25-C — Telef.: 537074 — LISBOA

HÁ 30 ANOS

O «Diário» de Lisboa» de 6 de Março de 1940 publicava:

«**PARIS — Consta, por informações recebidas nesta cidade, que a diplomacia alemã, aproveitando a controvérsia entre a Inglaterra e a Itália, relativa ao carvão germânico, vai procurar abreviar o acordo comercial ítalo-soviético.**»

«Anais do Município de Faro-1969»

FARO, 6 — Acaba de sair o volume «Anais do Município de Faro-1969». Assinalando o início da edição dos «Anais», o presidente da Câmara Municipal escreve, na abertura: «*Terá este primeiro número defeitos que a crítica certamente encontrará e pedimos sinceramente à mesma que seja sobretudo construtiva*».

O volume insere o relatório da gerência de 1968, pelo qual se verifica que o Município apurou um saldo positivo de 4 299 747$20; que transitou para o último ano. Inclui, ainda, o plano de actividades para 1969, um resumo das efemérides do biénio 1968-1969, um estudo do prof. José António Pinheiro e Rosa sobre «O passado, o presente e o futuro das ruínas de Milreu» e outro, do mesmo autor, acerca da «História da Biblioteca Municipal de Faro»; um ensaio de Martim Velho sobre «A Tomada de Faro segundo uma velha crónica, traduzida em árabe»; outro do eng. Sande Lemos acerca de «A tomada de Faro segundo a Chronica d'El-Rei D. Afonso III, por Rui de Pina», e uma conferência do prof. Pinheiro e Rosa sobre as «Bodas de Diamante do Museu Arqueológico».

O volume, de excelente apresentação gráfica, tem capa do arquitecto Ramires Fernandes e foi dirigido pelo prof. José António Pinheiro e Rosa.

Clube dos «Barmen» de Portugal

No prosseguimento das suas diligências, a comissão promotora do Clube dos «Barmen» de Portugal vai entregar, dentro de breves dias, no Ministério da Educação Nacional, o pedido de autorização de constituição e aprovação do projecto dos estatutos.

Um dos principais objectivos do clube é a valorização técnica e cultural dos filiados, que são a classe que mais directamente contacta com a «população turística».

A criação do clube é uma velha aspiração da classe.

MESA REDONDA

Reciclagem dos quadros técnicos

FRANCISCO MARCELO CURTO

As empresas americanas (E. U. A.) incluem sempre nos seus orçamentos dinheiros para a formação e reciclagem do pessoal. Esta necessidade contínua do investimento dito «humano» encontra-se mesmo no financiamento de cursos e Universidades que se destinam a fornecer quadros técnicos e dirigentes às grandes empresas dos Estados Unidos.

Das duas questões assim enunciadas é presentemente sentida em França a necessidade de reconversão ou reciclagem dos quadros dirigentes ao mesmo tempo que aqueloutra da formação de base que se inscreve contudo no magno problema das reformas do ensino.

A questão é pois muito concreta e prende-se à desactualização acelerada dos técnicos e dirigentes empresariais que são atirados para a situação de desemprego, por *inaproveitáveis*, a partir de idades nas quais só podem continuar a «funcionar» sujeitando se prèviamente a uma actualização estrutural de conhecimentos.

É inevitável pois que, neste sistema de desenvolvimento a todo o custo, aumente a distância entre o dador da força de trabalho e o que ele produz, e no qual ele é o joguete movido por forças que até lhe fazem acreditar serem necessárias.

É no entanto nesta súmula que se enquadra «grosso modo» a reciclagem e deve-se acentuar que, por exemplo, em Maio de 1969, 51 % dos engenheiros e dirigentes desempregados, em França, tinham mais de 50 anos. (1)

Este problema pouco tem a ver, ou mesmo nada, com o da formação profissional que, mal ou bem é assegurada aos franceses nas escolas técnicas, médias e superiores e em cursos próprios.

Antes de observarmos o como e o porquê do problema em Portugal interessa adiantar mais especificações acerca do mundo como a reciclagem tem sido estudada e «atacada» em França.

A solução que tem sido procurada desde 1965 neste país, começou por criar centros de aperfeiçoamento para técnicos e dirigentes desempregados onde eram ministrados cursos que permitiam aos interessados alargar os seus conhecimentos profissionais e compreender os problemas das empresas (gestão e organização). Ràpidamente o Fundo Nacional de Emprego e a Associação para a colocação e emprego de quadros celebraram convenções com organismos especializados sobre problemas de venda, «marketing», informática, automatização, etc.

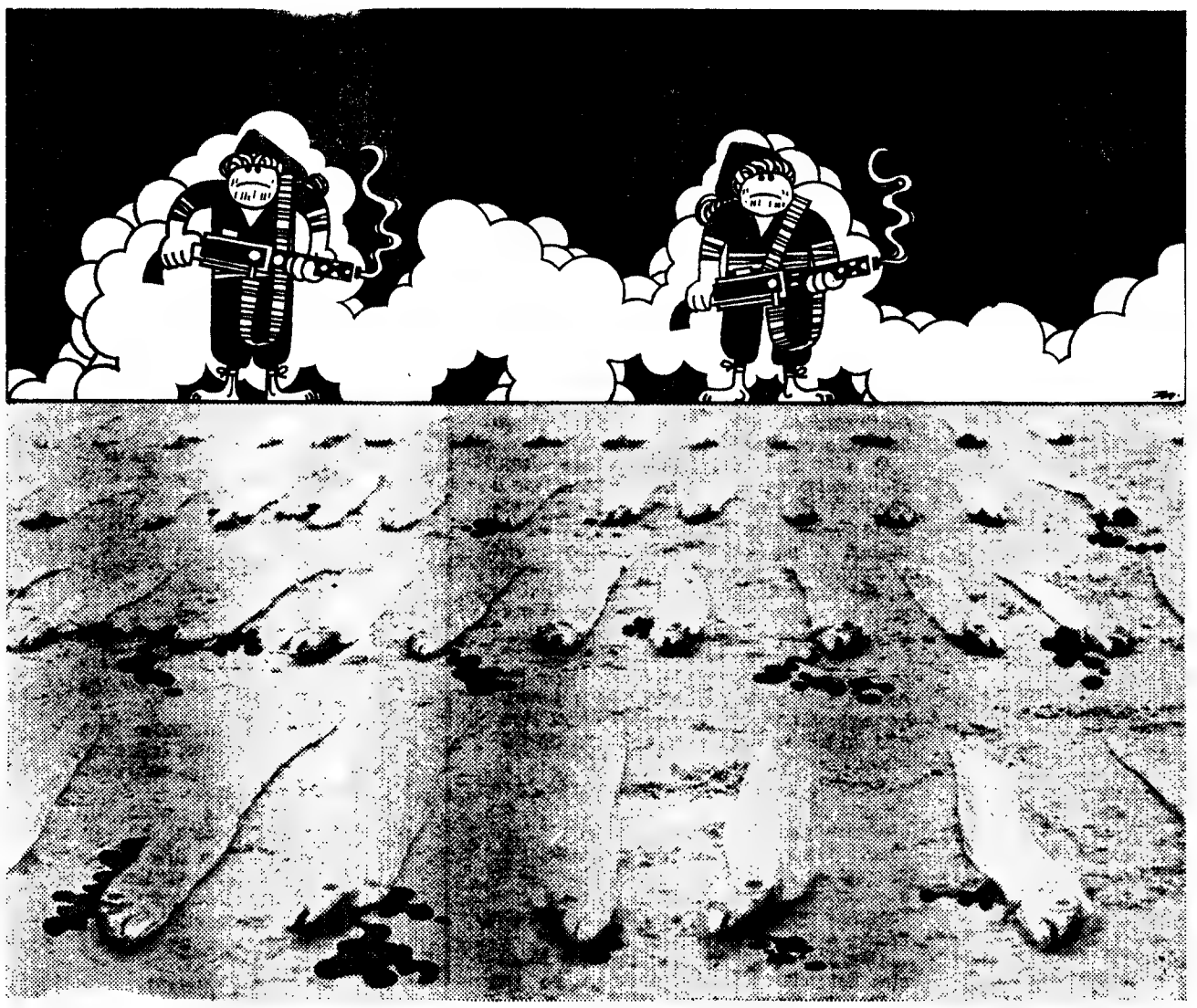
Durante os estágios, os estagiários recebem remuneração adequada e,

Cont. na pág. 9

O SERVIÇO DE PESSOAL E A ESTRUTURA DA EMPRESA

Duas entrevistas em que o dr. Henrique Santa Clara Gomes — na qualidade de presidente da Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal — e Fernando Abreu, funcionário de uma grande empresa do ramo automóvel, falam da sua experiência e expõem as suas opiniões acerca do serviço de pessoal na estrutura da empresa. (Pág. 3)

Portugal pitoresco (7)



O MASSACRE DOS PEIXES-ESPADA — *Desenho de João Abel*

O ensino em Portugal visto por estudantes estrangeiros

(PÁG. CENTRAL)

Decadadeconomia

SÉRGIO RIBEIRO

A década era para ter começado por volta de 1958. Mas afinal começou em 1961. Isto se se entender década, e começo de década, como período mais ou menos caracterizado, e seu início.

E escrevemos que era para ter começado em 1958 porque aí encontramos, à distância, um ponto de viragem, ou talvez melhor, um patamar a partir do qual os degraus seriam mais altos do que até aí. (Embora, claro, na mesma escada).

Por essa altura, havia um processo próximo do impasse, um esquema de contensão de desenvolvimento económico paralelo com a criação de alguma infra-estrutura (particularmente no campo da energia), uma consciência técnica (ou dos técnicos) a inquietar-se, um «plano de fomento» a afirmar uma opção desenvolvimentista global, havia também uma Europa a escolher qual o caminho de integração que responderia à necessidade de grandes espaços económicos.

Um conjunto de indicações convergentes levaria a prever-se que a década seria um período de efectivo esforço de recuperação relativamente a uma Europa a organizar-se. O anexo G do tratado de Estocolmo (EFTA), que salvaguarda a posição da economia portuguesa na zona de trocas livres criada a partir do Reino Unido, bem se considerará um símbolo do que poderia vir a ser a década portuguesa: condições para um certo «acerto» de passo.

O colóquio na Associação Industrial, em 1960, sobre a integração europeia representou, também, um outro sinal no mesmo sentido. Sobretudo, mais um sinal, e bem significativo, da tal consciência técnica (ou dos técnicos) a inquietar-se, e a sentir espartilhada a possibilidade de realização e a afirmar-se na procura de

Cont. na pág. 10

ASSIM VAI O MUNDO

Profissão perigosa

Enviados especiais da Agência Gamma e da O. R. T. F. ao Tchad, quatro jornalistas franceses (Michel Honorin, Gilles Caron, Robert Piedge e Robert Depardon) foram presos, em 30 de Janeiro, pelas tropas governamentais (apoiadas e equipadas pelo corpo expedicionário francês, e, portanto, pelo próprio Governo de Paris). Operavam nessa altura (recolhendo dados para a emissão «Panorama», da Radiotelevisão francesa) na zona de combates que opõem há vários meses o exército tchadiano aos rebeldes hóstis ao regime de Tombalbaye. Foi-lhes apreendido todo o material, destruiram-lhe as películas e provas fotográficas e, para concluir, «esses curiosos» foram punidos com três semanas de guarda á vista com interrogatórios. Durante esse período, as famílias dos jornalistas em causa não foram avisadas da sua situação: nem pelos Governos do Tchad e de Paris, nem pela Embaixada francesa.

Por causa destas e de outras, alguns grandes repórteres franceses consideram-se cada vez menos seguros e mais abandonados pelas autoridades do seu país, quando em serviços no estrangeiro. Pelo sim pelo não, dizem, no caso de se verem em dificuldades criadas pelas autoridades locais, irão a correr refugiar-se na... Embaixada dos Estados Unidos mais próxima!

Peru

No «Tempo e o Modo» de Fevereiro encontra-se um bem documentado e esclarecedor artigo de Luís Matoso sobre a recente evolução peruana. No final desse artigo, exprimem-se perplexidades a respeito do apoio cubano ao Governo militar do Peru. Eis um ponto de facto a esclarecer: qual a presente posição cubana a respeito da luta armada na América Latina? No entanto, parece-nos prematura tentar responder a esta pergunta. A fala da carta de Douglas Bravo não temos a certeza de que na realidade exista...

Cooperativismo

As cooperativas de consumo da Suécia tiveram aumento de 9,5 por cento no total das vendas em 1969, fixado em 1 405 milhões de dólares. Este aumento é um dos maiores nas últimas décadas e eleva a participação das cooperativas no movimento total do comércio de retalho na Suécia.

Suécia

«Suécia, país da paz social.» Perturbada porém nos princípios de Fevereiro, pela greve dos mineiros da Lapónia e as ameaças de greves noutras regiões.

A greve dos mineiros teve carácter «selvagem». Os dirigentes da Federação Sindical eram em princípio contra a greve.

A primeira reivindicação dos trabalhadores consistia em aumentos de salário, mas uma outra reivindicação (que nos últimos tempos tem surgido como recorrência, um pouco por toda a parte) exprimir outro tipo de aspiração: «O que nós queremos é ter mais responsabilidades, participar realmente nas decisões que nos dizem respeito. Temos a impressão de ser um mero factor de produção, como o minério ou o capital. A aceleração das cadências é muito dura». (Afirmações de um mineiro entrevistado por Guy de Paramond).

Trabalho

O estudo das relações entre tipos, locais e doenças de trabalho com o destruir da saúde e a mortalidade, caminha lenta mas seguramente

No Japão, após a morte, por cancro brônquico, dum operário duma fábrica de hiperite, um grupo de médicos empreendeu um inquérito de análise ás causas de mortalidade, entre antigos operários duma fábrica de hiperite.

Entre 361 antigos operários falecidos, 49 tinham morrido de **cancro brônquico** (13 por cento dos ex-operários estudados). Sendo a taxa normal de mortalidade no Japão, em grupos-testemunha, de 1 para 369, a equipa médica, teve de pôr definitivamente a questão da possível relação estreita entre as condições de trabalho nas fábricas de hiperite e o surgir da doença.

Outros elementos:

— Em média, o cancro surgiu só no final de 24,4 anos de trabalho consecutivo

— Em média calculou-se em 10,9 anos o tempo de contacto com a hiperite, necessário á formação dum cancro brônquico.

Aves

A Força Aérea Sueca forneceu numeros referentes a 1969. Com um total de 8 acidentes (seis deles fatais), em 125 000 horas de voo, foi este o melhor ano, em tal aspecto. Contudo, as autoridades vão tomar cautelas especiais, melhorando a aparelhagem de bordo, sobretudo respeitante á aterragem, e exercendo inda maior rigor nas admissões de pilotos.

Um dado interessante diz respeito á presença das aves nos aeroportos e ao perigo que isso representa para os aviadores. Um deles, em 1969, teve de usar a catapulta depois de ter chocado no mar com um bando de gaivotas. Os prejuízos materiais causados pelas aves elevam-se, só em 1969, a milhões de dólares. De modo que está a ser estudada a hipótese de amestrar águias e gaviões com o fim de espantar os bandos das proximidades dos aeroportos suecos.

França

O momento mais emotivo do recente Congresso do Partido Comunista Francês foi quando Roger Garaudy citou o facto da U. R. S. S. enviar carvão para Espanha, o que ajudou a quebrar a greve dos mineiros das Asturias, e fabricar centrais eléctricas para os coroneis gregos, actos que significam anti-sovietismo e ruptura do internacionalismo proletário.

Gritos de hostilidade dos congressistas acolheram estas afirmações de Roger Garsudy. (Ff. *Triunfo*, de 14 de Fevereiro).

Leucemia

Um grupo de cientistas soviéticos anunciou na revista inglesa «Nature» uma nova técnica para o tratamento da leucemia.

Os cientistas afirmam ter obtido em 12 crianças, entre os 3 e os 10 anos, uma margem significativa de êxito.

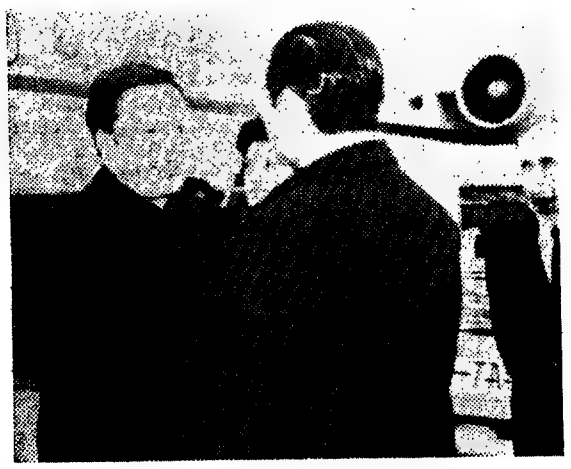
A palavra «cura» nunca foi utilizada no relatório, apesar de pelo menos uma das crianças estar sem tratamento há seis meses, de cinco as células de leucemia terem um declínio drástico e de oito as células desaparecerem

A equipa era dirigida pelo dr. Skurkovich do Instituto Central de Hematologia de Moscovo.

U. R. S. S.

O sector agrícola continua a ser um quebra-cabeças. A colheita de cereais de 1969 foi de 152 milhões de toneladas (numeros oficiosos). Em 1966, Kossyguine tinha previsto a média anual de 167 milhões de toneladas. A de 1966 foi de 171 milhões, a de 1967 de 148 milhões e a de 1968 de 169,5 milhões.

ASSIM VAMOS NÓS



O ministro luxemburguês á chegada a Lisboa

Sindicalismo

«Podem caracterizar-se os nossos Sindicatos como organismos de participação. Tal não significa que o objectivo principal, a verdadeira razão para a existência das estruturas sindicais deixe de ser, entre nós, a defesa dos interesses dos seus associados face aos representantes das entidades patronais. Aliás, não quero deixar de registar aqui, com o maior agrado, o notável movimento de revitalização que, em matéria de relações colectivas de trabalho, vem sendo experimentado pelos organismos a quem cabe a representação dos trabalhadores portugueses. Simplesmente, caracterizá-los como organismos de participação significa que, para além dessas tarefas nucleares, lhes cabe funcionar como elementos promotores da inserção dos seus associados na vida colectiva.»

(Dr. Silva Pinto, *subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência na sessão de abertura do ciclo de colóquios do Sindicato dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa)*

Colaboração

«No domínio das relações económicas multilaterais, quero recordar que tanto o Luxemburgo como Portugal foram membros natos da O. E. C. E. e, mais tarde, da O. C. D. E. Ambos os países participaram e colaboraram intimamente na obra grandiosa da reconstrução económica da Europa, no período trágico do após-guerra, advogando ambos uma política de ampla cooperação económica entre todos os países da Europa Ocidental.

Desde a criação da Comunidade Económica Europeia, o Luxemburgo, na sua qualidade de membro fundador, e Portugal, como membro da E. F. T. A., defenderam sempre a ideia de um amplo mercado europeu.

O Governo português segue hoje atentamente e com o maior interesse a evolução das relações entre a Comunidade Económica Europeia e os terceiros países, e, particularmente, tudo o que se relaciona com os pedidos de adesão ou de negociação por parte dos países membros da E. F. T. A. Portugal já manifestou o seu desejo de, na altura oportuna, iniciar os necessários contactos com a Comunidade Económica Europeia com vista encontrar-se a fórmula mais adequada a uma eventual ligação do nosso País com o Mercado Comum.

Estou certo que o Luxemburgo, que sempre se mostrou aberto á ideia do alargamento das Comunidades, dará também a sua colaboração á tarefa de encontrar as fórmulas que permitam a proximação do Mercado Comum com toods os países da E. F. T. A., tendo em conta todos os interesses em jogo».

(Dr. Rui Patrício, ministro dos Negócios Estrangeiros, dirigindo-se ao seu colega luxemburguês).

ENTREVISTAS PARALELAS

O Serviço de Pessoal e a estrutura da empresa

Num tempo em que tanto se fala de reestruturação e reforma da organização económica do País — sobretudo no sector industrial — julgamos oportuno abordar um problema até agora pouco debatido entre nós, embora não deixe de interessar, directamente, a milhares de trabalhadores portugueses.

Interessa também a umas tantas empresas que, por imposição legal ou por iniciativa própria, organizaram já serviços de particular importância, na estrutura empresarial portuguesa: os serviços de pessoal e os serviços sociais.

O problema portanto é este: para que existem e quais são as diferenças entre serviços de pessoal e serviços sociais? Qual o âmbito, significado e futuro destes serviços internos das empresas? O que pensam destes serviços os patrões e os trabalhadores portugueses?

Porque entendemos que o problema tem um alcance inequívoco e pode ser motivo de esclarecimentos úteis e construtivos, «Mesa-Redonda» decidiu averiguar a questão ouvindo a opinião de pessoas que julga abalizadas, ligadas directamente com a problemática dos trabalhadores, ou que fazem parte de uma classe profissional a ter em conta e que, não raro, tem um papel ingrato na engrenagem empresarial portuguesa: os chefes ou directores de pessoal que, entre nós, a título individual, estão agrupados na Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal, associação esta que é estranha a qualquer espécie de actividades de carácter reivindicativo nas relações de trabalho e tem por objecto o estudo, aperfeiçoamento e divulgação dos princípios, métodos e técnicas de gestão do pessoal.

Eis o que nos disseram Fernando de Abreu, que além de funcionário de uma grande empresa do ramo automóvel, é também o presidente do Centro de Cultura Operária, e o dr. Henrique Santa Clara Gomes que se pronunciou única e exclusivamente na qualidade de presidente da Associação Portuguesa dos Directores e Chefes de Pessoal.

DR. HENRIQUE SANTA CLARA GOMES

«Os trabalhadores no nosso tempo têm, progressiva e irreversivelmente, conseguido adquirir consciência do seu valor»

Porque existem Serviços de Pessoal nas empresas?

A resposta á pergunta depende da concepção de empresa que se tiver e do lugar que dentro dos seus objectivos for dado ao pessoal.

No nosso tempo, o aproveitamento das espantosas possibilidades de gestão oferecidas em todos os domínios pela economia e pela técnica está condicionado pela cooperação do pessoal, pela medida em que os trabalhadores se identificarem com os objectivos da empresa, o que só se poderá verificar quando esses não forem contrários aos seus objectivos pessoais.

Os trabalhadores no nosso tempo têm, progressiva e irreversivelmente, conseguido adquirir consciência do seu valor, do que representa a sua liberdade e independência, o sentido que tem a cooperação com os colegas e a responsabilidade individual e colectiva que lhes cabe na construção da empresa onde trabalham.

Isto impõe um clima novo nas relações entre as pessoas, que torna urgente a descoberta e a prática de formas de exercício da autoridade que tenham presente que esta cada vez mais só será aceite na medida em que respeitar o direito de participação dos que executam o trabalho.

As nossas estruturas mentais e os nossos hábitos são tais, que se impõe uma verdadeira transformação das nossas mentalidades, neste momento ainda demasiadamente sensíveis a aceitar que uma hierarquia não confere, por si, automática e mágicamente, a posse da verdade.

As empresas terão tendência para se revelarem pluralistas, ou seja para que os diferentes grupos humanos que as constituem manifestem por vezes, objectivos diferentes, que se traduzirão naturalmente em conflitos e tensões internas, nem sempre fáceis de compreender e muito menos de aceitar.

Esta situação, se, para além dela, todos estiverem vivamente interessados e empenhados num objectivo comum, o da Empresa, não se revelará um factor de divisão ou mesmo de desagregação, mas, antes, de dinamismo interno e externo, fundamentais á competição em que no nosso tempo cada vez mais se desenvolve e realiza a actuação de qualquer empresa.

Para isso, haverá que saber contar mais com a autonomia e o desenvolvimento das capacidades individuais e dos grupos, o que nem sempre se coaduna com formas clássicas de direcção de empresas.

Assim, uma empresa que ainda não tenha compreendido e aceite a evolução que acabo de referir procurará atingir os seus objectivos á custa do exercício autoritário do poder, do constrangimento e das ameaças e, por melhores salários que pague e regalias sociais que graciosamente conceda, está condenada ao insucesso.

—Existirão uns serviços do pessoal administrativos, serviços de gestão de obras sociais, serviços meramente executivos, pois o pessoal, na prática, será sobretudo considerado como uma peça de uma engrenagem de que é preciso tirar o máximo rendimento.

Os Serviços do Pessoal nestes casos, serão destinados a manter em ordem ficheiros (o cadastro do pessoal...) assegurar a observância de horários (cartões de ponto, etc.), proceder ao pagamento e pouco mais.

Pelo contrário, uma empresa que procure ser moderna e competitiva dará forçosamente, aos problemas humanos o seu justo valor e será levada a criar Serviços do Pessoal que possam assegurar, além da execução das tarefas clássicas de gestão, admissões, remunerações, relações com sindicatos e instituições de Previdência, uma contribuição válida na consideração e resolução dos problemas humanos e na integração da política do pessoal na política geral da própria empresa.

Não quero deixar de esclarecer que considero muito importate que nunca se pretenda ver os Serviços do Pessoal de uma empresa, seja ela qual for, como os detentores da «função» pessoal ou como os responsáveis pela execução da política do pessoal. A «função» pessoal está naturalmente distribuida por toda a empresa e é indispensável que todos os escalões hierarquicos, assumam completamente o insubstituivel papel que por direito próprio lhes cabe, tanto na formulação como na execução da política do pessoal.

Fundamentalmente, o papel dos Serviços do Pessoal será de estudo e apoio técnico e pedagógico a toda a empresa. A resolução dos problemas humanos das empresas já não pode ser feita por intuição ou por sentimento, mas antes, apoiada pela competência e objectividade com que forem utilizados os conhecimentos,

Cont. na pág. 4

FERNANDO ABREU

«Salários baixos, habitações exíguas e afastadas dos locais de trabalho, famílias numerosas, transportes demorados»...

—Porque existe Serviço Social nas empresas?

— Certamente porque a existência de problemas de carácter social levaram a entidade patronal ao convencimento de que teria de cuidar da sua análise e possível solução.

É evidente que tais problemas existem sempre em qualquer empresa, sobretudo nas de grande dimensão. O Serviço Social, porém, não. No nosso País, a sua criação depende exclusivamente da vontade dos empresários. São estes a decidir sobre o momento oportuno para a sua organização, e quando o fazem, regra geral, já os trabalhadores tiveram de, durante largos períodos, suportar penosas situações. O momento em que ele passa a existir não coincide necessáriamente nem com o início de certas formas de assistência que a empresa sempre vai prestando, nem com a resolução dos problemas sociais de base que afectam a vida da grande maioria dos trabalhadores, cuja solução não lhe compete.

Nalguns casos, admito que sejam razões de ordem humanista as que determinam a sua criação. Contudo, conhecendo-se a reinante avidez de lucro, não é difícil encontrar outras razões bem menos isentas, tais como o seu enquadramento numa política tendente a incrementar a produtividade ou a de, com base nos benefícios sociais concedidos, tentar impedir a saída dos trabalhadores para empresa em que os salários e os ordenados-base são mais elevados.

UM CERTO DESVIO...

— Quais são os seus objectos gerais?

— O desenvolvimento industrial e o progresso técnico levaram á criação de empresas de grande dimensão, as quais são organizadas em função da «produção» e não do Homem. Este sente-se despersonalizado, peça duma engrenagem cujo sentido não compreende. Isto origina choques profundos de ordem moral e psíquica. O ritmo de trabalho, as condições em que este é exercido, o clima de animosidade entre colegas e destes com chefes e mestres, a ausência de contactos entre dirigentes e dirigidos são entre, outros factores de traumatismo psicológico para os trabalhadores o que influi profundamente no próprio rendimento do trabalho.

Salários baixos, habitações exíguas e afastadas dos locais de trabalho, famílias numerosas, transportes demorados, entre outras, são razões para que o trabalhador não se sinta bem.

Entre nós, o Serviço Social na empresa, em razão destas precárias condições de vida, é muito mais entendido como o sector da empresa ao qual se recorre para a obtenção duma ajuda monetária do que na sua missão específica, que, em harmonia, com o conceito e objectivos internacionalmente reconhecidos tanto pela O. I. T. (Organização Internacional do Trabalho) como pelas Nações Unidas, organizações que têm promovido o estudo e a discussão dos problemas do Serviço Social na industria, á escala mundial, seria o de contribuir para proporcionar a quantos trabalham na empresa um ambiente de trabalho favorável á plena realização de todas as faculdades humanas e á plena satisfação das necessidades, sejam de carácter físico, moral, psicológico, económico, social recreativo ou cultural.

— Quais os benefícios que resultam para os trabalhadores!

— Pelas razões já referidas, os benefícios, ten-

Cont. na pág. 4

Integração do trabalhador

«A formação dos trabalhadores, de qualquer nivel que seja e sob qualquer responsabilidade em que seja colocada, tende de facto a produzir homens amputados **nos seus conhecimentos e nas suas responsabilidades. O sonho da grande indústria mecanizada é a integração do trabalhador desde o berço ao túmulo** (do enxoval de baptizado, por exemplo, ao caixão de morto, passando pela formação profissional, o alojamento e os lazeres organizados), **de modo a cingir o seu horizonte ao da empresa. Importa, para começar, não dar ao trabalhador (não lhe permitir que a adquira) uma formação superior àquela que exige o seu trabalho especializado («para evitar os problemas de adaptação», explicava há alguns anos, com certa candura, numa mesa-redonda patronal, um grande industrial francês), não lhe permitir, portanto, nem abarcar o processo de produção no seu conjunto, nem abranger a essência criadora do acto de trabalho, comportando possibilidades de iniciativa, de reflexão, de decisão, como, por exemplo, a decisão de ir vender a sua força de trabalho para outro lado.**

Quer se trate de mecanógrafos dos bancos e seguros ou dos soldadores da electrónica, a indústria exige para as suas tarefas repetitivas mão-de-obra passiva e ignorante, recrutada ao sair da escola (de preferência nos meios rurais) e formada ou na própria empresa ou em escolas da mesma onde adquire não uma profissão que lhe confira qualquer autonomia (e dignidade) profissional e humana, mas uma qualificação caseira que serve justa e idealmente para a empresa que a emprega. Deste modo, a empresa não só afirma sobre os seus trabalhadores uma espécie de direito de propriedade à vida, mas igualmente o direito de fixar e avaliar à sua vontade a qualificação e o preço do trabalho, os horários, as cadências, o salário, etc.

Nas tarefas onde é requerida uma formação profissional mais avançada, a capacidade do processo de produção continua a subsistir. E se, há pouco, a contradição dominante estava entre a essência activa e potencialmente criadora de todo o trabalho e o estatuto passivo ao qual a O. S. é votada pelas tarefas repetitivas e prefabricadas que lhe impõe a cadeia semi-automática, transformando-a em anexo arraçado de máquina e proibindo-lhe toda a iniciativa e até todo o pensamento autónomo, a contradição dominante, à medida que a qualificação sobe, está entre a essência activa, a iniciativa técnica do trabalho, **e o estatuto de executante** passivo **que a hierarquia da empresa continua a impor** ao trabalhador.»

(Do livro «Stratégie Ouvrière et Neocapitalisme», de André Gorz)

Os trabalhadores na vida da empresa

Cont. da pág. 3

dem a expressar-se sobretudo através da concessão de subvenções e empréstimos, para múltiplos fins, que vão desde a concessão de bolsas de estudo para os filhos a facilidades para a compra de passes de comboios e autocarros.

No campo das chamadas obras sociais: certas empresas dispõem de refeitórios para o pessoal são fornecidas refeições a preços acessíveis, cantinas onde os artigos mais correntes são adquiridos com descontos, colónias de férias e creches para os filhos do pessoal, centros recreativos e culturais.

Os problemas de ordem psicológica, a recuperação de sinistrados, a preparação e acompanhamento de reformados na fase da sua adaptação ao novo estilo de vida, por exemplo, quase não são considerados.

Frise-se, no entanto, que, por maiores que sejam os benefícios concedidos, estes não devem, em caso algum, substituir-se a um salário suficiente e justo.

— Qual é a participação dos trabalhadores na organização destes serviços?

— Regra geral é nula ou quase nula.

É uma consequência da pouca importância que o empresário português tem dado e continua a dar ao trabalhador, bem como do espírito paternalista dos nossos empresários.

Aquele paga um salário, este vende o seu trabalho. E é tudo, ou quase tudo.

O trabalhador português continua, injustamente, a ser considerado como um «menor».

A participação dos trabalhadores, quando a há, limita-se ás iniciativas de carácter desportivo e recreativo.

Lá fora, na França e na Inglaterra, por exemplo, procura-se minorar o carácter «paternalista» destes serviços, conferindo a comissões de empresa, das quais fazem parte trabalhadores eleitos pelos seus colegas em certo grande «contrôle» na organização e administração, chegando os aspectos mais nitidamente sociais a ser completamente geridos pelos representantes dos trabalhadores.

— No caso específico das empresas portuguesas-tipo, os serviços sociais tendem a defender mais os interesses da empresa ou do pessoal?

— Dada a natureza dos serviços sociais, estes, como é evidente, comportam vantagens tanto para o patronato como para os trabalhadores.

Contudo, como a sua criação, financiamento e gerência são da competência exclusiva do patronato, por melhores intenções que haja da parte dos empregados desse sector da empresa, é difícil, senão impossível, assegurar que, por regra, os verdadeiros interesses dos trabalhadores sejam defendidos.

Muitas vezes, os chamados trabalhadores sociais, têm um trabalho tão desgastante como inútil, pois têm de enfrentar a desconfiança natural dos trabalhadores e a incompreensão obstinada de certos empresários.

Nestes casos, a situação é difícil: ou os serviços se limitam a um trabalho burocrático ou os seus executores arriscam-se a ser vítimas da sua própria acção.

SEM COMPARAÇÃO

— Em comparação com o que se fez no estrangeiro — mesmo em países de economia capitalista — que pensa dos serviços sociais nas empresas portuguesas?

— Efectivamente, o Serviço Social mais progressivo do mundo é, sem dúvida, o existente nalguns países socialistas. Contudo, não é necessário ir tão longe, pois duma maneira geral, não existe comparação com o existente nos países da Europa Ocidental, até porque, queira-se ou não, as pressões sindicais têm uma influência determinante no progresso das condições sociais. Penso, pois, que qualitativamente e quantitativamente o Serviço Social nas empresas, no nosso País, é deficiente e não corresponde de maneira nenhuma ao que seria de exigir. Por outro lado, penso que os serviços médicos das empresas, as obras sociais e outras iniciativas deveriam ser incorporados no Serviço Social.

— Que pensam os trabalhadores portugueses dos Serviços Sociais que os seus patrões lhes oferecem?

— Embora a necessidade os leve a aproveitá-los ao máximo, a maioria pensa que os benefícios que lhes são conferidos só terão efectiva validade quando vencerem salários suficientes e justos.

Entretanto, continuarão a pensar que os patrões preferem a assistência à Justiça.

— As empresas estrangeiras representadas ou instaladas no País, fazem alguma tentativa de transplantar para cá as regalias concedidas ao pessoal da sede?

— Salvo raras excepções não existe tal preocupação e, compreende-se, pois uma empresa comercial não é uma associação filantrópica.

A crítica não deve, pois, ser feita a essas empresas, mas à suave legislação existente que tão-poucas exigências de carácter social põe a quantos decidem instalar-se no nosso País.

Neste aspecto, por exemplo, uma firma francesa, no seu próprio país, com mais de 250 assalariados, tem de obrigatòriamente criar o serviço social. Porém, se se instala no nosso País, pode ter 2500 trabalhadores sem que a tal seja obrigado.

— Parece-nos que, mesmo aceitando a situação geral deste facto, em Portugal, e a legislação já existente que a ele se refere, muita coisa está por fazer. Que nos diz?

— Sem dúvida, mas volto a insistir em que não deve continuar a ser deixado á livre iniciativa dos empresários. Impõe-se, um estatuto legal, que o torne obrigatório em empresas de certa dimensão e lhe defina o campo de acção. Sem isto, continuar-se-á dependente de boas vontades que rarelam. E, até, certa legislação como a que se refere a obrigatoriedade de fornecimento pelas empresas de refeições, directamente ou por intermédio da F. N. A. T., caíram em letra morta, não falando já em muitas instalações fabris que não dispõem de condições mínimas requeridas de sanidade e higiene.

— Qual a missão e situação das assistentes sociais dentro da orgânica da empresa?

— A missão da assistente social é sobretudo a de ajudar os indivíduos e os grupos de trabalhadores nos múltiplos problemas que afectam a vida profissional e, mesmo, extraprofissional e que tanto contribuem para que o trabalho em vez de motivo de satisfação o seja de suplício. Claro que, entre nós, como é inevitável, são as condições de vida dura e difíceis a fonte de muitos dos problemas que reclamam a acção da assistente social. Esta realidade, contribui para tornar a sua actuação ainda mais difícil, pois, são limitados os meios de que, geralmente, dispõe para acudir ás necessidades.

A assistente social, geralmente, tem de enfrentar a desconfiança dos trabalhadores, porque é uma empregada relativamente bem remunerada e de elevada posição que julgam da inteira confiança dos empresários, e, tantas vezes, com a falta de confiança destes que receiam os problemas e exigências que a sua actuação possa levantar.

Por estas mesmas razões, a assistente social deveria poder gozar de autonomia face á administração da empresa, de modo que a sua actuação pudesse decorrer num ambiente de confiança, indispensável para que as pessoas a ela se pudessem dirigir expondo os seus problemas.

O IMPORTANTE... É A PREVIDÊNCIA OFICIAL

— Existe, ou pode haver, qualquer aspecto de ligação, contradição, ou complemento, entre os serviços sociais da empesa e a actividade dos sindicatos?

— Se atentarmos na dispersão da representação sindical dos trabalhadores das empresas de grande dimensão, espalhada por dezenas e dezenas de sindicatos, concluiremos que não existem condições para se verificar nenhuma das situações apontadas.

— Resumindo: justifica-se, ou não, a existência do Serviço Social na empresa, como na generalidade, é entendido entendido entre nós?

— Como já disse, o conceito de Serviço Social na empresa, no nosso País, é muito impreciso. Por outro lado é minha opinião de que só uma profunda transformação da empresa e da sociedade poderá permitir que este serviço corresponda ás reais necessidades, contribuindo para a integral promoção humana dos trabalhadores.

Enquanto não se superarem as aludidas deficiências estruturais, não se lhe pode negar um certo valor rectificativo de condições de trabalho menos justas mesmo que como efectivamente sucede, só um reduzido número de trabalhadores é atingido.

Honestamente, não se pode deixar também de apontar como factor francamente negativo o de aumentar o desnível de vida entre trabalhadores exercendo a sua actividade em empresas de grande dimensão que chegam a usufruir benefícios sociais de certo vulto e trabalhadores de empresas de dimensão mais reduzida que se limitam ao pagamento do salário-base.

Por este motivo, o Serviço Social na empresa não dispensa a existência de Serviços Sociais Públicos que estejam á disposição de toda a categoria de trabalhadores e lhes prestem adequado apoio.

Resposta do dr. Santa Clara Gomes

Cont. da pág. 3

cada vez maiores, dados pelas ciências sociais e humanas.

Assim, a audiência dos Serviços do Pessoal junto de toda a empresa deverá basear-se na sua competência e isenção, no estilo que souberem imprimir ás relações que estabelecem, no valor dos serviços que prestam e na medida em que estes correspondem ás reais necessidades de todos os utilizadores.

Justifica-se a existência de Serviços Sociais ou de um Serviço Social nas empresas?

Acabou o tempo do paternalismo.

Como a administração dos Serviços destinados ao pessoal lhes deve ser entregue (ex-cantinas, cooperativas, etc.) e a satisfação de necessidades dos trabalhadores no domínio da habitação, educação, saúde, ocupação dos tempos livres, invalidez, velhice, etc. não deve caber ás empresas mas, em relação a toda a população, ao Estado e á Previdência, entendo que cada vez menos se justifica a existência de Serviços Sociais.

A Assistência Social, de resto, vejo-a integrada no conjunto dos Serviços do Pessoal, com uma função importante.

Que pensam os patrões e os trabalhadores portugueses dos Serviços do Pessoal?

A pergunta tem manifesto interesse, mas só os próprios deverão responder.

De qualquer maneira, talvez possa adiantar que os Serviços do Pessoal não poderão merecer um juízo favorável dos trabalhadores, na medida em que se afastarem da independência e da objectividade e forem apenas órgãos de estudo, coordenação ou mesmo execução de uma política do pessoal, em cuja formulação e execução, os prprios interessados não participam.

Enfermagem

Sobe já a cerca de trezentos o número de enfermeiras até agora formadas pela Escola de Ensino e Administração de Enfermagem — como declarou a directora, sra. D. Crisanta Regala, uma enfermeira formada em Portugal que fez vários estudos de especialização nos E. U. A. É, por isso, também valioso componente do corpo docente da escola, que conta com profissionais que aliam à preparação-base aptidões específicas conquistadas em varias especializações feitas no estrangeiro.

Essa característica não é exclusiva, aliás, do corpo docente, pois qualquer aluna tem de possuir o 7.º ano liceal, ou comprometer-se a acabá-lo nos meses próximos, para poder frequentar a escola. Sabido que, depois de alcançar o diploma do 7.º ano dos liceus, a candidata a enfermeira tem de fazer três anos de curso e um de estágio, compreende-se e estamos em face de uma preparação que é praticamente de nível universitário. Isso explica a facilidade que essas raparigas, saídas enfermeiras, têm em se colocar, embora o seu ordenado inicial não passe de 1678$00, com alojamento, comida e fardas. É que, mercê da sua preparação, elas são logo chamadas a desempenhar cargos de chefia ou administrativos, embora haja algumas que se empregam como simples enfermeiras. (...)

O nível de aptidão exigido às alunas da Escola de Ensino e Administração de Enfermagem explica, aliás, que aquele estabelecimento de ensino forme por ano, em média, apenas quinze profissionais. Tal número é considerado, evidentemente, baixo para as necessidades, mas representa uma garantia de qualidade, assegurada, ainda pela experiência docente adquirida em 29 anos de actividade. (...)

Na verdade desejamos fazer compreender às nossas enfermeiras que a sua actividade deve ser, antes de mais, preventiva, quer dizer desejamos que as nossas enfermeiras estejam preparadas para colaborar nos domínios da saúde e que as suas actividades visem evitar o aparecimento de enfermidades. Ela deve (antes do doente curado), imediatamente, através de uma acção concentrada e que transcende o quadro clínico curativo, começar a pensar numa fase de recuperação do doente para uma vida social. (...)

Já lá vai tempo — disse, a terminar, a directora da escola — em que as enfermeiras eram analfabetas ou possuíam apenas a instrução primária. Agora já se exige, em todas as outras escolas, pelo menos, o 1.º ciclo do Liceu, passando a ser exigido, para o ano o 2.º ciclo liceal. Gradual e generalizado aumento da habilitação literária para o desempenho de tão delicadas funções é um dos factores positivos com o qual poderá contar um corpo de enfermagem que deseja ser dinâmico, moderno e eficiente.

(Do «Boletim do Instituto de Oncologia»)

polémica

Instituto de Física-Matemática exterior à Universidade?

OPINIÃO DO PROF. ANTÓNIO ALMEIDA COSTA

Nos dias 13 e 20 de Fevereiro passado, dois professores e cientistas eminentes da Faculdade de Ciências de Lisboa publicaram os seus pontos de vista sobre um projectado Instituto de Física e Matemática. O signatário destas linhas, longe de possuir os títulos desses cientistas, só pode atribuir-se a honra de ensinar na mesma Escola em que ambos professam.

São várias as facetas segundo as quais o referido Instituto pode ser encarado. Embora a epígrafe sob a qual os professores Tiago de Oliveira e Sebastião e Silva exprimiram as suas opiniões indicasse tratar-se de «Um instituto de Física-Matemática exterior á Universidade», da leitura dos articulados daqueles Mestres resulta imediatamente estar em causa um Instituto de Física e Matemática e não um Instituto de Física-Matemática. E foi na verdade sob aquela designação que apareceram as primeiras notícias respeitantes a esse Instituto, que passarei a designar abreviadamente por I. F. M.

Não dou importância ao hibridismo da sua designação, que, mesmo a admitir-se, estaria fora dos canones. Por outro lado, ap-nas me ocuparei de duas das facetas, de entre as várias acima aludidas, de que poderia ocupar-me.

Procedo assim por precaução. Fácil seria, com efeito, ao abordar, por exemplo, as aparentes condições extracientíficas sob as quais o projecto do I. F. M. foi estabelecido, ter de afirmar que tais condições, segundo o meu critério, estavam muito longe de ser as melhores; e daí não seria difícil advirem discussões que não desejo, tanto mais que, é bom repeti-lo, disponho apenas de elementos aparentes, o que poderia permitir um desmentido fácil dos meus pontos de partida.

Entremos agora na questão. Antecipando as conclusões do meu pensamento, digo desde já que, tal como o prof. Tiago de Oliveira, estou em desacordo total com a sua possível criação, embora não subscrevendo inteiramente as razões invocadas por este ilustre professor para justificar esse desacordo.

Pretende o I. F. M. ser também um Instituto de Matemática.

Em Lisboa, não seria isso possível sem a intervenção dos docentes da Faculdade de Ciências. Aos domínios da Estatística, da Investigação Operacional, da Análise Numérica, da Programação e da Automática, referidos pelo prof. Tiago de Oliveira, que os desejaria ver num Instituto privativo da sua Faculdade, quero juntar os domínios das Teorias dos Grafos, dos Reticulados, das Geometrias Projectivas, dos Semigrupos, dos Grupos, dos Anéis e Álgebras associativas, dos Anéis de Jordan, dos Anéis de Lie, dos Semi-anéis, da Geometria algébrica, da Álgebra topológica, etc., etc., que o signatário desta carta desejaria também num segundo Instituto da Faculdade, único lugar onde a maior parte deles pode ser submetida a trabalhos de investigação e onde os estudantes dos últimos anos, depois da importante reforma devida ao ministro Galvão Teles, recebem ensinamentos sérios, capazes de os levar rápidamente, concluídos os seus cursos, a trabalhos próprios capazes de dignificarem a Escola onde se educaram. Em apoio destas afirmações seria fácil encontrar fundamentos muito sólidos. Deixo-os no silêncio.

AFIRMAÇÕES

Também deixo em silêncio aqueles outros ramos da Matemática que me parece viriam a constituir o núcleo da parte matemática do Instituto, mas, quanto à Física, e em profunda reverência diante do seu panorama fantástico, aí vão algumas afirmações de grandes autoridades académicas da nossa Terra, todas elas em ligação imediata com aquela disciplina. Diz o magnífico reitor da Universidade de Lourenço Marques, prof. Veiga Simão: «Apesar de tudo o que dissemos, manda a justiça reconhecer todavia os inestimáveis serviços que a Universidade ao longo de sucessivas gerações prestou e continua ainda a prestar ao País onde nascemos...»; e o magnífico Reitor da Universidade do Porto, prof. Correia de Barros, mais categórico, afirma de sua vez: «...é necessário que a Universidade e a investigação estejam intimamente associadas, para contínua vitalização e eficiência actualizada de uma e outra. Isso implica o reconhecimento de que a investigação é uma função essencial da Universidade, como se tem entendido desde sempre, cada vez com maior clareza, e foi novamente reconhecido pela Conferência dos Reitores Europeus a que assisti, em Göttingen, no Verão de 1964. Mas significa mais do que isso; ou melhor, essa afirmaçã deve ser tomada no sentido mais lato, para que não fique em aberto a possibilidade de haver dois sectores distintos da investigação, um universitário, o outro separado da Universidade, quando é indispensável, pelo contrário, que toda a investigação — a não ter em vista, simplesmente, uma aplicação prática imediata — esteja de qualquer forma associada á Universidade, embora possam variar as modalidades dessa associação.»

Também o magnífico reitor da Universidade de Lisboa, prof. Fernando Barreira, diz de seu lado: «Isto nos leva a ter, como norma assente, que a Universidade é o local exacto, com as características próprias, para a realização da investigação científica não aplicada e de que só em condições muito excepcionais, e justificadas por razões específicas e bem ponderadas, se poderá conceber a existência de centros de investigação básica fora do âmbito da Universidade.»

Enfim, o vice-reitor da Universidade de Lisboa, prof. Pinto Peixoto, toma a mesma posição clara quando afirma: «Ainda, dentro da mesma linha, nós vemos com certa apreensão a formação de instituições oficiais de investigação de base á margem das nossas Universidades».

O prof. Almeida Costa estudou em Lisboa, Porto e Berlim. É, até hoje, o aluno mais bem classificado na frequência do curso de Matemáticas da Universidade Portuguesa. Pertence na Faculdade de Ciências à chamada «escola germânica» (esteve em Berlim alguns anos no período áureo da ciência alemã, em 1937). Foi assistente, professor extraordinário e professor catedrático da Universidade do Porto e é professor catedrático da Universidade de Lisboa, desde 1952.

Pertence ao Conselho de Investigação Científica do Instituto de Alta Cultura e é sócio da Academia de Ciências de Lisboa.

Tem estudado particularmente as teorias de Anéis, Módulos e Semi-Anéis, havendo publicado vários trabalhos de investigação nestes domínios, tanto em Lisboa como no estrangeiro. A maioria dos seus livros está escrita em língua alemã. Como trabalho de natureza didáctica, escreveu dois grandes volumes do «Cours d'Algébre Générale», editado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Este livro (escrito em francês) é utilizado pela maioria dos estudantes universitários do Curso de Matemáticas.

POTENCIALIDADE

De facto, as realidades implicam que, na promoção da investigação científica no nosso País, nos não alheemos de alguns condicionalismos impostos pelos recursos humanos, pela experiência, pelo que já existe, e, digamos mesmo, por alguma tradição. Como o sr. vice-reitor, que acabo de citar, «também tenho para mim que, apesar de tudo, a Universidade actual tem em si mesma, pela consciencialização dos seus mestres, dos seus alunos actuais e antigos, a potencialidade para uma auto-renovação e a capacidade intrínseca para gerar uma auto-reforma que lhe restitua a sua integridade científica e humanística e a conduza á vanguarda do pensamento, transformando-a numa Universidade virada para o futuro.»

Sem duvida que a história da investigação matemática em Lisboa sofreu todas as vicissitudes referidas pelo prof. Sebastião e Silva. As suas declarações a este respeito não sofrem a mais pequena contestação. Simplesmente, o que importa agora, a tal respeito, é a situação actual, onde não há lugar para «elementos conservadores capazes de criar climas de incompreensão e muito menos de hostilidade.» Próprìamente quanto ao problema do I. F. M., permito-me transcrever aqui a parte seguinte das declarações do sábio professor: «Pessoalmente, sou apologista de uma ampla autonomia pedagógica e administrativa da Universidade. Mas não confundirei autonomia com estrutura totalitária e absorvente, que vá coarctar a liberdade de iniciativas exteriores á Universidade. No caso concreto do I. F. M., não vejo inconveniente algum em que este seja incluído na Universidade, desde que se criem duas condições **sine qua non**:

1) instituição do regime obrigatório de tempo integral para os professores e assistentes que trabalhem no I. F. M.

2) redução do serviço lectivo dos assistentes ao tempo normal em países evoluídos.»

É a análise destes pontos que me sugere a segunda faceta pela qual vou encarar o I. F. M.

Os professores da Faculdades de Ciências de Lisboa são autênticos profisslonais do ensino e da investigação. Despendendo uma energia intelectual, que de nenhum modo pode julgar-se inferior á que se exige para o que seja, dão-se inteiramente á sua tarefa, não encontrando oportunidade de procurar em actividades estranhas aquele complemento de natureza económica de que ca-

Cont. na pág. 8

JANTES LEVES

DUNLOP

ALÉM DE:
CORTINA — CAPRI — ESCORT — MINI'S — 1100/1300 —
IMP — VIVA — VENTORA RYLEI — DATSUN e TOYOTA

AGORA TAMBÉM, PARA:
FIAT 124 — SIMCA e B. M. W.

...E EM BREVE:
VOLVO e JAGUAR

AS JANTES MAIS BARATAS DO MERCADO!
AS MAIS BONITAS! AS MAIS RESISTENTES!

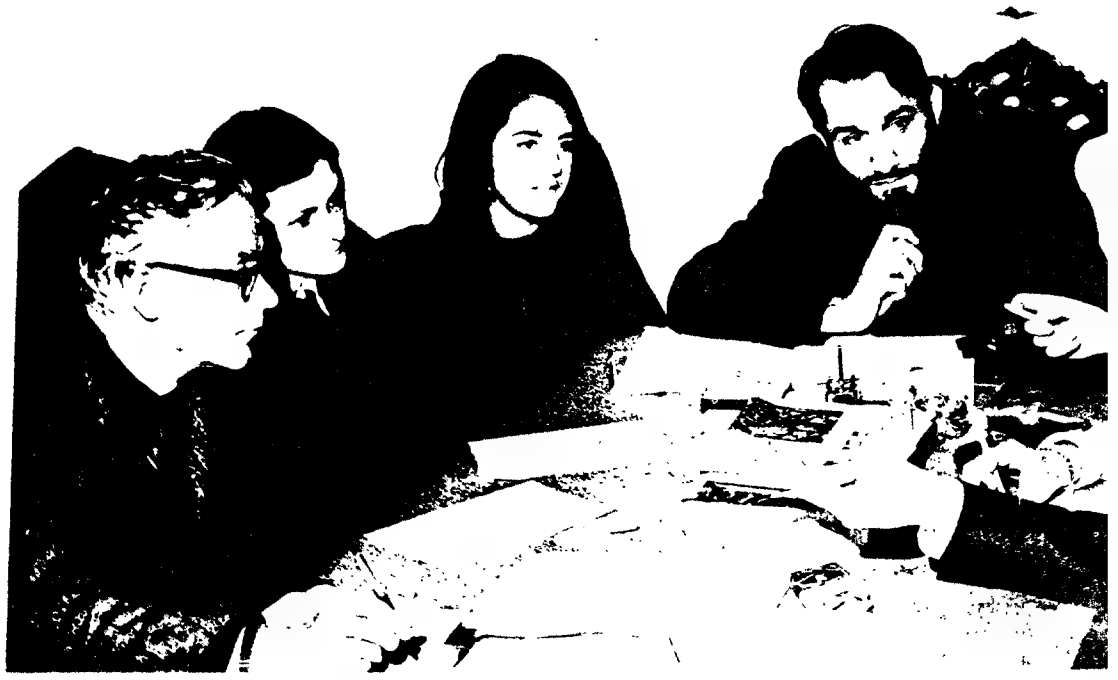
IMPORTADOR EXCLUSIVO

escape

RUA CASTILHO, 72-A ● TELEFS. 56 16 16 - 56 19 19 ● LISBOA

O ensino em Portugal visto por es

O «DIÁRIO DE LISBOA» juntou nesta Mesa-Redonda vários estudantes estrangeiros que frequentam o Curso da Língua e Cultura Portuguesa para Estrangeiros na Faculdade de Letras de Lisboa. Tentámos encontrar estudantes de diversas nacionalidades e juntámos dois americanos (John H. Twomey, de St. Louis University, a doutorar-se em Literatura espanhola e estudos da América Latina; Suzanne Fleischman, bolseira e investigadora da Comissão Fulbright), uma alemã (Heike Dietzel, secretária e estudante de um curso de línguas da Sorbonne), um sacerdote e professor de ensino secundário (Jan Habets), uma inglesa (Christine Griffin, aluna de Português do Goldsmith's College) e uma enfermeira chilena (Marnie Blandford). Interveio como moderador José João Louro. O debate decorreu todo em português.



JOSÉ JOÃO LOURO — A nossa intenção era trazer várias pessoas que frequentaram Universidades estrangeiras para pensar em conjunto e debater as suas impressões sobre o ensino e a sociedade portuguesa. Levantaram-se dificuldades da vossa parte em discutir uma Universidade onde são estudantes bolseiros, mas penso que se assentarmos a discussão em dois ou três pontos, este debate pode ter interesse, não só para os estudantes portugueses, como também para o público leitor do «Diário de Lisboa» em geral. Como pontos, sugiro os objectivos da vossa permanência em Portugal, a Universidade e o conhecimento que têm da cultura e da sociedade portuguesa.

Eu pedia em relação ao primeiro ponto — os objectivos da vossa permanência em Portugal — a cada um de vós e a começar por

Christine Griffin

Suzanne Fleischman

Heike, que desse uma ideia dos motivos que os levou a vir estudar português em Portugal.

HEIKE DIETZEL — Para mim o motivo principal era conhecer a literatura portuguesa estudada por mim noutras línguas e não na língua própria e estudar o povo português para mais tarde, provàvelmente, poder ensinar a língua portuguesa no meu país ou fora do meu país.

JOHN TWOMEY — Estou a doutorar-me nos Estados Unidos e lá estudo Portugal e Espanha. Assim estou este ano em Portugal e é para mim uma oportunidade para aprender a língua portuguesa, algumas coisas de filosofia e literatura, nas quais tenho um interesse especial, bem conhecer o povo português e a sua cultura. Mais tarde vou trabalhar, se possível, como professor, para o Governo ou para uma companhia na América Latina e o conhecimento do português é importante para esse trabalho.

JAN HABETS — A minha presença aqui é fortuita. Aceitei um convite de holandeses para visitar o país. Uma vez aqui, gostei do país e tenho a intenção de aprender melhor a língua e depois vou ver as minhas possibilidades de trabalho cultural ou de investigação

CHRISTINE GRIFFIN — Eu estudei português durante dois anos num colégio na Universidade de Londres e tenho a intenção de voltar para Inglaterra para continuar um curso superior de português. O meu professor em Inglaterra, Francisco Xavier Fernandes, entusiasmou-me nesse sentido. O mundo português é um mundo ainda pouco conhecido e há muito território virgem para fazer investigações sobre o povo e a cultura portugueses

SUZANNE FLEISCHMAN — Formei-me na América no que equivale mais ou menos a românicas, uma especialidade em literatura e cultura espanholas, mas dentro do campo de românicas. Nunca tive oportunidade de estudar literatura na língua portuguesa. A minha especialidade era literatura peninsular. Agora estou cá para fazer a tese de doutoramento. Inicialmente a tese seria sobre um poeta lírico. Agora mudei de planos e estou a fazer a tese sobre Bernardo Santareno.

MARNIE BLANDFORD — Quero voltar à minha terra, ao Chile, e trabalhar, e como já falo inglês e espanhol, queria aprender o português. Tive oportunidade de estudar cá, porque a minha mãe vive em Portugal.

J. J. L. — Em relação ao segundo ponto — o Curso e a Universidade — gostaria que dessem uma ideia crítica desta Universidade e do curso que frequentam.

HEIKE DIETZEL — Acho no que diz respeito à organização do curso, que a culpa não é dos professores, claro que não, que vem de outro lado. Mas acontece que estamos sempre nas aulas à espera dos professores que nunca vêm, que estamos cá mais ou menos com bolsas e queremos verdadeiramente aprender, não apenas a língua portuguesa mas também a Literatura, a História Mas não podemos fazer tudo isto sem professores. Uma vez que as autoridades dão dinheiro, as bolsas, acho que também os professores têm que estar connosco, têm de nos ensinar todas essas cadeiras. Não posso dizer que um professor é melhor, que o outro é pior. Todos são bons. Mas a organização é outra coisa. No princípio do curso tivemos dificuldades porque estávamos com os estudantes estrangeiros, alunos que não falavam nada, que não conheciam nada da língua portuguesa, o que era uma desvantagem para nós A meu ver o que é preciso fazer no futuro é talvez separar o curso, constituir dois cursos, um curso para os que não sabem falar português, não têm conhecimentos nenhuns e outro para os que já têm um certo conhecimento e uma certa cultura no que diz respeito à língua portuguesa, à Literatura e à História.

SUZANNE FLEISCHMAN — Acho que falta uma coisa muito básica como material audiovisual. Além disso há muitos estudantes que não compreendem o suficiente de português, para assistirem a aulas de modo a desenvolver-se o domínio da língua portuguesa. Portanto o problema tem de pôr-se desta forma: como podem estudantes que não conhecem uma língua seguir aulas sem permanente convívio com portugueses, acompanhado de um estudo rápido da nossa língua?

Antes de chegar cá só falava espanhol, mas quando cheguei cá não percebia quase nada de português e tive que o aprender. Claro, não era nas aulas da Faculdade, mas na minha convivência diária com portugueses. Acho que as pessoas que chegam cá sem conhecimentos da língua, por exemplo, deviam arranjar alojamento com portugueses. Eles são obrigados, portanto, a falar português todos os dias, a aprender as coisas diárias. Eu estou convencida de que isto é uma das melhores maneiras de aprender a falar bem uma língua.

CHRISTINE GRIFFIN — Na Faculdade oiço falar de maneira muito académica, muito diferente da maneira de falar do povo.

JOSÉ JOÃO LOURO — Começa a surgir aqui um novo problema: Que língua e que cultura é que vocês vêm aprender em Portugal? Porque a cultura e a língua que a Universidade vos dá é uma cultura académica. A cultura popular portuguesa como vocês já sabem, — alguns de vocês já conhecem diversas regiões portuguesas — tem uma linguagem própria, as formas de expressão são diferentes.

Os gregos têm o mesmo problema. Eu lembro-me quando foi do caso da Grécia, falou-se diversas vezes, de que por exemplo, a cultura fornecida pelas escolas gregas ensinava a dizer «mansão» em vez de casa. Isto é, havia uma dificuldade enorme para a própria juventude grega portadora da cultura popular grega em adquirir a cultura grega académica. O vosso problema terá que ser diferente, mas vocês quando vêm, não querem só conhecer a cultura e a linguagem dum grupo...

HEIKE — Acho que quando chegamos cá pela primeira vez não temos que contactar só com o grupo português da Universidade, mas com o povo de Lisboa e talvez não só de Lisboa. Temos de aprender a língua quotidiana, e só mais tarde podemos apreender todas essas lições ou ficamos cá enquanto estamos no curso, e então deve haver contactos organizados pelos professores.

Não estou de acordo em que seja necessário saber a língua antes de chegarmos cá, pois há muitas pessoas que estão muito interessadas na língua e que têm o mesmo direito que os outros, que tiveram já oportunidade de a aprender, no seu país, até porque, muitas vezes, não há oportunidades. É mais uma razão para haver cursos para principiantes.

SUZANNE — Não pode haver dois cursos porque não há aulas, nem há dinheiro.

HEIKE — Esta é a razão mais importante para não haver cursos separados.

JOSÉ JOÃO LOURO — Tive a oportunidade de ter contactos com a alta sociedade portuguesa e, ao mesmo tempo, com o povo do campo, de quem gosto muito, com os estudantes e com o povo e classe média de Lisboa. No princípio, não, porque quando cá cheguei não sabia nada da língua, mas depois de 3 meses, podia falar com os estudantes da Universidade quando quis, porque isto também depende de nós um bocado. E tenho contactado com o povo do Ribatejo e cá estou a trabalhar com um doutor com quem fui também num cruzeiro, num congresso em Angola, S. Tomé e Madeira. Então não tive os mesmos problemas que os outros. Para mim o convívio português é completo e complexo mesmo e não tenho o direito de me queixar

JOHN — É uma pena, mas eu não tenho muitos contactos com a alta sociedade. Moro na casa de um português da classe média. Além disso conheço gente do mercado. Falo com eles todos os dias. Fui umas vezes a casa dos que vendem carne no talho. Falo bastante com estudantes, janto lá na cantina e assim é que tenho uma hora de conversa mais ou menos por dia, com estudantes de diferentes regiões de Portugal. E provàvelmente são da classe alta. Além disso falo com pessoas que moram no meu edifício. Acho que a maioria dos portugueses que conheço são da classe média.

CHRISTINE — O meu contacto com os portugueses é no mundo estudantil. Felizmente tenho tido uma boa oportunidade de conhecer pessoas de bastantes níveis, pelo menos na sociedade lisboeta. Desde que cheguei a Lisboa, mudei várias vezes de casa e tive oportunidade de conhecer representantes de várias classes sociais — a alta e média burguesia com as suas aspirações e a sua maneira especial de interpretar «a moral pública», a classe dos operários, a classe dos «bons senhores» e os filhinhos deles, malta universitária, e pessoas que trabalham. Aliás, na zona em que eu mora agora, entro habitualmente no café, na farmácia, na tabacaria, etc. e muitas vezes fico na conversa com todos os indivíduos, sempre a aprender mais pontos de vista, daí acho que posso dizer que tenho um conhecimento bastante amplo da sociedade portuguesa

Heike Dietzel

No entanto quero clarificar que os nossos contactos dentro da Faculdade, são normalmente com pessoas da classe alta e da classe média. Daí surgem várias dificuldades no que respeita a convivência com eles, primeiro porque a estrutura social e as tradições e atitudes da classe média impõem que elas compreendam a nossa maneira de viver, quer dizer, nós podemos levar a nossa vida, mas se eu fosse portuguesa e levasse a mesma vida, dava muito mau aspecto e não se tolerava. Além disso acho que mesmo dentro da Faculdade há várias posições para connosco: Há as pessoas que gostam de andar connosco porque é muito chique, é muito de moda andar com estrangeiros... e falar inglês ou francês. Não é para inglês ver, claro, mas é para português ver. Há outra malta que quase tem medo de andar com estrangeiros, precisamente pelo simples facto de nós termos uma vida um pouco diferente, um pouco mais liberal. Aqueles que não têm esta liberdade, que não têm as possibilidades de actuar conforme costumes, digamos, mais «evoluídos», portanto acham as nossas ma-

José João Louro

estudantes estrangeiros

neiras estranhas, o que os afasta de nós. Mas como já dissemos, na convivência ou no contacto com a classe baixa, eles parecem tolerar mais a nossa maneira de viver, são mais abertos connosco, podemos, por exemplo, ter numa conversa uma compreensão melhor. Mas aqui também temos dificuldades, precisamente porque dum modo geral somos da burguesia e há um certo afastamento e incompreensão que provém, portanto, da diferença de mentalidades e de ambientes.

HEIKE — Sim, acho também que há incompreensão porque até agora não tinham tido esta vida. O que é normal para nós já não é normal para eles e isso é uma falta de compreensão. É incapacidade de compreender a nossa vida, mas não, é a falta de contacto.

SUZANNE — Não é falta de contactos mas é falta da mesma comunicação... Não é falta de comunicação, é falta de compreensão que impede a comunicação. Porque não sabem, porque esta vida era sempre assim e agora estamos cá, temos uma vida diferente...

Numa aula tive uma conversa com um professor acerca do problema racial Eu disse que a cor não tem nada a ver com o problema de um casal que não anda bem. O professor disse: «Eu até dou permissão a minha mulher de ir ao cinema quando quiser, para não me estar a aturar». Não tenho de pedir ao meu marido o direito para ir ao cinema. Isto já corresponde a uma diferença de mentalidade.

SUZANNE — Mas as mulheres portuguesas já podem sair do País, já podem tirar o passaporte sem autorização do marido...

HEIKE — Não sei porquê, a sociedade portuguesa está neste sentido um bocado afastada.

SUZANNE — Normalmente as portuguesas que entram na conversa connosco fazem-no simplesmente porque se considera chique e não por razões de amizade. As portuguesas são muito desconfiadas das estrangeiras porque pensam que os portugueses só andam connosco por razões sexuais. Então, passa a ser muito difícil a conversação com uma estrangeira por parte duma portuguesa.

SUZANNE — Estão habituados às mulheres que só fazem os deveres de casa. E há muitos rapazes jovens que acham que as suas companheiras não pensam... Mas é um facto que muitas portuguesinhas vão para a Faculdade só para

Jan Habets

arranjarem um marido e não pelo gosto de aprender.

J. J. L. — Esta aí um problema de cultura que é o de sabermos qual o grupo social que vai às diversas universidades e que portanto adquiriu ou não adquiriu uma verdadeira cultura.

JOHN — Nunca encontrei um português que venha a mim, ou que estando sentado na mesa comigo comece a falar. Eu sempre é que tenho que dizer, «boa noite», «como é que vai?», «em que Faculdade anda?»...

SUZANE — Se fossses uma rapariga era diferente. Não há duvida que há uma barreira precisamente entre jovens masculinos e os jovens femininos. Portanto os caminhos para a convivência, e os caminhos para a não convivência estão muito ligados aos problemas de carácter sexual.

HEIKE — Realmente é assim. Com o alemão ou com o japonês não há esta ideia. É amizade e mais nada...

SUZANNE — É exactamente isso, e nós não podemos falar com rapazes como amigos. Uma rapariga portuguesa sai duas vezes com um rapaz e já é noivo.

J. J. L. — Repare que houve uma evolução. Há quatro ou cinco anos atrás (antes da emigração em massa do trabalhador masculino que lançou a mulher na produção) as mulheres portuguesas solteiras não saíam à noite. Por tanto, a evolução existe (...) é muito recente.

SUZANE — Uma portuguesa que sai à noite com um rapaz é tomada como uma mulher de mau porte.

J. J. L. — Não só isso, como muitas vezes fica altamente comprometida em relação às diversas comunidades. Mas isso corresponde uma atitude comunitária própria do nosso País e da nossa sociedade. Esse jovem que vai ao encontro das pessoas apenas por uma determinada relação, no fundo está incluído num determinado sistema de relações sociais.

HEIKE — Mas esta intenção de vir ter connosco, de falar connosco, de conversar com as pessoas, poderá ser um caminho aberto e convinha que fosse intensificado para uma maior interpretação de culturas, de existências, de maneiras de viver para não deixar multiplicar os mitos que existem em Portugal, como noutros países deste tipo, sobre os estrangeiros, sobre os indivíduos que não são portugueses.

J. J. L. — Portanto mesmo uma vanguarda neste campo. Vocês são gente que estuda e tenta conhecer a sociedade e a cultura portuguesa.

Portanto, parece-me, que Portanto parece-me, que neste momento vocês até podem ser muito úteis e homens como vocês, mulheres como vocês, companheiros de vocês de outros países podem não só levar a nossa cultura e a nossa língua a outros povos, mas também aqui mesmo servir de maior esclarecimento em relação a grupos fechados mas importantes sobre a maneira de existir dos vossos povos.

HEIKE — É muito importante neste momento todo o processo, organizado, de

John Twomey

Marnie Blandford

transmissão de valores, porque isso ajudará a cultura dos portugueses a integrar-se numa cultura europeia ou pelo menos a ganhar uma certa compreensão dos valores culturais dos outros povos, o que neste momento é mesmo importante porque o que não tem tanto significado para a cultura francesa, porque nesta há um determinado nível de compreensão de outros povos, pode ser importante aqui e agora.

Os sindicatos franceses apoiam os trabalhadores emigrados

Reconhecimento dos seus direitos sindicais e solução do problema habitacional — eis a dupla de factores que preocupa especialmente o movimento sindicalista francês a favor dos trabalhadores estrangeiros. As condições de habitação são conhecidas de todos nós — ou por contacto directo, ou através de noticiário extenso, frequente e significativo. Outro problema que não deixa de estar na ordem do dia, para já, é o da alfabetização. Quer dizer: a curto ou a longo prazo, a França prepara-se para assimilar, embora as etapas sejam, possivelmente, muito longas, grande parte dos emigrantes estrangeiros ali fixados — clandestina ou legalmente.

Depois de concluir uma recente visita que fez a bairros miseráveis de imigrados, nos arredores da capital francesa, o primeiro-ministro fez declarações importantes: «Pude verificar condições insuportáveis para nós e que, todavia, são suportadas por aqueles que as sofrem». Esclarecendo que não se tratava de uma operação de polícia, mas de uma operação de persuasão, acrescentou: «A política de emigração tem de ser inteiramente revista e corrigida».

Segundo é referido no boletim «Syndicalisme», da C. F. D. T., há vários anos que os sindicalistas franceses e imigrados reivindicam não só a definição de uma tal política, mas o reconhecimento do seu direito de intervenção em questões que lhes dizem mais respeito do que a ninguém. «A condição dos trabalhadores imigrados forma um todo indissociável. Os problemas do alojamento são a causa directa da condição criada a esses trabalhadores em numerosas empresas francesas onde sofrem uma exploração vergonhosa». E mais adiante, diz o referido boletim: «Para lá da acção de verificação empreendida no conjunto do território que (o primeiro-ministro) preconiza, é preciso chegar a uma autêntica protecção da mão-de-obra imigrada, concedendo á Inspecção do Trabalho

meios que actualmente não possui». Por outro lado, mas na mesma perspectiva, a C. F. D. T. defende o reconhecimento de uma representação legal por delegados dos trabalhadores imigrados, pois «é inadmissível que trabalhadores vivendo nas piorés condições se vejam recusar a possibilidade de se defenderem».

Quanto ao alojamento, o primeiro-ministro francês anunciou medidas importantes. Refere a C. F. D. T. que tais medidas, para serem eficazes imediatamente e a longo prazo, não devem ser concebidas sómente como medidas de realojamento, mas de promoção.

«Assim, a representação sindical, e através dela e dos próprios trabalhadores imigrados, constitui um elemento indispensável de uma verdadeira política da emigração que hoje nos é anunciada e que consideramos como um progresso incontestável na medida em que se concretizar nos factos».

Ecumenismo: Um quadro pessimista

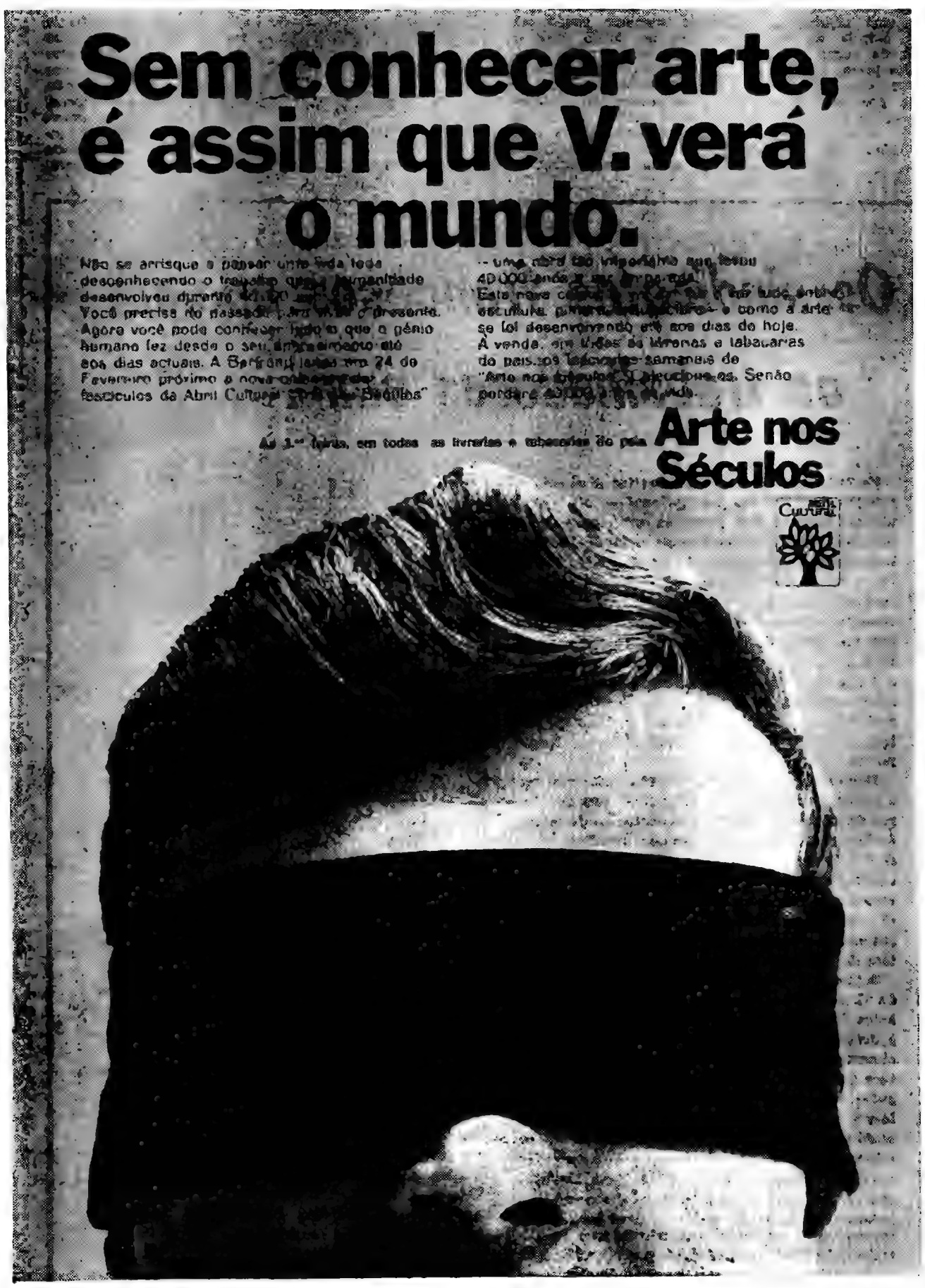
Realizou-se recentemente em Nicósia um encontro sobre o tema do ecumenismo no Próximo Oriente, nos meios da juventude e de estudantes. Foi organizado pelo secretariado ecuménico para a juventude e para os estudantes, em colaboração com o departamento da juventude do Conselho Ecuménico das Igrejas e a Federação Universal das Associações de Estudante Cristãos (F. U. A. C. E.). Neste encontro participaram católicos, ortodoxos e protestantes vindos de diferentes países da região.

No seu número de 2 de Fevereiro passado a revista «IDOC» (Ed. Senn, n.º 17 — Paris, 1970) publica o relato apresentado durante o encontro por Raymond Rizk, membro da comissão executiva da F. U. A. C. E.

Neste texto, R. Rizk esboça um quadro pessimista da juventude cristã do Próximo Oriente nos planos religioso e ecuménico. «A fé e a prática religiosa» — diz ele — «são uma espécie de formalismo social. É por isso que, na maior parte dos casos, são corrompidas pelo fanatismo, por um sentimentalismo excessivo (...) e por um conservantismo estreito. É uma fé que se manifesta débil e anémica quando confrontada com o bem-estar técnico e com os interesses pessoais... Quanto ao ecumenismo, está na moda! Muitas palavras mas sem alcance. Unidade sentimental, sincretismo superficial, sonolência eclesiástica e neoproselitismo sofístico».

Este pessimismo é atenuado por uma apresentação encorajante dos movimentos de jovens cristãos organizados no Próximo Oriente. R. Rizk cita, a propósito, quatro grupos de organizações particularmente vivos e representativos: a escola copta dominical, a «House of Consecration» e as novas fundações monásticas, no Egipto; certos ramos da Acção católica no Líbano; numerosos grupos protestantes disseminados por diferentes países árabes e, por fim, o movimento dos jovens ortodoxos da Síria e do Líbano e a associação, mais ou menos similar dos estudantes universitários da Igreja arménia. Todos estes movimentos, pensa Rizk, conferem «extrema importância à vida espiritual e à renovação pessoa por um integração na vida da Igreja».

A guisa de conclusão o articulista propõe particularmente a unificação dos vários programas educativos e catequéticos dos diferentes movimentos, encoraja o processo de arabização e a formação de grupos não confessionais que englobem os muçulmanos, e preconiza, finalmente, que se intensifique a colaboração entre os movimentos e o trabalho iniciado pelo grupo ecuménico de pastoral de Beirute.



Instituto de Física-Matemática

Cont. da pág. 5

recem para manter ao nível desejado a sua vida e a dos seus. Então, o I. F. M. apareceria, para alguns dos professores, que de certo modo intervieram no respectivo projecto, com a tábua libertadora das dificuldades económicas que referi. Nesse comportamento, eu não vejo uma manifestação de egoísmo, estou mesmo certo de que esses professores não terão deixado de pensar na possibilidade de virem a criar, no futuro, aos seus pares, condições análogas áquelas de que fossem desfrutar. É difícil ser juiz em causa própria, mas não deixo de salientar a injustiça que, entretanto, atingiria todos os que, quer por total fidelidade á sua Escola, quer até por não terem disposto de incidentais oportunidades para procederem doutra forma (isto na longínqua hipótese de haver neste momento mais professores para os quais aquele sentimento de fidelidade deva considerar-se já ultrapassado), não viessem a usufruir rápidamente duma situação económica semelhante á que se criava aos que trabalhassem cumulativamente no I. F. M

REALIDADE

Não há duvida que é muito dolorosa a situação social dos professores das Faculdades de Ciências. Homens que, em geral, se apagam, mas trabalhando duramente, não exercem uma profissão que lhes permita, nas horas de descanso, aquelas comendadorias que trazem regalos á vida e importância na sociedade. Essa realidade pesa sobre muitos professores e pesa de modo particular sobre aqueles que gostariam de traduzir aqueles regalos e aquela importância por um melhor bem-estar dos seus filhos e da sua família.

Resumindo o meu pensamento, suponho que o Instituto de Física e Matemática não será criado sob a forma projectada, pelas razões seguintes:

1) por ser incompreensível a sua existência sob essa forma;

2) por ser injustificável, por agora, a existência de Institutos de Matemática ou de Física fora das Faculdades de Ciências, dado que será delas que principalmente se retirarão os respectivos investigadores;

3) por serem também as Faculdades de Ciências, sob o ponto de vista do ensino e da iniciação dos estudantes avançados em métodos de investigação, as entidades onde naturalmente devem existir Institutos de tal natureza;

4) por não ser justo tratamento desigual para docentes inteiramente dedicados ás mesmas causas.

Pelo contrário, é de admitir dos altos governantes do País que sejam instituídos nas Faculdades de Ciência, nos diferentes ramos da ciência, organizações como as que se advogam, por forma a dar inteira satisfação a todos os seus docentes, bastando tão sómente estabelecer o regime de «tempo integral» para todos aqueles que o desejem. E permito-me até afirmar que um tal regime não deixaria de ser abraçado em outras Escolas Superiores por muitos dos seus professores e dos seus assistentes.

ANTÓNIO ALMEIDA COSTA

A todas as indústrias ou empresas interessadas em colocar as suas encomendas de metalurgia em regime de sub-contratos,

OFERECEMOS:

a nossa colaboração para as seguintes máquinas:

TORNOS ATÉ 3 METROS ENTRE-PONTOS, FREZADORAS VERTICAIS, FREZADORAS UNIVERSAIS, MÁQUINAS DE FURAR RADIAIS, MÁQUINAS DE RECTIFICAR PLANAS E CILÍNDRICAS, PANTÓGRAFOS, MANDRILADORAS, FREZADORAS COPIADORAS, AFIAMENTOS DE FERRAMENTAS EM MÁQUINAS ESPECIAIS PARA ESTE FIM

«SOMATEX»

Rua Augusto Gil, 108 — PORTO — Telef. 65158/59/50
Secções de METALURGIA — CROMAGEM DURA E PLÁSTICOS

Crise do ensino e estruturas sociais

A U. N. E. S. C. O. organizou, na sua sede, em Paris, um colóquio subordinado ao tema «Educação e Desenvolvimento do Homem», no qual participaram trinta especialistas de diversos países com realidades socio-geográficas diferentes. A comunicação base dos debates foi feita pelo professor James A. Perkins, director do Centro de Investigações Educativas de New York. O orador considerou, em síntese, as seguintes razões como causas da actual crise universitária: incremento fabuloso dos efectivos dos alunos (entre 1960 e 1970 duplicou o numero dos universitários); aumento substancial e incomportável das despesas com o ensino, que ultrapassou as possibilidades actuais das universidades; os programas universitários não se ajustam ás condições da vida, sendo necessário que se organizem estudos equilibrados sobre as ciências básicas e as aplicadas; os jovens, entretanto, adoptaram novos ideais e novos valores, enquanto os adultos, recordados da depressão económica de entre as duas guerras e tendo enfrentado as exigências da reconstrução, preocuparam-se mais em aumentar o rendimento nacional e em preparar e manter uma caríssima paz armada: finalmente, o prof. James A. Perkins afirmou que entre os estudantes se desenvolveu também o cepticismo em torno da possibilidade de um pensamento racional e objectivo, racionalismo que em certo sentido havia informado a vida das gerações adultas.

Nos debates que se seguiram, e nos quais interveio também o director-geral da U. N. E. S. C. O., René Mahen, pôde observar-se que a crise da educação é um fenómeno universal. Os representantes latino-americanos marcaram posição de relevo. Todos concordaram em que a própria concepção do homem se acha em perigo, como resultado do progresso científico e tecnológico. «A ressurreição do homem é mais urgente e necessária do que nunca, se queremos que subsistam as possibilidades de compreensão reciproca com o próximo, de entendimento com os outros, para cujo fim a educação pode ser a base capital.»

O representante brasileiro, Carlos Chagas, fez uma pergunta inquietante: a nossa sociedade não terá perdido a fé na educação? E justificou melhor a pergunta: «Fazem-se muitos progressos nos métodos de ensino, mas é evidente que as ciências e a tecnologia influem mais nas mudanças económicas e sociais do que a própria escola».

Para o prof. Zwi Werblowsky, reitor da Universidade de Israel e professor na de Chicago, o protesto estudantil não chega tão longe como as análises doutrinárias de alguns sociólogos puderam fazer crer. «A juventude é incapaz de construir um modelo de conduta para a sociedade» — afirmou. Contudo, para o padre Cecílio de Lora (Bogotá), «a sociologia, como instrumento de trabalho, permite ver que a juventude tem um novo papel a cumprir na nossa sociedade, um papel real em que a tradição e os costumes contam cada vez menos».

Analisando a grave crise de Maio de 1968, em França, um representante do Conselho Internacional da Filosofia e das Ciências Humanas, e professores presentes no Colóquio, referiram que os acontecimentos levaram o professorado a preparar programas de ensino que respondam plenamente ás perguntas formuladas pelos estudantes dos cursos mais avançados.

No final, os intervenientes no colóquio preocuparam-se com as necessidades e aspirações do mundo, fazendo salientar a necessidade de construir uma nova escola de valores. «Poderão ter a sua base na Declaração Universal dos Direitos do Homem?» A crise universitária parece ter sido um sintoma profético da incapacidade das actuais estruturas sociais. Nesse protesto existe, também, o receio de que o progresso científico não se inspire nos postulados da fraternidade e da justiça.

Reciclagem dos quadros técnicos

Cont. da pág. 1

em Outubro de 1969, a remuneração anterior do estagiário tinha aumentado em 110 %, sendo ainda certo que o F. N. E. cobria todas as despesas com o ensino do mesmo

A reciclagem faz-se sentir como indispensável, principalmente nas indústrias em rápida evolução e em particular na electrónica. Em 1966, o Governo francês aproveita a iniciativa da comissão permanente de electrónica do Comissariado Geral do Plano e cria uma comissão consultiva, encarregada de estudar as medidas adequadas para encorajar e desenvolver as acções de reciclagem nas indústrias de evolução rápida.

Essa Comissão Consultiva era presidida pelo sr. Raison e mais tarde pelo sr. Aigrain e por representantes da administração das empresas de electrónica, dos patrões e dos assalariados sindicalizados.

O relatório desta Comissão, publicado há pouco tempo, é um documento que define, em particular para a França, as necessidades, as formas e os meios disponíveis para resolver a questão da reciclagem e do aperfeiçoamento dos quadros técnicos e dirigentes.

As suas conclusões são válidas com as adaptações necessárias para certo tipo de país europeu ocidental que tenha atingido determinado nível quantitativo de desenvolvimento industrial e queira continuar a progredir nessa via, ou melhor, para o qual ela é inevitável visto que o ritmo do consumo e a conquista de mercados é uma constante desesperada para o último estádio de desenvolvimento do capitalismo.

Já veremos que, em Portugal, esta necessidade não se faz sentir sensivelmente, por razões óbvias, mas a acção de reciclagem já foi detectada e tem sido levada a cabo em algumas empresas de nível europeu (grupo C. U. F., Bancos, etc.).

Duas questões básicas ocuparam a atenção da comissão consultiva em França: a definição da reciclagem e a função da educação permanente. Uma definição operatória de reciclagem era essencial para aproximar a divergência de objectivos entre as empresas e os quadros dirigentes interessados.

Considerou a Comissão que há vários tipos de reciclagem:

— de adaptação do dirigente ao posto de trabalho ou equipamento novo;

— de manutenção ou actualização dos conhecimentos técnicos;

— aperfeiçoamento de evolução, favorecendo a mobilidade do pessoal com vista às promoções;

— aperfeiçoamento de conversão, para atenuar as mudanças de actividade;

— aperfeiçoamento da cultura geral, para as exigências pessoais de alargamento dos conhecimentos.

Esta tipologia que foi obtida por inquérito junto dos dirigentes e técnicos interessados parece definir os objectivos destes.

Os três aspectos da educação permanente: acção contínua de informação e harmonização dos objectivos das empresas e dos empregados, organização da educação permanente (ensino, etc.) e avaliação desta através do seu custo e eficácia, completam a necessidade dinâmica e prospectiva do esforço da reciclagem.

Trata-se com efeito de um esforço de aproveitamento das possibilidades de transformacão e adaptação do homem a novas condições de actividade em idades nas quais, até há poucos anos, se considerava terminada a evolução dos conhecimentos e da actividade humana.

Na verdade esta «possibilidade necessária» é sentida em França não só nas indústrias de rápida evolução como também nas de evolução lenta. A consideração da força de trabalho do homem, cada vez mais como um factor de produção muito importante, leva o relatório Raison-Aigrain a sublinhar que «a expansão de certos ramos de actividade, o aparecimento de novas técnicas, arrastam o declínio e até mesmo o desaparecimento de outras actividades e outras técnicas».

Assim, também Jacques Delors (2) depois de considerar que, em 1969, (em França) e através de convenções, 49 000 quadros dirigentes e técnicos superiores frequentaram estágios de formação intensiva de duração variável, e que esta formação é insuficiente, concluiu: «As comparações internacionais mostram que, uma economia desenvolvida, a formação e a reciclagem devem atingir, permanentemente, pelos menos 10% da população activa». Para França este número não deveria ser pois inferior a 3 milhões.

Pode perguntar-se se para Portugal as exigências são as mesmas ou se, porventura, o problema da reciclagem é urgente ou, sendo eventualmente um problema, como tem sido resolvido.

É fácil, por exemplo, verificar que, em 1968, nos estágios de Formação Profissional de Adultos, a incidência por idades dos candidatos é maior nos de 21 a 25 anos — 546 — do que nos de idade superior a 35 anos — 42 para um total de candidatos igual a 1049. (3)

E para os Cursos de Aperfeiçoamento Profissional, um total de frequências em 1968, de 1874, (4) embora não se disponha de estatística etária, verificamos que a incidência é clamorosamente mais elevada no sector dos empregados de escritório, da indústria hoteleira e nos cursos de línguas, o que dispensa comentários em relação às necessidades de reciclagem industrial, nomeadamente para as indústrias de evolução rápida.

E no 1.º semestre de 1969, as estatísticas do F. D. M O. não nos apresentam panorama diferente daquele que se sintetizou, na parte que interessava, em 1968.

É pois evidente que, em Portugal, a formação e o aperfeiçoamento profissionais são sentidos ao nível de uma formação tardia, certamente para mão-de-obra deslocada da agricultura que não beneficiou na idade adequada de formação escolar. Não terá pois cabimento, falar-se em Portugal de problemas de reciclagem? Claro que tem.

Para o nosso País e embora referindo o aspecto global da reciclagem mas sem o especificar, pôde o ministro das Corporações afirmar em 5 de Novembro de 1969, em discurso proferido aquando da inauguração do Centro de Formação Profissional de Aljustrel o seguinte:

«...não se deve cifrar para já em menos de 8000 a 10 000 o número de trabalhadores anualmente preparados através da formação *extra-escolar*, o que pode representar percentagem importante, (entre 1/4 e 1/3) do *crescimento anual da população activa trabalhadora interessada*...». (O sublinhado é nosso).

Note-se que se trata de formação muito perto temporalmente da que deveria ter sido *escolar*, e ainda que, no número 8000 a 10 000 se incluem todos os aspectos da formação profissional (orientação, monitores, aprendizagem, aperfeiçoamento).

Não é pois de reciclagem que se trata. Não é a formação de quadros técnicos e dirigentes que nos preocupa por enquanto E embora as empresas já comecem a sentir o problema da reciclagem, é por demais claro que a nossa formação profissional ainda não atingiu o estádio de desenvolvimento da francesa, pese embora às palavras do ministro das Corporações no mesmo discurso: «em Portugal já se seguiam os métodos de formação profissional acelerada... Mas só depois de os mesmos terem sido experimentados em França».

Com efeito o F. D. M. O. existe em Portugal, legislativamente, desde 1962. Só em 1965 a França se preocupa com a reciclagem, pelo menos através de actos.

Já antes no entanto se preocupara com a aprendizagem e com a formação profissional.

Não é preciso mais para nos apercebermos de que, formação profissional em Portugal e aperfeiçoamento e reciclagem dos quadros em França, são coisas distintas, embora não tanto como parecem e de qualquer forma indissociáveis estruturalmente, quer pelo que revelam nas contradições estruturais, quer quanto ao grau de desenvolvimento industrial dos dois países.

FRANCISCO MARCELO CURTO

(1) Cit. por Joseph Fontanet, ministro do Trabalho, do Emprego e da População, in «Le Monde Diplomatique» Dezembro 1969.

(2) «Le Monde Diplomatique» citado.

(3) e (4) — Fundo de Desenvolvimento de Mão-de-Obra «Estatísticas Internas» n.º 3, Março/Abril 1969.

O QUE É cf ?

... extraordinário e quase miraculoso.

"Mário Sacramento - DIÁRIO DE LISBOA"

...lugar singular, para não dizer único, no panorama do jornalismo português.

"Vida Mundial"

...Distingue-se pela sua juventude, vivacidade crítica e construtivo realismo.

"Seara Nova"

CONHEÇA cf comércio do funchal
uma presença de Jornalismo novo

à venda todos os Sábados na sua tabacaria ou livraria

DISTRIBUIÇÃO PARA O CONTINENTE:
PUBLICAÇÕES D. QUIXOTE - RUA LUCIANO CORDEIRO, 119 - LISBOA

Demolir

Apenas um segundo foi o tempo necessário para demolir um prédio de 6 andares, construído há 70 anos, até aos seus fundamentos. Isto, no centro da cidade de Gotemburgo e sem danificar as construções á sua volta.

Foram carregadas 925 perfurações com Dynamex, um novo explosivo aperfeiçoado pela Nitro Nobel e considerado quatro vezes mais seguro do que a dinamite convencional. A operação tinha por objectivo derrubar não só as paredes externas como também as de sustentação interna, incluindo as colunas de chaminés. Deveria ficar tudo tão rente ao chão quanto possível, inclusive as juntas de madeira e os soalhos.

Para derrubar um prédio deste tamanho por métodos convencionais seriam necessárias semanas de trabalho para uma equipa de demolidores. Com explosivos, a operação demorou apenas alguns dias e exigiu apenas o trabalho de dois homens. Mais uma semana para trabalhos de remoção dos «escombros» e a reconstrução poderá começar.

Decadadeconomia

Cont. da pág. 1

modelos e de formas de arranque.

No entanto, já este período pré-década foi hesitação e muita cautela. Toda a «filosofia» da evolução sociopolítica portuguesa se balizava na ausência de classes sociais antagónicas, de conflitos por interesses divergentes, de tensões sociais. Por isso, uma evolução lenta, na deliberada procura de tudo segurar e nada desencadear que pudesse pôr à prova essa «filosofia». Todo um processo permanentemente travado. Na imagem que há pouco escrevemos: degraus muito baixos, pouco afastados.

As eleições presidenciais do final dos anos 50 sobressaltaram. Por um lado, o patamar em que se estava exigia mesmo degraus mais altos, mais largos; por outro lado, o receio de se abrir o compasso das passadas. Daqui a hesitação, uma certa indefinição, ou melhor, ainda um não encarar de frente a situação que tornava caliara e se reflectia no anexo G.de Estocolmo, e nos caminhos europeus.

Mas a década começou em 1961, escrevemos nós. Porque então se acabou a hesitação e a indefinição. Porque então, em vez da resoluta decisão de pisar mesmo os degraus (na mesma escada, repita-se), se deu a viragem a África. Não podemos (nem agora queremos) fazer mais do que anotar objectivamente a viragem. A década que se antevia «europeia» foi «africana». Embora esta questão da viragem à Europa ou da viragem a África seja, de certo modo, um artifício, utilizamo-lo pela sua utilidade.

Assim, encontramos o pano de fundo do que foi a década de 60 na economia portuguesa. Foram, portanto, anos de uma década que manteve uma situação que se pode definir a partir de uma distribuição de rendimento escasso (no plano europeu) pelo capital e pelo trabalho em parcelas do maior desequilíbrio (na estrutura social capitalista). Não foi nesta década que a economia portuguesa se aproximou do nível de desenvolvimento europeu, como não foi nesta década que a estrutura social (dentro da mesma qualidade de relações) se aproximou do padrão europeu. Os últimos números conhecidos dando 45 por cento dos rendimentos distribuídos ao trabalho e 55 por cento dos rendimentos atribuídos ao resto, são valores significativos.

Como factor condicionante mais evidente, encontramos o que levou à opção ostensiva de abertura a África, e que é a situação de guerra. Todo o esforço de guerra, o crescente peso das despesas militares, condicionaram a política económica possível. Com uma percentagem de despesas públicas que já ultrapassou os 40 por cento e se aproxima de 50 por cento, as despesas com a «defesa e segurança» pouco deixam livre para uma intervenção do Governo no estímulo e complemento das actividades privadas, no plano de formação de capital fixo.

Sem procurar encontrar uma fronteira para o que é «pano de fundo» e o que são os factos ou sucessão de factos circunstanciais, parece-nos que é possível considerar o contexto mundial (particularmente europeu), a estrutura socio-política local (e ao serviço de quê), e a situação de guerra prolongada e sempre mais condicionadora como o «pano de fundo» em que aconteceu o que aconteceu, em Portugal, durante a década.

Mesmo sem procurar uma sistematização muito trabalhada do que poderia caracterizar a «década portuguesa», depois de definidos esses aspectos fundamentais, não se pode fugir, ao que pensamos, à imediata referência à emigração. Quase se poderia dizer que o êxodo verificado durante os anos 60 será facto histórico que marcará esse período indelèvelmente. Mais ainda disso iremos tomando consciência quando se forem dispondo de números quantificadores da emigração não estatística, porque sem passaporte e passagem pelas fronteiras legais. A emigração clandestina, somada ao meio milhão legal, dará um panorama que decerto muito ultrapassará o que mereceu a Afonso Costa o seu estudo de 1911, e reflectirá as condições sociais que se viveram em Portugal na década que não começou em 1958 mas titubeou até se encetar em 1961. Os campos perderam os braços mais válidos e eles não foram aplicar-se neste país em outras actividades, a população envelheceu porque os novos deixaram de ser população residente ou presente (ausente em França ou em África), o caminho europeu foi trilhado pelos mais desprotegidos elementos de uma comunidade que ignorou, como estrutura socio-política, as condições especiais (o anexo G de Estocolmo) para toda ela o fazer.

É verdade que se encontra um reflexo positivo nessa debandada que é o quantitativo das remessas de emigrantes, e a sua influência na balança de pagamentos. Durante a década, essa verba foi crescendo e, nos últimos anos, foi o valor mais alto no lado positivo das relações com o exterior. Só assim com este e o valor do turismo se enfrentou uma situação que se poderia prever difícil de sustentar. Anote-se, no entanto, que, no final da década, a emigração (legal) de mulheres casadas e a ilação resultante desse facto, que é o de fixação de famílias onde estava só o emigrante (clandestino) a mourejar, levam à previsão de que esse factor positivo se irá atenuar.

Escrevemos factor positivo e associámo-lo com as entradas de divisas provenientes de turismo, mas importa fazer já uma importante reserva. O aspecto positivo encontra-se no saldo da balança de pagamentos, na cobertura de «deficits» da balança comercial, na entrada no circuito económico português de acrescidos meios de pagamento. O que é merecedor do maior destaque é que estes lados positivos têm uma contrapartida muito importante. Coincidindo com o esforço de guerra, a mobilizar os produtores mais válidos e a orientar muito da capacidade produtiva para actividades desligadas das necessidades da população, esses dois factores são outras tantas achegas para um excesso de procura. Quer isto dizer que a oferta de um aparelho produtivo não responde à procura resultante de meios ao dispor de consumidores potenciais. Esse excesso de procura, a tensão inflacionária que acompanhou dez anos da vida portuguesa, é outra característica marcante e definidora. A inflação veio rastejando ao longo dos anos, para nos parecer que «explodiu» nesta mudança do número das dezenas de anos.

Como dois braços de uma balança, pode dizer-se que ao excesso de procura responde uma carência de oferta. É certo, mas acrescente-se que a oferta, em absoluto, não apresentou sintomas optimistas. A tal década frustrada de 1958 traduziu-se numa progressiva perda de ritmo de actividade voltada para o aparelho produtivo. Aquilo a que se chama, com alguma propriedade, desaceleração. Desaceleração no investimento industrial na formação de capital fixo.

Se esta «desaceleração» industrial se pode considerar caracterizadora da década, até por representar o prolongamento de uma situação de negação de um efectivo desenvolvimento de certo modo forçando as leis do processo histórico, as dificuldades e os problemas do sector primário não apresentam qualquer característica particular relativamente ao período. A agricultura portuguesa continua condicionada pelo tempo. Apesar de se ter, timidamente, juntado às razões meteorológicas citações sobre o tipo de regime de propriedade, de estruturas fundiárias, em alguns documentos, até isso se parece ter perdido, pois as condições climatéricas voltaram a ter qualidade de expressas e exclusivas responsáveis. Foi década, isso sim, de fuga de braços, agravando custos. Mas, também na agricultura, se estimaria uma década diferente a partir do II Plano de Fomento (o «tal» de 1958) em que a questão agrária se afiorou em termos mais claros, mas que não teve qualquer sequência ou continuidade, do papel à tentativa.

Um apontamento sobre o sector terciário deverá salientar que foram anos de empolamento da actividade bancária e anos de contrastes no comércio e transportes. Os transportes, então, oscilaram entre a euforia na navegação aérea e marítima (com reservas e intermitências), reflexo da guerra longe, a situação sempre preocupante nos transportes internos, e o quase caos nos transportes urbanos, com um próximo passado (já nesta década!), e que se continua em Lisboa, com aspectos alarmantes.

Apesar de não querermos deixar mais do que um apontamento, não devemos passar sem referir o problema do crédito para além do curto prazo. Tècnicamente a ausência de um efectivo sistema capaz de concretizar, em termos úteis para o investimento, o tipo de crédito de financiamento foi factor sempre presente na actividade económica portuguesa. Há uma política de crédito, em que o poder e as possibilidades dos bancos comerciais e uma certa indecisão e indefinição de política global, resultam numa situação paralisante ou extremamente desfavorável à actividade industrial a que é necessário crédito.

A propósito de crédito, ter-se-ia talvez a «deixa» para falar do capital externo e das sociedades estrangeiras em Portugal. Mesmo sem a preocupação de esgotar tudo o que de significativo aconteceu em Portugal, decerto mereceria uma referência esse aspecto. No entanto, começamos por, pessoalmente, não nos sentirmos muito solicitados para fazer análises em termos de «nacionalidade» de capital e, por outro lado, julgamos que este aspecto será mais marcante na década de 70, esgotadas algumas reservas, menos influentes certos reflexos mais adiantados os movimentos de integração, circulação.

Se a década de 60 esteve para começar em 58, a década de 70 deve ter começado em 68. Também porque foi ano em que começou a execução do III Plano de Fomento. Em 1958 seria o II Plano e, agora, o III Plano. No meio houve um Plano Intercalar, tradutor fiel da perplexidade perante como instrumentalizar uma política económica face à Europa esse caminho e a África em guerra. Talvez um óptimo símbolo para os anos 60 portugueses...

O III Plano de Fomento foi elaborado a partir de uma institucionalização do planeamento.

Falta uma mentalização e institucionalização da execução do planeado. Acontecerá na década de 70? Este artigo era para o número 6 nas dezenas. Por aí se deve ficar. Mas não podemos deixar de terminar sem aproveitar a imagem utilizada: a dinamização para 70, a execução mais próxima do planeado, a procura de um ritmo europeu serão degraus mais altos... na mesma escada.

SÉRGIO RIBEIRO

** Tentámos publicar este artigo no começo do ano. O colóquio de política industrial, e sobretudo o discurso do secretário de Estado da Indústria, parece-nos que lhe deram nova oportunidade. Quando começámos a querer escrever sobre o «momento industrial» (até como resposta a convite expresso, em abstracto, do próprio Secretário) sentimos necessidade de o rever. Por isso de novo tentámos.*

O Mercado Comum do Vinho

Qual a posição de Portugal em relação ao futuro Mercado Comum do Vinho?

1

Os ministros da Agricultura dos «Seis» (Holanda, França, Itália, Alemanha, Bélgica e Luxemburgo) chegaram a acordo no dia 3 de Fevereiro sobre a criação do Mercado Comum do Vinho. A livre circulação do vinho entre os «Seis» vai iniciar-se a partir de 1 de Abril.

Alguns pontos de acordo:

— Proibição de campanha dos vinhos da comunidade com vinhos importados de outros países.

— Fixação em cada ano e para cada um dos tipos de vinho, de preço de orientação, pondo em acção um mecanismo de intervenção.

— Instauração de um regime comum nas fronteiras da C. E. E. com vista a assegurar uma protecção eficaz dos preços e uma prioridade de escoamento da produção comunitária.

Este acordo, resultado de negociações longas e difíceis entre a França, Itália e o terceiro país produtor (Alemanha), legaliza-se ao nível do Mercado Comum e os princípios da regulamentação mais rigorosa a francesa.

2

Qual a posição de Portugal em relação ao futuro Mercado Comum do Vinho?

Para responder a esta questão convém analisar a evolução dos quantitativos vinícolas exportados para os países do Mercado Comum, para termos em conta a importância destas trocas comerciais.

Portugal tem assistido ao decréscimo rápido dos volumes de vinho exportados desde 1965 a 1968 (último volume publicado nas Estatísticas do Comércio Externo):

Exportação de vinho para o Mercado Comum

Anos	*Volumes (hl)*	*Índices Exp. 1965 = 100*	*Mercado Comum Total estrang. (%)*
1965	553 653	100	51
1966	486 181	89	40
1967	370 478	67	34
1968	355 550	64	31

(Dados elaborados a partir da Estatística de Comércio Externo 1965, 1966 1967, 1968.)

— A diminuição do volume global de exportações de 1965 para 1968 atingiu 200 000 hectolitros.

— Os decréscimos têm vindo a acentuar-se. Tomando como base para a indicação o volume de exportação em 1965, encontramos menos onze por cento em 1966, menos 33 por cento em 1967 e menos 36 por cento em 1968.

— Esta tendência será muito provàvelmente fruto das medidas preparatórias do acordo agora aprovado.

A tendência será, portanto, para um provável acentuamento das medidas restritivas á exportação dos nossos vinhos.

3

Para maior clarificação da situação, convêm estabelecer a importancia dos vinhos exportados para o Mercado Comum, em relação ao valor global das exportações.

Portugal exportou 1076 milhares de hectolitros em 1965, 1182 milhares em 1966, 1082 milhares em 1967 e 1042 milhares em 1968. Dada a estabilização dos valores globais pode concluir-se que de 1965 a 1968 as nossas exportações para o Mercado Comum não acompanharam, e até regrediram, a evolução favorável das exportações vinículas para outros países.

A posição do Mercado Comum, que em 1965 adquirira 51 por cento dos nossos vinhos enviados para o estrangeiro, desceu rápidamente. Em 1966 o Mercado Comum comprava apenas 40 por cento, em 1967 passou para 34 por cento e em 1968 comprava apenas 31 por cento do total dos vinhos portugueses exportados para o estrangeiro. O Mercado Comum de vinho acentuará necessàriamente o processo.

Um fenómeno paralelo a analisar, em futuro artigo é a importância crescente do Ultramar, a partir de 1961, em relação ao valor global de exportações. O Ultramar comprou em média de 1965 a 1968 mais três centenas de milhares de hectolitros do que todos os países estrangeiros. Este fenómeno deve estar ligado á presença crescente das tropas portuguesas na Guiné, Moçambique e Angola.

4

A posição da Inglaterra, como futuro aderente ao Mercado Comum do Vinho, poderá também prejudicar-nos. Não sendo produtora de vinho é natural que não levante obstáculos. As nossas exportações globais para este país variaram de 1965 para 1968 entre os 100 e os 140 milhares de hectolitros.

5

Assiste-se á criação (interligados com o do vinho) duma série de acordos comunitários. O próximo será o do tabaco (condição prévia da Itália). Que efeitos terão estes acordos, a longo prazo, no evoluir dos exportações dos nossos produtos agrícolas?

Maxi·Serviço também para Mini·Gente

Para ele, que é "mini", como para si, sempre o mesmo impecável serviço a bordo dos nossos aviões.
Pretendemos que cada viagem seja para si uma agradável experiência e é por isso que a bordo dos aviões da TAP Você encontra sempre a sua bebida favorita, os cigarros que prefere, a língua que fala e o sorriso que o encanta.
Ele, que é "mini", esquecerá depressa todo o carinho que lhe foi dispensado. Mas Você não. Você recordará sempre o "maxi-serviço" TAP.

Nas Rotas do Mundo a presença da TAP prestigia Portugal

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
Consulte o seu agente de viagens. Ele é um perito.

CINEVOZ-04-TAP-69

O Instituto Superior Técnico a caminho da reforma?

JOSÉ TEIXEIRA TRIGO

Os recentes colóquios no Instituto Superior Técnico sobre a reforma em estudo naquela Escola mostraram a um público interessado pelos assuntos universitários, algumas perspectivas quanto á possibilidade de as nossas escolas superiores responderem ao desafio que lhes é feito de todos os lados.

A universidade portuguesa chegou á década de 70 com as estruturas fixadas há mais de meio século e com os métodos de ensino do século passado. É verdadeiramente notável como conseguiu sobreviver e arrastar-se até tão longe. Só uma vontade colectiva de nela acreditar, acompanhada da passividade geral em relação ás coisas da universidade e os esforços desesperados de alguns dos seus elementos permitiram que ainda hoje haja escolas a funcionar.

Mas algo está mudando e bem depressa. Por toda a parte os esquemas antigos estão em causa. Novos processos de fazer universidade estão em pesquisa e em ensaio. Não admira que tenha chegado o momento de também a nossa universidade começar a dar mostras de se inquietar e querer refazer-se.

O I. S. T. deu um sinal de partida. Porque nesta Escola e não nas outras? Talvez por ser uma das escolas com uma mais fácil definição da sua vocação própria, isolada das restantes, talvez por ter um corpo docente pelo menos numeroso e sensibilizado pela colaboração com as actividades económicas e ainda por não registar graves problemas de espaço que, noutras escolas, encobrem os problemas fundamentais.

De qualquer modo, é um facto. A reforma do I. S. T. está em estudo e todos aguardamos que, a breve prazo, esteja iniciada.

Iniciada por onde? Eis a interrogação que frequentemente se ouve. Prioridades que se propõem. Prioridades na discussão, no estudo e na acção.

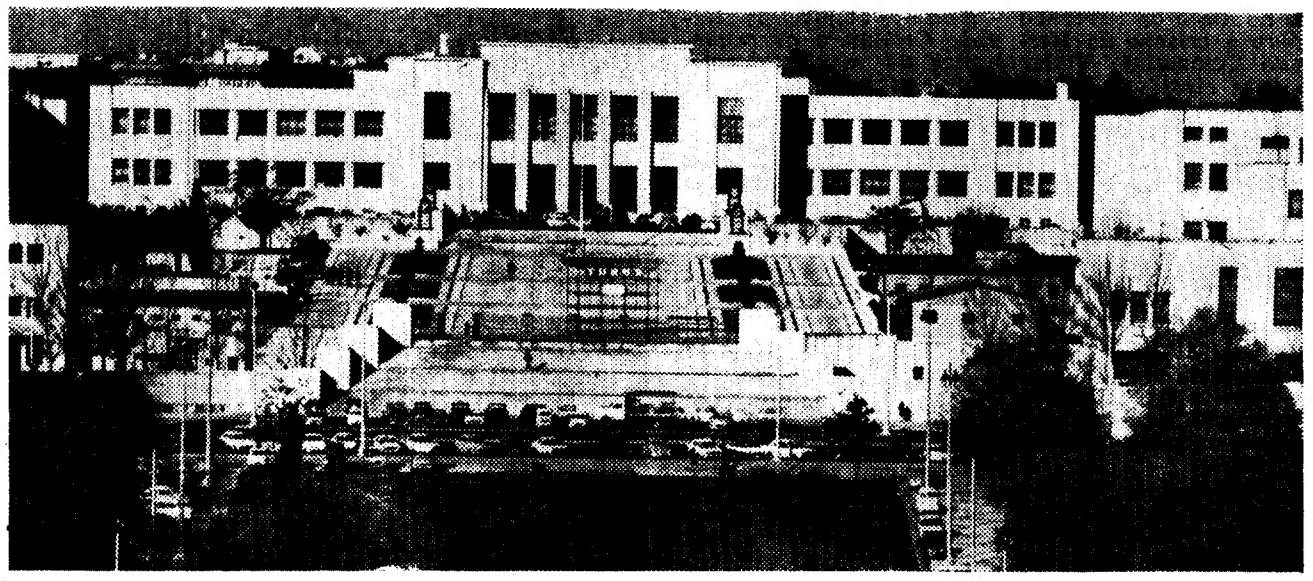
Começar pela definição dos objectivos? Parece que sim. Só estabelecida uma primeira hipótese para a finalidade do técnico se poderá dar sentido á sua reforma. Deverá o Técnico formar, em conjunto com as outras escolas de engenharia, todos os engenheiros de que necessita o País ou apenas os que puder, com um racional aproveitamento das suas possibilidades? Da resposta a esta interrogação dependerão os critérios de selecção no acesso, os métodos de apuramento, a variedade de cursos, etc.

Deverá o Técnico formar engenheiros moldáveis ás tarefas que a indústria e as organizações profissionais lhes propõem ou, pelo contrário, engenheiros preparados para o exercício de uma actividade crítica em relação ás estruturas em que se irão integrar? O tipo de ensino será totalmente diferente conforme a decisão tomada.

Parece assente ser função da universidade a assimilação e transmissão de conhecimentos e a produção de novos conhecimentos através da investigação? Que tipo de investigação? Quem estabelece as prioridades de investigação?

Toda a investigação que o País, se propõe fazer? Ou apenas a necessária á formação de professores e alunos, deixando a tarefa maior ás organizações profissionais ou ás próprias actividades económicas?

Ao mesmo tempo que os objectivos, há que repensar as estruturas universitárias. Poder-se-á pensar numa simples adaptação das estruturas actuais: administrativas, de gestão, de planeamento e reforma, pedagógicas, etc? A resposta pode ser encontrada nas opiniões de algumas autoridades universitárias. O prof.. Veiga Simão, na sessão de abertura do ano escolar em curso, na Universidade de Lourenço Marques, referiu a «estrutura paralisante das Faculdades, a estabelecer barreiras estanques no desenvolvimento do conhecimento». Mais adiante, disse que «o panorama torna-se mesmo depressivo ao inquirirmos da organização administrativa» e ainda que «o sistema atingiu o ponto de fractura». O vice-reitor da Universidade de Lisboa, na sua tomada de posse, diz que «há que reconhecer que uma estrutura paralisante e pouco maleável, associada á escassez de meios, á falta de instalações, á exiguidade dos corpos docentes e ao conservantismo do ambiente, conduziu á quase estagnação académica e científica das nossas universidades».



Instituto Superior Técnico — um sinal de partida

O I. S. T. não se afasta daquele panorama. São palavras do seu director: «se nos recordarmos de que a organização básica do Instituto data de 1911 e que apenas sofreu modificações, não muito profundas, em 1921 e 1955, forçoso será concluir que ou nada mudou desde então e continuamos a viver na era pré-industrial e social de há cinquenta anos, ou que as estruturas do nosso ensino se encontram irremediàvelmente ultrapassadas».

É geral o acordo quanto à necessidade de alterar radicalmente a organização da Universidade. Mas quais deverão ser as novas estruturas?

Tentemos pensar um pouco no assunto. Se a Universidade tem de responder e actuar numa sociedade em rápida evolução, então deverá ter estruturas permanentemente evolutivas, o que exige a tão propalada autonomia. Esta autonomia não pode ser entendida como a liberdade de vegetar, mas sim a de viver a vida própria de uma instituição plenamente responsável e responsabilizada perante a sociedade que serve.

As estruturas da Universidade terão de reflectir as suas inter-relações com o meio social e económico em que se insere. O diálogo Universidade-sociedade deverá estar institucionalizado.

Na ordem interna, assiste-se, no momento, a uma tomada de consciência, pelo corpo discente, do seu papel e das suas responsabilidades no funcionamento das instituições de ensino. As relações aluno-professor estão em revisão. A participação dos alunos em decisões importantes é já um facto, nalgumas escolas superiores. Porque não institucionalizar também este diálogo interno, legítimo e necessário? Os novos órgãos universitários, quer os de gestão, quer os de consulta e apoio, não podem já funcionar com verdade, sem a participação efectiva de todos os elementos da comunidade universitária.

Se a nova Universidade, no caso particular, o novo I. S. T., for capaz de se organizar em estruturas suficientemente dinâmicas, capazes de decidir da sua própria evolução e capazes de introduzir as necessárias reformas de métodos pedagógicos, de planos de estudo, de pessoal docente, então poder-se-á contar com uma evolução positiva. Se, pelo contrário, quiser seguir os caminhos fáceis, tão experimentados e de tão pouco êxito, das reformas parcelares, sem modificação radical da sua organização, dentro de um ou dois anos estará como no início: incapaz de acompanhar e influenciar um mundo que não pára.

Paul Ricoeur, perante o dilema que parecia posto à Universidade francesa, de um lado «um projecto reformista, baseado no possível e no razoável», e do outro lado um «projecto revolucionário, total e inesgotável», propõe uma terceira via: «reformar, continuando revolucionário; a arte do legislador, nos tempos mais próximos, será pôr a funcionar instituições ligeiras, revogáveis, reparáveis, abertas a um processo interno de revisão e a um processo externo de contestação.»

Darcy Ribeiro, na sua notável obra «A Universidade Necessária», propõe também um processo contínuo — definir, *em cada momento* e o mais objectivamente possível, uma Universidade que, antes de existir no mundo das coisas, exista como *um projecto*, uma utopia, no mundo das ideias. Esta utopia, perseguida continuamente pelo evoluir da Universidade, servirá de plano orientador de toda a acção.

Eis em resumo, o desafio lançado a quantos, no Técnico, pensam na reforma. O primeiro passo será fazer funcionar, com coragem, com animo e com verdade, os mecanismos necessários à definição e perseguição de uma Universidade utópica, no sentido de Darcy Ribeiro. Terá o Técnico a coragem, o ânimo e a verdade necessários para os pôr a funcionar?

A contagem de anos para concessão de férias

tem a palavra o leitor

Tem o vosso conceituado jornal, e em especial o suplemento «Mesa-Redondia», através do vosso colaborador Marcelo Curto, feito várias considerações sobre o contrato individual de trabalho, ultimamente legislado pelo Decreto-Lei n.º 49 408.

Acontece que o referido contrato, no que se refere ao capítulo de férias, é sujeito a várias opiniões, mas até agora não li qualquer interpretação em termos deferidos.

Para efeitos da concessão de dias de férias, como é feita a contagem de anos de serviço, desde a data de admissão numa empresa onde se trabalhe actualmente.

Agradecia, caso fosse possível, que esse vosso colaborador explicasse como é feita tal contagem, pois tenho a certeza de que muitas são as pessoas que continuam na dúvida. E como sabe quem perde são sempre os mais fracos. Os que têm direito a essa regalia são sempre prejudicados pelas explicações dadas pelos patrões. Para que o favor seja completo, haverá possibilidades de a explicação ser dada com exemplos. Espero que sim.

JUSTINO RELVAS
RODRIGUES LIMA

ESCLARECIMENTO

O Decreto-Lei 49408, de 24 de Novembro de 1969, em vigor desde 1 de Janeiro do ano corrente retoma o sistema da Lei 1952 e refere as férias do serviço prestado no ano anterior. Não se exige, expressamente, o bom e efectivo serviço para o trabalhador ter direito a férias, mas as faltas injustificadas importam perda de dias de férias á razão de três faltas para um dia.

Quanto á contagem dos anos para a duração das férias, se se tratar do primeiro ano de serviço do trabalhador, este tem direito a seis dias de férias se prestar 90 dias de serviço no ano civil seguinte ao da sua admissão. (Art. 55.º n.º 3 do citado decreto-lei).

Nos anos civis seguintes ao da admissão a contagem dos anos de serviço refere-se sempre ao fim do ano civil em que as férias vão ser gozadas, (final do n.º 1 do artigo 57.º). Por exemplo: um trabalhador que entrou para o serviço de uma empresa em 30 de Novembro de 1969 terá direito ás primeiras férias (6 dias), a partir de 31 de Março de 1970 e a partir de 1 de Janeiro de 1971 terá direito já a 12 dias de férias, pois que neste ano civil completa dois anos de serviço, embora (por hipótese se gozar férias em Junho de 71 possa ainda não ter completado os dois anos de serviço efectivo para mudar de escalão (de 6 para 12 dias).

Esperamos ter assim esclarecido muito sumàriamente o nosso leitor quanto a contagem dos anos de serviço para efeitos de duração de férias do trabalhador.

DL MESA REDONDA

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA» — 6 DE MARÇO DE 1970 — N.º 35